

SÓNIA MARIA SOARES JOAQUIM

**O PAPEL DO TURISMO PARA A CONVERGÊNCIA
DOS AÇORES**

Dissertação de Mestrado em Gestão Pública

Orientador: Professor Doutor António José Vasconcelos Franco Gomes de Menezes

Co-orientador: Professor Doutor José António Cabral Vieira

**Universidade dos Açores
Departamento de Economia e Gestão
Ponta Delgada, 2004**

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho de dissertação é, em muitos momentos, uma tarefa árdua e solitária, e o único meio de reconhecer o apoio obtido neste percurso é expressar, sob esta forma, os meus sinceros agradecimentos.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Prof. Dr. António Gomes de Menezes e ao Prof. Dr. José Cabral Vieira pela orientação dedicada e competente.

Ao Prof. Dr. Mário Fortuna, pelos comentários e sugestões.

Ao Prof. Dr. Aldónio Ferreira, acima de tudo um amigo, pela revisão do texto e pelos comentários.

Ao Dr. Manuel Melo, do SREA, pela eficácia com que sempre respondeu à solicitação de dados estatísticos.

À Dra. Ana Taveira e Maria de Deus, pelas pesquisas bibliográficas efectuadas.

Aos colegas da Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas, pelo apoio e estímulo.

Aos amigos do mestrado, que sempre incentivaram e tiveram palavras amigas nos momentos de maior insatisfação.

À minha família e amigos pelos inúmeros momentos ausente e menor dedicação.

Finalmente, ao João, um agradecimento muito especial.

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|------------|
| Índice de Tabelas | IV |
| Índice de Figuras | V |
| Siglas | VII |
| Introdução | 1 |
| PARTE I Enquadramento e Diagnóstico | 6 |
| 1. Convergência e Crescimento Económico..... | 6 |
| 2. Açores: uma das Regiões mais pobres da Europa | 9 |
| 2.1. Estrutura Sectorial do VAB | 10 |
| 3. Caracterização do Mercado de Trabalho | 14 |
| PARTE II Importância Económica do Turismo: O Efeito Multiplicador | 20 |
| 1. O Multiplicador do Turismo na Economia Regional | 23 |
| PARTE III Síntese do Sector Turístico na Região Autónoma dos Açores | 29 |
| 1. Oportunidades e Ameaças para o Desenvolvimento do Turismo | 29 |
| 2. Actividade Turística | 32 |
| PARTE IV Caracterização do Problema a Analisar | 38 |
| PARTE V Descrição do Método de Análise: Decomposição do PIB <i>per capita</i> | 39 |
| PARTE VI Cenários Criados: Enquadramento e Contexto | 44 |
| 1. Oferta de Trabalho: Cenários Propostos | 44 |
| 1.1. Determinação da Oferta de Trabalho..... | 45 |
| 2. Procura de Trabalho | 46 |
| 2.2. Determinação da Procura de Trabalho..... | 47 |
| 3. Efeito Multiplicador: Impacto do Emprego no Turismo para o Número de Camas a Criar | 48 |
| 4. Outros Pressupostos Considerados: Evolução das Variáveis Comuns aos Cenários | 49 |
| 4.3. População Total..... | 49 |
| 4.4. Taxa de Desemprego | 50 |
| 4.5. Taxa de Emprego | 51 |
| 4.6. Taxa de Actividade do País | 52 |
| 4.7. Nível de Produtividade | 52 |
| PARTE VII Cenário 1: Convergência da Taxa de Actividade Regional com a do País | 53 |
| 1. Descrição Geral do Cenário..... | 53 |
| 2. Taxa de Actividade Simulada | 53 |
| 3. Resultados Obtidos..... | 55 |
| PARTE VIII Cenário 2: Extrapolação da Taxa de Actividade Regional Histórica | 58 |
| 1. Descrição Geral do Cenário..... | 58 |
| 2. Taxa de Actividade Simulada | 58 |
| 3. Resultados Obtidos..... | 60 |

| | |
|--|-----------|
| PARTE IX Cenário 3: Convergência da Taxa de Actividade Regional com a da Região Autónoma da Madeira | 63 |
| 1. Descrição Geral do Cenário..... | 63 |
| 2. Taxa de Actividade Simulada | 63 |
| 3. Resultados Obtidos..... | 65 |
| Conclusão | 67 |
| Apêndice | 70 |
| Referências Bibliográficas..... | 86 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1. Convergência com a UE (Açores e País, 1995-1998)..... | 7 |
| Tabela 2. Convergência do PIB per capita com o País (Algarve, Açores e Madeira, 1995-2001)..... | 8 |
| Tabela 3. VAB por Sectores de Actividade (RAA, 1995 – 2001) | 13 |
| Tabela 4. Emprego por Sectores de Actividade (RAA, 1992-2003)..... | 15 |
| Tabela 5. Taxa de Emprego por Sectores de Actividade (RAA e outras Regiões da UE 15, 2002)..... | 15 |
| Tabela 6. Taxa de Desemprego (RAA e outras Regiões da UE 15, 1992-2002) | 16 |
| Tabela 7. Critérios de Regionalização do VAB Turístico..... | 27 |
| Tabela 8. Composição do VAB Turístico, por Regiões, 1995 | 27 |
| Tabela 9. Distribuição Proporcional do VAB Turístico, por Actividade, e por Regiões..... | 28 |
| Tabela 10. Evolução de Número de Hóspedes, por Tipo de Alojamento e Residência (RAA, 2000-2003) | 35 |
| Tabela 11. Evolução de Número de Dormidas, por Tipo de Alojamento e Residência (RAA, 2000-2003) | 35 |
| Tabela 12. Componentes do PIB per capita e Nível de Convergência (Açores e País, 1995-2003)..... | 41 |
| Tabela 13. Descrição e distribuição das Variáveis do Crystal Ball – Cenário 1..... | 54 |
| Tabela 14. Quadro Macroeconómico (principais agregados) – Cenário 1..... | 55 |
| Tabela 15. Descrição e distribuição das Variáveis do Crystal Ball – Cenário 2..... | 59 |
| Tabela 16. Quadro Macroeconómico (principais agregados) – Cenário 2..... | 61 |
| Tabela 17. Descrição e distribuição das Variáveis do Crystal Ball – Cenário 3..... | 64 |
| Tabela 18. Quadro Macroeconómico (principais agregados) – Cenário 3..... | 65 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| <i>Figura 1.</i> Nível de Convergência (RAA e outras Regiões da UE 15)..... | 8 |
| <i>Figura 2.</i> Crescimento do PIB (RAA e outras Regiões da UE 15, 1995-2001) | 8 |
| <i>Figura 3.</i> Produtividade (Açores e País, 1995-2001) | 8 |
| <i>Figura 4.</i> Triângulo das Fraquezas e Barreiras ao Desenvolvimento | 10 |
| <i>Figura 5.</i> Evolução da Taxa de Actividade (Açores e País, 1992-2003) | 18 |
| <i>Figura 6.</i> Pirâmide Etária (RAA, 2001) | 18 |
| <i>Figura 7.</i> Evolução Demográfica (RAA, 1992-2015) | 18 |
| <i>Figura 8.</i> Representação Esquemática do Quadro de Entradas – Saídas das Actividades Turísticas | 24 |
| <i>Figura 9.</i> Evolução do Número de Estabelecimentos Hoteleiros (RAA, 1989-2003)..... | 32 |
| <i>Figura 10.</i> Evolução da Capacidade de Alojamento (RAA, 1989-2003)..... | 32 |
| <i>Figura 11.</i> Estabelecimentos, por Tipologia (RAA, 2002-2003) | 33 |
| <i>Figura 12.</i> Estabelecimentos Hoteleiros, por Ilha, 2003..... | 33 |
| <i>Figura 13.</i> Capacidade de Alojamento, por Tipologia (RAA, 2002-2003) | 33 |
| <i>Figura 14.</i> Evolução do Movimento dos Turistas (RAA, 1989-2003) | 34 |
| <i>Figura 15.</i> Taxa de Ocupação (RAA, 2003) | 35 |
| <i>Figura 16.</i> Pessoal ao Serviço, por Tipologia (RAA, 2000-2003) | 36 |
| <i>Figura 17.</i> Camas por Empregado (RAA, 2000-2003)..... | 36 |
| <i>Figura 18.</i> Despesas com Pessoal, por Tipologia (RAA, 2000-2003) | 36 |
| <i>Figura 19.</i> Receitas Totais e de Aposentos em Hotelaria Tradicional (RAA, 2000-2003) | 37 |
| <i>Figura 20.</i> Receitas Totais e de Aposentos em Turismo em Espaço Rural (RAA, 2000-2003) | 37 |
| <i>Figura 21.</i> Receitas Totais e de Aposentos em Casas de Hóspedes (RAA, 2000-2003) | 37 |
| <i>Figura 22.</i> Análise de Sensibilidade das variáveis Emprego Total e Emprego no Turismo – Cenário 1 | 55 |
| <i>Figura 23.</i> Distribuição de Frequência da variável Emprego Total – Cenário 1 | 56 |
| <i>Figura 24.</i> Distribuição de Frequência da variável Emprego no Turismo – Cenário 1..... | 57 |
| <i>Figura 25.</i> Análise de Sensibilidade das variáveis Emprego Total e Emprego no Turismo – Cenário 2 | 60 |

| | |
|--|----|
| <i>Figura 26.</i> Distribuição de Frequência da variável Emprego Total – Cenário 2 | 62 |
| <i>Figura 27.</i> Distribuição de Frequência da variável Emprego no Turismo – Cenário 2..... | 62 |
| <i>Figura 28.</i> Análise de Sensibilidade das variáveis Emprego Total e Emprego no Turismo – Cenário 3 | 64 |
| <i>Figura 29.</i> Distribuição de Frequência da variável Emprego Total – Cenário 3 | 66 |
| <i>Figura 30.</i> Distribuição de Frequência da variável Emprego no Turismo – Cenário 3..... | 66 |

SIGLAS

| | |
|---------------|--|
| INE | Instituto Nacional de Estatística |
| OMT | Organização Mundial do Turismo |
| PIB | Produto Interno Bruto |
| PMP | Plano de Investimentos a Médio Prazo da Região Autónoma dos Açores |
| POTRAA | Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores |
| PPC | Paridade de Poder de Compra |
| QCA | Quadro Comunitário de Apoio |
| RAA | Região Autónoma dos Açores |
| RAM | Região Autónoma da Madeira |
| SREA | Serviço Regional de Estatística dos Açores |
| UE | União Europeia |
| VAB | Valor Acrescentado Bruto |
| ZEE | Zona Económica Exclusiva |

INTRODUÇÃO

O tema que se apresenta, "O Papel do Turismo para a Convergência dos Açores", assume, na actualidade, uma grande relevância prática, estando no centro dos debates e das decisões políticas.

Importantes diplomas legais, como a Lei de Finanças das Regiões Autónomas e o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, vinculam a Região a garantir o desenvolvimento económico e social, a eliminar as desigualdades resultantes da situação de insularidade e de ultraperiferia, bem como ao esforço no sentido da convergência económica com o País e com a União Europeia (UE).

A estratégia de desenvolvimento da Região com vista à convergência parte da identificação de uma série de problemas estruturais, onde os mais relevantes estão associados à baixa produtividade e aos factores de competitividade externa, e têm em conta um conjunto de oportunidades que podem ser exploradas para reduzir a gravidade dos estrangulamentos existentes (Plano Regional de Médio Prazo, 2001-2004).

Durante as décadas de sessenta e setenta, do século XX, a economia regional foi marcada pela inexistência de actividades emergentes e por uma agricultura ultrapassada, que ocasionaram fortes surtos de emigração e que se reflectiram em transformações económicas e da estrutura do emprego (Fortuna, 2002).

No decurso dos anos 90, e até 2003, os dados estatísticos produzidos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA) mostram uma transformação da estrutura sectorial do PIB, caracterizada pela perda de relevância, e um certo esgotamento, do sector primário em prol de um crescimento moderado do sector secundário e da crescente notoriedade do sector terciário; em 1995, 11,54% do VAB foi gerado pelo sector primário, 18,03%, pelo sector secundário, e 75,64%, pelo sector terciário, valores relativos que passaram, em 2001, para 9,11%, 17,75% e 78,31%, respectivamente.

A tendência da alteração da base económica tem repercussões no mercado de trabalho no sentido de um aumento da taxa de emprego (entre 1992 e 2003 passou de 94,9% para 97,2%) absorvida, exclusivamente, pelos sectores que se

têm vindo a assumir como grandes impulsionadores do emprego: o sector terciário (a sua representatividade na taxa de emprego passou de 56,6%, em 1992, para 58,6%, em 2003) e o da construção (entre 1992 e 2003, o seu peso na taxa de emprego passou de 10,9% para 18,04%). O sector primário não só não atrai mão-de-obra, como ainda perde activos (entre 1992 e 2003, o peso relativo sobre a taxa de emprego passou de 19,4% para 13,1%).

Neste cenário de mudanças económicas e do emprego, o turismo oferece perspectivas para um desenvolvimento económico e social, perspectivas estas que proporcionam uma alternativa para a intensificação da actividade económica e, por conseguinte, para a convergência real com vista à coesão económica e social (Resolução do Parlamento Europeu, de 11 de Junho de 1991 - Doc. A3-0155/91).

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (2002), o turismo assume uma importância significativa na economia mundial; envolve milhões de pessoas e é um dos segmentos económicos que mais tem crescido no mundo. Entre 1950 e 1999, a taxa de crescimento média anual do número de chegadas internacionais situou-se nos 7%, enquanto sectores como a agricultura e indústria têm apresentado um crescimento médio anual de 2,3% e 3%, respectivamente (Banco Mundial, 2001).

Em algumas regiões, com características semelhantes às dos Açores, o sector do turismo revelou-se um importante motor de desenvolvimento económico e de transformações sociais. Oliveira (1992) aponta as regiões que eram consideradas como as mais pobres da Europa e que melhoraram consideravelmente a sua posição e atingiram uma prosperidade considerável. Aquele autor dá o exemplo das ilhas Baleares, que passaram a ser das Regiões mais ricas de Espanha, tal como Rodes e muitas Regiões dos Alpes.

Para além do papel extremamente positivo enquanto actividade económica, o turismo funciona como fonte geradora de postos de trabalho (Resolução do Parlamento Europeu, de 11 de Junho de 1991 - Doc. A3-0155/91), dada a natureza dos empregos que cria.

Na União Europeia (UE), as actividades directamente ligadas aos produtos e serviços de turismo representavam 5,5% do PIB e 6% do emprego total. Estudos

recentes indicam que, até 2010, o turismo poderá criar entre 2,2 e 3,3 milhões de postos de trabalho na UE (Deloitte & Touche, 2002).

Lopes, referido por Filho (2002), refere que alguns países, principalmente aqueles que estão em desenvolvimento, vêem o turismo como uma actividade propulsora de desenvolvimento, gerando rendimento e emprego. Para Metten (1992), o turismo constitui uma indústria intensiva em mão-de-obra. Oliveira (1992) salienta que os Estados-membros mais dependentes do turismo – Portugal, Espanha e Grécia – são também os que não dispõem de sectores alternativos da actividade económica que poderiam substituir o turismo como fonte de emprego.

Não obstante a sua importância indiscutível, e reconhecida, o turismo é, ainda, um sector pouco significativo na RAA: segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), o VAB gerado pelo sector passou de 1,5%, em 1995, para 1,7%, em 2001 e o número de activos empregues aumentou de 2 427, em 1992, para 4 948, em 2003.

Contudo, além das transformações estruturais do PIB e do emprego, atrás referidas, importa ter presente a pressão positiva que deve surgir no mercado de trabalho regional, consubstanciada em modificações estruturais da população activa, designadamente:

- maior participação da população activa no mercado de trabalho: apesar da taxa de actividade feminina continuar baixa quando comparada com a do País – dista 15,6 pontos percentuais da taxa nacional (30,6% *versus* 46,2%, em 2003), registou um aumento de 5 pontos percentuais no período de 1992 a 2003; e
- evidência de uma população jovem na estrutura etária regional: não obstante os cenários considerados nas Projecções da População Residente em Portugal (INE), construídos para o período 2000 a 2050, apontarem para um envelhecimento da população, o Plano Regional de Emprego (2003) refere que nos próximos 12 anos (até 2015) mais de 50 000 jovens irão integrar o mercado de trabalho.

Num contexto em que se antevê o aumento gradual da população activa, e conhecidos os efeitos directos e indirectos do turismo no emprego, parece razoável aceitar-se que seja este o principal sector a absorver tal aumento. A questão que

se coloca, agora, é aferir em que medida o desenvolvimento do sector do turismo, na Região, se reflectirá na convergência com o restante território nacional.

Utilizando uma metodologia baseada na decomposição do PIB *per capita* em três componentes: produtividade, taxa de emprego e taxa de actividade, constitui objectivo do presente trabalho concluir sobre o impacto da componente *taxa de actividade* no nível de convergência da Região com o País e contribuir, ainda que parcialmente, para um forte argumento no sentido de uma correcta exploração das oportunidades que o turismo proporciona para o crescimento económico e para a criação de postos de trabalho.

Na medida em que a maior participação no mercado de trabalho favorece o crescimento do PIB, a criação de empregos é uma das vantagens visíveis da economia (Leal, 1990) e pode contribuir para eliminar as diferenças do rendimento *per capita* actualmente existentes (em 2003, o nível de convergência da Região com o País era de 82,4%).

Para ilustrar esta possibilidade, admite-se a estabilização do PIB *per capita* do País, ao nível registado em 2003, nas suas componentes produtividade e taxa de actividade. A taxa de emprego sofrerá as alterações resultantes, por um lado, da diminuição da população total, conforme as previsões demográficas elaboradas pelo INE, e por outro lado, da manutenção da taxa de desemprego no valor histórico do período de 1992 a 2003 (ou seja, 5,5%).

A nível regional, quantificam-se cenários que ilustram diferentes projecções de evolução das taxas de actividade feminina e masculina, até 2015, concretamente:

- Cenário 1 - convergência da taxa de actividade regional com a nacional;
- Cenário 2 - extrapolação da taxa de actividade regional histórica; e
- Cenário 3 - convergência da taxa de actividade regional com a da Região Autónoma da Madeira.

Pressupondo a estagnação da taxa de desemprego ao nível da taxa média do valor histórico, no período de 1992 a 2003, e perante os cenários definidos, haverá um aumento da procura de trabalho que será absorvida, de forma diferenciada, por cada um dos sectores de actividade.

Conhecidas as alterações estruturais na Região e, por outro lado, o efeito directo e indirecto do turismo sobre o mercado de trabalho (efeito multiplicador) assume-se que a evolução da procura de trabalho apresente um comportamento de estagnação, em valor absoluto e ao nível dos dados registados em 2003, no número de empregados em cada sector de actividade, à excepção do turismo, o qual, pelo seu efeito multiplicador sobre o emprego, irá absorver o aumento do emprego por via do incremento na taxa de actividade.

O efeito directo do turismo sobre o emprego no número de camas a criar será analisado com recurso à estrutura do VAB turístico, no ramo do alojamento, referido em Silva *et al.* (1999).

De forma a dar maior fiabilidade às projecções utilizadas, recorreu-se à análise de sensibilidade da aplicação *Crystal Ball*.

Os resultados alcançados pelos cenários construídos indicam que o turismo pode constituir um importante sector para a convergência entre a Região e o País, no entanto, e para que sejam salvaguardadas as características próprias e naturais da Região, há que delimitar e definir as estratégias de desenvolvimento de forma a garantir a correcta afectação sectorial do aumento da oferta de trabalho que se prevê até 2015.

O trabalho reparte-se em nove partes. Na primeira parte faz-se o enquadramento e diagnóstico do tema. Na segunda parte aborda-se a importância económica do sector do turismo e na terceira parte apresentam-se dados actualizados do sector na economia regional. Na quarta parte descreve-se o método de análise utilizado: decomposição do PIB *per capita*. Na quinta parte apresenta-se a metodologia e tratamento de dados. Na sexta parte apresentam-se os resultados e as principais conclusões formuladas no cenário 1, na sétima parte apresentam-se os resultados e as principais conclusões formuladas no cenário 2 e na nona parte apresentam-se os resultados e as principais conclusões formuladas no cenário 3.

O trabalho termina com a apresentação das conclusões gerais e sugestões para outros estudos.

No apêndice apresenta-se a base de dados utilizada.

PARTE I

ENQUADRAMENTO E DIAGNÓSTICO

1. Convergência e Crescimento Económico

Diversos aspectos justificam, por si só, o interesse pelo estudo da convergência da Região com o País, e assim, com a Europa.

Os Fundos Estruturais, primeiramente introduzidos em 1989 e posteriormente reforçados em 1994 e 2000, foram desenvolvidos no sentido do reforço da coesão económica e social, onde o objectivo único foi criar condições para o crescimento sustentado do PIB regional, promovendo a crescente participação dos agentes privados na actividade económica apoiando, assim, o reforço da competitividade da economia.

O Programa de Estabilidade e Crescimento – 2003-2006, define como um dos objectivos fundamentais da política económica em Portugal o aceleração do processo de convergência real com a média da UE.

A Lei de Finanças das Regiões Autónomas e o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores vinculam a Região a garantir os instrumentos adequados à promoção do desenvolvimento económico e social, a eliminar as desigualdades resultantes da situação de insularidade e de ultraperiferia bem como ao esforço de convergência económica com o restante território nacional e com a UE.

As metas propostas no Plano Regional a Médio Prazo (2001-2004) visam a redução progressiva dos desequilíbrios existentes em relação aos valores médios projectados para o resto do país, através da modernização da actividade produtiva em que a Região detém vantagens comparativas, paralelamente a um esforço de diversificação da produção regional.

As análises sobre coesão regional ou de desenvolvimento económico comparado entre as regiões centram-se sobre os valores da produtividade¹ e do PIB *per capita*, por regiões, sendo estes estabelecidos, quer em relação à média nacional, quer em relação à média europeia.

Tomando o PIB *per capita*, medido em paridade de poder de compra (PPC)², como indicador de referência para a análise de convergência observa-se que os Açores, no período de 1995 a 2001, convergiram com os valores médios da UE (Tabela 1), ao contrário do que se verificou para o conjunto do País, em que se apura um afastamento: no período 1995-98 o PIB *per capita* regional apresentava um nível de convergência de 51%, passando para 54,5%, no período 1999-2001.

No que se refere ao País, no período de 1995-2001 houve uma divergência de 2,4 pontos percentuais.

**Tabela 1. Convergência com a UE
(Açores e País, 1995-1998)**

| | Convergência com a UE (PIB per capita PPC) | | |
|----------|--|------------------|-----------------|
| | 95-98 (UE15=100) | 99-01 (UE15=100) | 2001 (UE25=100) |
| Açores | 51 | 54,5 | 61,2 |
| Nacional | 73 | 70,6 | 77,6 |

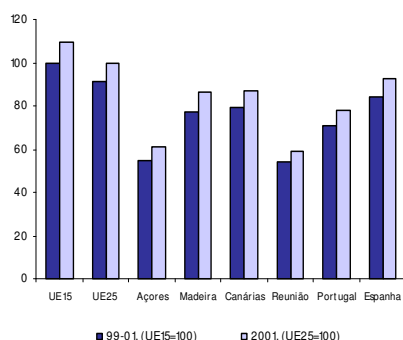
Fonte: Plano Anual 2004; Terceiro Relatório sobre a Coesão Económica e Social

A análise comparativa de evolução do PIB dos Açores, do País e de algumas regiões da UE permite observar, no período 1995-2001, uma taxa média de crescimento superior à registada na UE 15 e UE 25 no seu todo (Figura 1), facto que contribuiu visivelmente para a convergência (Figura 2); nos Açores a taxa de crescimento foi de 3,9%, mais 0,4 pontos percentuais que o registado a nível do País e mais 1,4 e 1,3 pontos percentuais, respectivamente, da média comunitária (UE 15 e UE 25).

¹ Os dois indicadores – PIB per capita e produtividade – são duas medidas distintas, mas complementares, sobre a mesma realidade económica: no primeiro caso, o PIB gerado numa região é relacionado com a população residente nesse mesmo território económico; no caso da produtividade, com o emprego que lhe corresponde.

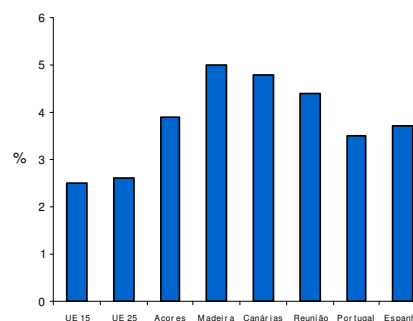
² O PIB per capita, quando medido em paridade de poder de compra (PPC), mostra o efeito real na economia deixando de lado aspectos nominais como a inflação ou a apreciação da moeda (Martin *et al.*, 2004).

**Figura 1. Nível de Convergência
(RAA e outras Regiões da UE 15)**



Fonte: Terceiro Relatório sobre a Coesão Económica e Social

**Figura 2. Crescimento do PIB
(RAA e outras Regiões da UE 15, 1995-2001)**



Fonte: Terceiro Relatório sobre a Coesão Económica e Social

Os dados históricos relativos ao nível de convergência do PIB *per capita* das diferentes regiões do país, tomando como referência o todo nacional, em termos de PPC (Tabela 2), permite observar que os maiores índices foram registados na Região Autónoma da Madeira e no Algarve (ambas consideradas regiões turísticas), sendo que os Açores, apesar de apresentarem menor ritmo, manifestaram clara tendência de convergência.

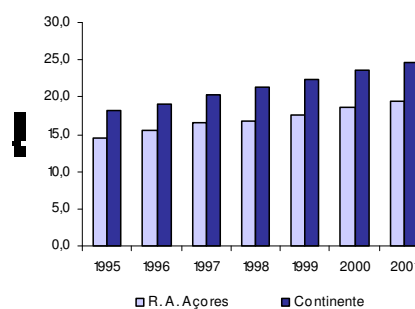
**Tabela 2. Convergência do PIB per capita com o País
(Algarve, Açores e Madeira, 1995-2001)**

| PIB per capita (em índice PT=100) | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|--------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| Portugal | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 | 100 |
| Algarve | 99 | 98 | 98 | 97 | 97 | 101 | 104 |
| Açores | 75 | 75 | 73 | 73 | 76 | 78 | 79 |
| Madeira | 97 | 97 | 103 | 107 | 108 | 119 | 112 |

Fonte: SREA

A comparação dos indicadores PIB *per capita* e produtividade revela que, em relação ao conjunto da economia nacional, é maior o desequilíbrio entre a capitação da produção interna (70% da média nacional) do que o nível da produtividade (80% da média nacional) (Figura 3).

**Figura 3. Produtividade
(Açores e País, 1995-2001)**



Fonte: Cálculos a partir de dados do INE

2. Açores: uma das Regiões mais pobres da Europa

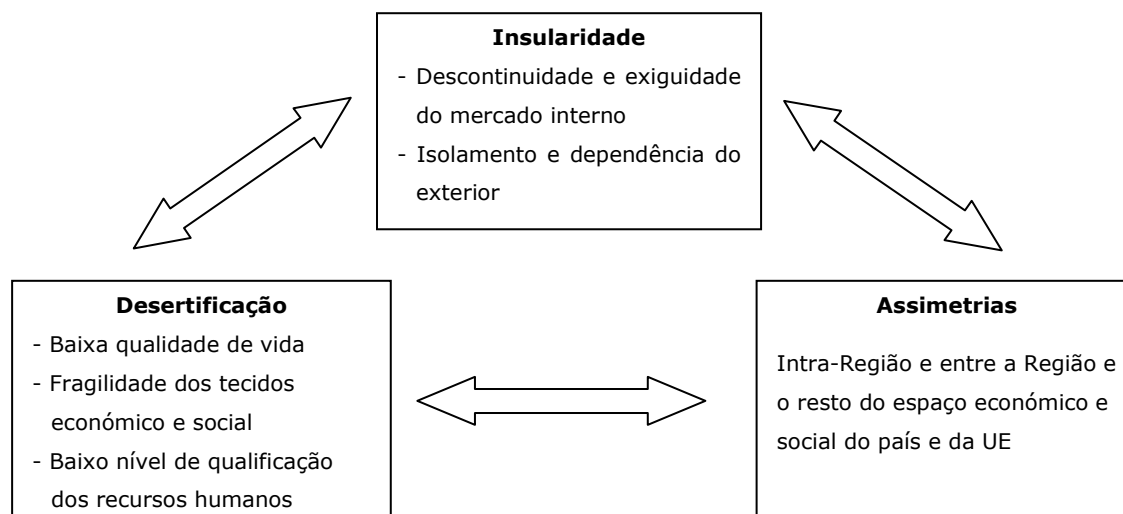
O nível de desenvolvimento da RAA situa-se abaixo da média nacional e é um dos mais baixos no contexto das regiões europeias.

Os Açores apresentam adversidades que constituem um obstáculo estrutural ao desenvolvimento e que suportam a condição política regional na UE de *Objectivo 1* e *Ultraperiferia*³; a característica insular e descontínua do território (9 ilhas ocupando uma área de 2,3 mil km² espalhadas por uma área oceânica de 66.000 km²), a origem vulcânica e a difícil orografia condicionam o desenvolvimento de um mercado interno minimamente integrado e inviabilizam o aproveitamento de economias de escala na provisão de bens públicos, e a consequente redução dos custos de produção.

As assimetrias regionais acima expostas reflectem-se na falta de competitividade da economia em mercado aberto, donde resultam, naturalmente, implicações negativas para a economia:

- Impedem a adequada estruturação do território;
- Inviabilizam a existência de um mercado açoriano, mas sim uma justaposição de nove pequenos mercados, tantos quantos as ilhas que compõem o Arquipélago, o que, para além de constituir uma condicionante penalizante ao investimento público e privado, traduz-se em importantes sobrecustos de transporte e comunicações, na necessidade de multiplicação de infra-estruturas e equipamentos de base e numa grande dependência dos transportes marítimo e aéreo para a mobilidade de pessoas e bens;
- Conduzem à escassez de recursos primários (água, energia e solo); e
- Favorecem o isolamento, atendendo ao afastamento em relação ao continente europeu, e a elevada dependência do exterior.

³ A característica de ultraperifericidade é reconhecida pela União Europeia para qualificar as regiões com determinadas características comuns (carácter insular ou quase insular, afastamento do território comunitário, PIB inferior a metade da média europeia) com o objectivo de encontrar uma resposta comum e corrente às suas necessidades e permitir, assim, a participação plena destas regiões no mercado único e na UE.

Figura 4. Triângulo das Fraquezas e Barreiras ao Desenvolvimento

Fonte: Construído a partir do Relatório *INTERREG III-B, Espaço de Cooperação Açores, Madeira e Canárias* (2001).

2.1. Estrutura Sectorial do VAB

Uma das principais causas do menor desenvolvimento económico nas regiões menos prósperas da UE, apontadas pelo Segundo Relatório sobre a Coesão Económica e Social, é a concentração de actividades em sectores de baixo valor acrescentado.

Num passado recente, a economia açoriana era fortemente dependente do sector primário (Fortuna, 1993) devido, essencialmente, aos condicionalismos naturais favoráveis ao seu desenvolvimento – condições propícias à agro-pecuária e alguma disponibilidade de recursos (pesca). Actualmente, e exceptuando-se a produção de leite que, nos últimos anos, tem evidenciado tendência de crescimento, o sector tem apresentado tendência negativa:

- está restringido a factores climáticos e orográficos, assim como pela dimensão da superfície com aptidão para o cultivo. A topografia acidentada, o declive elevado ou intermédio e a erosão são determinantes para a reduzida dimensão das explorações, ao mesmo tempo que dificultam o seu acesso e mecanização;

- a transformação dos produtos primários exige alguma proximidade dos locais de obtenção de matéria-prima e dos mercados consumidores;
- apesar das significativas alterações estruturais introduzidas nos últimos anos, as explorações agrícolas continuam a evidenciar carências ao nível dos recursos humanos, com significativo envelhecimento do tecido empresarial⁴. De acordo com os dados do SREA, algumas das principais culturas industriais – beterraba e batata – diminuíram a produtividade; entre 1991 e 2001, houve uma quebra da produção em 2.955 toneladas (-24,8%) e 2.463 toneladas (-28,8%), respectivamente;
- problemas de sobre-exploração da pesca tradicional, onde as capturas têm vindo a registar diminuições significativas, o mesmo acontecendo ao nível do número de pescadores matriculados; entre 1991 e 2001, houve um decréscimo de 5.930 toneladas (-46,1%) do total de capturas e entre 1997 e 1998, um decréscimo de 5,9% dos pescadores matriculados (dados do SREA); e
- no período de 1991 a 2001 a exportação de gado bovino vivo registou um crescimento de 775 cabeças (+1,7%) e a exportação em carcaça, uma diminuição de 6.007 cabeças (-96,7%) (a partir dos dados do SREA).

A acrescer à situação já pouco favorável, o desenvolvimento do sector primário na RAA é confrontado com o alargamento da UE e com políticas restritivas relativas à imposição da quota leiteira e à limitação da ZEE das 200 para as 100 milhas, o que leva a antever, pelo menos, uma estagnação no nível de crescimento do sector.

No que respeita ao sector secundário, está delimitado pelo baixo conteúdo tecnológico da maioria dos bens produzidos e pela configuração do mercado, o qual proporciona uma reduzida procura interna e uma alta dependência do exterior no que se refere ao aprovisionamento e custos mais elevados devido ao afastamento geográfico das ilhas.

A actividade industrial tem fraco dinamismo na economia regional; predominam as indústrias tradicionais, especialmente alimentação, bebidas e tabaco, e as indústrias extractivas e de transformação de matérias-primas, o que não motiva

⁴ Recenseamento Agrícola (1999).

grandes interesses e não propicia grandes oportunidades de investimento (INTERREG III-B, Espaço de Cooperação Açores, Madeira e Canárias, 2001).

O sector energético é o mais condicionado pelo mercado de natureza arquipelágica, em que factores estritos de rentabilidade económica colidem com necessidades e imperativos sociais, o que origina uma elevada dependência face ao exterior, sobrecustos elevados e dificuldades no aprovisionamento, preços e tarifas elevados para a actividade produtiva e, em alguns casos, falta de qualidade da energia eléctrica fornecida.

O ramo da construção, apesar de ter conhecido um período de maior desenvolvimento ocasionado pela reconstrução resultante das catástrofes que assolaram o Arquipélago e pela diminuição das taxas de juro, que fomentaram um crescimento considerável da procura de habitação (Fortuna, 2002), é uma actividade condicionada pela escassez de solo.

O sector terciário, nomeadamente a estrutura do sector comercial dos Açores, evidencia traços específicos decorrentes da natureza insular e dispersa do território, donde sobressai o número elevado de grossistas, de dimensão e capacidade financeira débil, alguns operando também a jusante na função retalhista. Por outro lado, existe um número relativamente diminuto de consumidores por estabelecimento, com implicações ao nível da dimensão e da obtenção de economias de escala e com repercussões na rentabilidade das empresas e na formação dos preços.

Em 2001, cerca 9,1% do VAB, foi gerado pelo sector primário, cerca de 17,8% pela indústria, e cerca de 78,3% pelos serviços (Tabela 3). A importância assumida pelos transportes, administração pública, saúde e educação deve-se à dispersão do território e à necessidade de multiplicação de serviços públicos pelas 9 ilhas do arquipélago de forma a garantir equidade na oferta de determinados bens e serviços indispensáveis.

Tabela 3. VAB por Sectores de Actividade
(RAA, 1995 – 2001)

| A17: CAE Rev.2 | Sector de Actividade | Unid.: milhões de euros | | | | | |
|-------------------|--|-------------------------|------------|--------------|------------|--------------|------------|
| | | 1995 | % | 1998 | % | 2001 | % |
| A | Agricultura, produção animal, caça e silvicultura | 118 | 9,5 | 131 | 8,7 | 140 | 7,2 |
| B | Pesca | 26 | 2,1 | 33 | 2,2 | 36 | 1,9 |
| C | Indústrias extractivas | 4 | 0,3 | 7 | 0,5 | 8 | 0,4 |
| D | Indústrias transformadoras | 94 | 7,5 | 126 | 8,4 | 135 | 7,0 |
| E | Produção e distribuição de electricidade, gás e água | 23 | 1,8 | 33 | 2,2 | 52 | 2,7 |
| F | Construção | 104 | 8,3 | 134 | 8,9 | 148 | 7,7 |
| G | Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis, motociclos e de bens de uso pessoal e doméstico | 145 | 11,6 | 173 | 11,5 | 221 | 11,4 |
| H | Alojamento e restauração (restaurantes e similares) | 19 | 1,5 | 26 | 1,7 | 32 | 1,7 |
| I | Transportes, armazenagem e comunicações | 148 | 11,9 | 178 | 11,9 | 222 | 11,5 |
| J | Actividades financeiras | 60 | 4,8 | 61 | 4,1 | 88 | 4,6 |
| K | Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas | 129 | 10,3 | 143 | 9,5 | 179 | 9,3 |
| L | Administração pública, defesa e segurança social obrigatória | 215 | 17,2 | 264 | 17,6 | 358 | 18,5 |
| M | Educação | 81 | 6,5 | 101 | 6,7 | 172 | 8,9 |
| N | Saúde e acção social | 99 | 7,9 | 111 | 7,4 | 157 | 8,1 |
| O | Outras actividades de serviços colectivos, sociais e pessoais | 36 | 2,9 | 41 | 2,7 | 66 | 3,4 |
| P | Famílias com empregados domésticos | 12 | 1,0 | 15 | 1,0 | 18 | 0,9 |
| | Sub-total | 1.313 | 105,2 | 1.577 | ### | 2.033 | 105,2 |
| SIFIM | Serviços de Intermediação Financeira Indirectamente Medidos | -65 | -5,2 | -78 | -5,2 | -101 | -5,2 |
| | Total | 1.248 | 100 | 1.499 | 100 | 1.932 | 100 |

Fonte: INE, *Contas Regionais, 1995-2001*

Sem nunca ter tido um sector secundário muito significativo, a evolução sectorial sugere que os Açores estão a passar de uma economia baseada fundamentalmente na agricultura para uma economia com uma forte componente de serviços, onde a estrutura produtiva regional revela a necessidade de dinamização de novas alternativas, onde se destaca o turismo.

Apesar de, na mesma Tabela 3, se verificar um contributo diminuto do sector de alojamento e restauração para o VAB (no período de 1995 a 2001 variou entre 1,5% e 1,7%), o turismo é um sector emergente e com grande potencial de crescimento constituindo, no contexto actual de globalização económica, um elemento-chave para a melhoria da competitividade, de reforço da base económica regional.

Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT) (2002), o turismo assume uma importância significativa na economia mundial; envolve milhões de pessoas e é um dos segmentos económicos que mais tem crescido no mundo.

Para além do papel extremamente positivo enquanto actividade económica, o turismo tem um efeito multiplicador sobre o emprego, dada a natureza de empregos que cria. Na medida em que a maior participação no mercado de

trabalho favorece o crescimento do PIB, a criação de empregos é uma das vantagens visíveis da economia (Leal, 1990) e pode contribuir para eliminar as diferenças do rendimento *per capita* actualmente existentes (em 2003, o nível de convergência da Região com o País era de 82,4%).

Neste contexto, a evolução do turismo com vista à diminuição do *gap* no nível de convergência dos Açores com o Continente, está fortemente condicionado pelo desenvolvimento do mercado de trabalho. Importa, por isso, aferir sobre como se caracteriza, actualmente, a população potencialmente activa e como deverá evoluir num futuro próximo.

3. Caracterização do Mercado de Trabalho

As alterações sectoriais do VAB, referidas no ponto anterior, são mais pronunciadas quando se analisa a distribuição do emprego por sectores de actividade. De facto, em termos de importância na criação de emprego, na Região, os sectores primário e terciário inverteram as suas posições.

Efectivamente, no período de 1992 a 2003, a evolução da estrutura sectorial regional do emprego traduziu-se no reforço do peso do sector terciário; por um lado o mau desempenho do emprego nos sectores primário e secundário (caracterizado, no primeiro caso, pela não absorção de novos activos e pelo envelhecimento da população lá empregue) reforçou a estrutura do emprego do sector terciário (Castro, 2000), e por outro lado, o surto de novas unidades hoteleiras propiciou um maior crescimento dos serviços associados àquele sector (Fortuna, 2002) e assim ao fomento do emprego.

A Tabela 4 sintetiza o número de activos, por sectores de actividade, na Região. Em 2001, o sector primário ocupava cerca de 13,5% do emprego, a indústria, cerca de 29,11% e os serviços, cerca de 57,4%, o que realça a importância que a terciarização da economia está a assumir. Em 1992, o sector de hotelaria e restauração empregava 2 427 pessoas, passando a empregar, em 2003, 4 948 activos.

**Tabela 4. Emprego por Sectores de Actividade
(RAA, 1992-2003)**

Unid.: Número de pessoas

| | 1992 | 1995 | 1998 | 2001 | 2003 |
|-----------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|
| Agricultura, Silvicultura e Pesca | 17 375 | 16 842 | 16 556 | 13 869 | 13 174 |
| Indústria, Produção e Construção | 22 243 | 19 713 | 22 121 | 27 564 | 28 454 |
| Serviços | 50 590 | 51 332 | 55 888 | 56 245 | 58 988 |
| <i>Comércio por Grosso</i> | 11 662 | 12 157 | 13 369 | 12 505 | 12 598 |
| <i>Alojamento e Restauração</i> | 2 427 | 3 592 | 3 467 | 4 580 | 4 948 |
| <i>Administração Pública</i> | 10 429 | 10 933 | 11 128 | 11 828 | 11 813 |
| Total | 90 208 | 87 887 | 94 565 | 97 678 | 100 616 |

Fonte: SREA

A tendência no sentido do aumento da população empregada, de forma preponderante, no sector dos serviços é unânime para a média da UE 15 e as Regiões consideradas na Tabela 5.

**Tabela 5. Taxa de Emprego por Sectores de Actividade
(RAA e outras Regiões da UE 15, 2002)**

Unid: %

| | Sector I | Sector II | Sector II |
|-----------------|----------|-----------|-----------|
| UE 15 | 4,0 | 28,2 | 67,7 |
| Açores | 13,7 | 29,1 | 57,2 |
| Madeira | 12,8 | 27,4 | 59,8 |
| Canárias | 4,6 | 21,3 | 74,1 |
| Reunião | 1,7 | 12,9 | 85,4 |
| Espanha | 5,9 | 31,2 | 62,9 |
| Portugal | 12,4 | 33,9 | 53,8 |

Fonte: Terceiro Relatório sobre a Coesão Económica e Social

Na UE, entre 1990 e 1999, o emprego nos serviços aumentou em cerca de 12 milhões de postos de trabalho, enquanto que nos restantes sectores diminuiu 9 milhões (Segundo Relatório sobre a Coesão Económica e Social).

Apesar de uma economia fraca e de baixo nível de desenvolvimento, historicamente, e ainda na actualidade, os Açores apresentam taxas de desemprego moderadas.

A Tabela 6 mostra que a taxa de desemprego dos Açores, juntamente com a da Região Autónoma da Madeira, é a que se apresenta mais favorável relativamente à média da UE 15: em 1992, a taxa registada foi de 3,7%, e em 2002, de 2,5%.

Tabela 6. Taxa de Desemprego
(RAA e outras Regiões da UE 15, 1992-2002)

| | Unid.: % | |
|-----------------|----------|------|
| | 1992 | 2002 |
| UE 15 | 8,9 | 7,8 |
| Açores | 3,7 | 2,5 |
| Madeira | 3,3 | 2,5 |
| Canárias | 24,3 | 11,1 |
| Reunião | .. | 29,3 |
| Espanha | 17,5 | 11,4 |
| Portugal | 4,1 | 5,1 |

Fonte: Terceiro Relatório sobre a Coesão Económica e Social

Esta realidade esteve associada, basicamente, ao volume de população masculina em idade activa e à forte tradição de emigração da população local, a maioria em idade activa, amortecendo, assim, o efeito desemprego. Entre 1960 e 1991, a população dos Açores passou de 327 mil habitantes para cerca de 238 mil, ou seja, houve perda de um terço do efectivo populacional (Programa Operacional para o Desenvolvimento Económico e Social dos Açores, 2000).

Presentemente, o mercado de trabalho açoriano está perante mudanças estruturais profundas, quer em termos de volume, quer em termos de composição, com evidentes pressões ao nível das taxas de participação. Veja-se: as prioridades definidas pelo Conselho da União Europeia, a 12 de Janeiro de 2000, no âmbito da Estratégia Europeia para o Emprego, apontam para o aumento da taxa de emprego feminino e para a criação de emprego no sector dos serviços, ao mesmo tempo que o Segundo Relatório sobre Coesão Económica e Social realça que, nos últimos dez anos, o número de mulheres empregadas na UE tem vindo a aumentar significativamente; a população açoriana é considerada das mais jovens da estrutura demográfica europeia; em paralelo, a emigração é já um fenómeno muito moderado.

O aumento da "feminização" do trabalho resulta de diversos factores, designadamente demográficos, económicos e sociais (Government of British Columbia, 2000), dos quais se destacam:

1. maior produtividade das tarefas domésticas;
2. diferente estrutura familiar, resultante, principalmente, da menor taxa de fertilidade; e

3. rede de serviços e equipamentos sociais públicos/privados que garante o acolhimento de crianças e idosos, nomeadamente creches, jardins de infância.

Ao longo do século XIX, referem Rocha *et al.* (1999), existiu uma tendência comum aos países ocidentais no sentido de um forte crescimento dos índices de actividade feminina na composição da população activa.

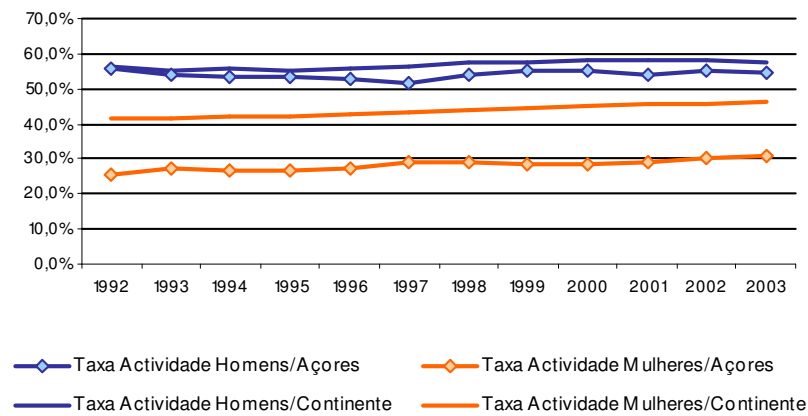
Para Pigeon *et al.* (1999), o aumento das taxas de actividade da população activa feminina pode dever-se a alterações culturais que, no passado, limitavam a sua entrada no mercado de trabalho.

Já para Anxo e Fagan (2000), o crescimento do sector dos serviços, pelas condições de empregabilidade que oferece quando comparado com o primário ou secundário, tem favorecido a entrada das mulheres no mercado de trabalho, o que, por sua vez, e por implicações deste aumento da oferta de trabalho feminino, faz com que seja possível o crescimento daquele sector.

Apesar da taxa de actividade feminina na Região se manter baixa quando comparada com a do País – dista 15,6 pontos percentuais da taxa nacional (30,6% *versus* 46,2%, em 2003) – a participação da população activa no mercado de trabalho registou um aumento de 5 pontos percentuais no período de 1992 a 2003.

O comportamento da taxa de actividade demonstra a evolução da componente feminina, já que, entre 1992 e 2003, a taxa de actividade masculina terá mesmo diminuído. A mulher representa, hoje (2003), 35,6% da população activa, face a 32,4% em 1992 (Figura 5), sendo que estes 3,2 pontos percentuais foram conquistados, essencialmente, no sector terciário.

**Figura 5. Evolução da Taxa de Actividade
(Açores e País, 1992-2003)**

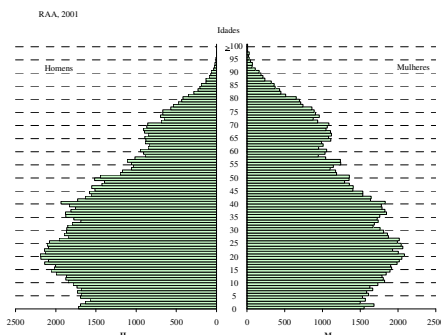


Fonte: SREA

Pigeon *et al.* (1999) concluíram que a maior parte do crescimento da taxa de emprego, a longo prazo, nos E.U.A., deveu-se ao aumento na taxa de actividade da população activa do sexo feminino.

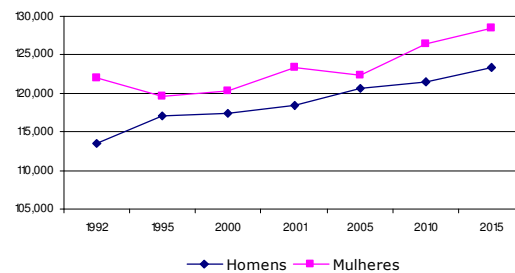
Apesar dos dados demográficos retratarem a diminuição da fecundidade e um certo envelhecimento da população, a estrutura etária da população recenseada mostra a existência de uma população jovem (Figura 6). A crescer, as projecções do INE revelam que, em 2015, os Açores, teriam uma população total de 251 868 indivíduos, o que, contrastando com os 241 763 indivíduos registados nos *Censos 2001*, representa um aumento de cerca de 4,18%. Daqueles, 125 589 (49%) serão homens e 126 279 (51%) mulheres (Figura 7).

**Figura 6. Pirâmide Etária
(RAA, 2001)**



Fonte: SREA

**Figura 7. Evolução Demográfica
(RAA, 1992-2015)**



Fonte: INE

O Plano Regional de Emprego (2003) prevê que, nos próximos 12 anos (ou seja, até 2015) mais de 50 000 jovens irão integrar o mercado de trabalho. A curto prazo, a implicação desta realidade é a diminuição da taxa de actividade dos jovens, por via do aumento do tempo de permanência no sistema de ensino (Castro, 2000), compensada, contudo, a longo prazo.

Pela situação descrita, espera-se, num futuro próximo, o incremento das taxas de actividade, essencialmente impulsionado pela população potencialmente activa feminina e jovem. Ora, tal incremento, pela natureza da população activa que o constitui, não irá integrar o sector primário ou secundário, ou, se o fizer, será em níveis diminutos, mas sim, principalmente, o sector terciário, nomeadamente o ramo de alojamento e restauração.

Conclui-se, portanto, existirem condições propícias, ao nível de oferta de trabalho, para o desenvolvimento do turismo.

PARTE II

IMPORTÂNCIA ECONÓMICA DO TURISMO: O EFEITO MULTIPLICADOR

São vários os fundamentos que justificam o desenvolvimento de um estudo sobre o turismo; em diversas economias, em que a opção de desenvolvimento se baseou na especialização do turismo, foram registadas elevadas taxas de crescimento.

Oliveira (1992) refere que o turismo, como actividade económica, tem sido reconhecido como especialmente importante no apoio às economias de regiões menos favorecidas porque permite uma taxa de crescimento mais rápida.

Brau, Lanza e Pigliaru (2003) compararam as taxas de crescimento, no período de 1980-95 de 14 países que se especializaram no turismo. Concluíram que os países com uma base económica assente naquele sector cresceram significativamente mais rápido que outros países considerados na análise.

Outras evidências podem ser encontradas nas regiões ultraperiféricas da UE: os arquipélagos da Madeira e Canárias especializaram-se no turismo e na última década apresentaram rápidas taxas de crescimento, enquanto que outras regiões, como os Açores, que se desenvolveram, fundamentalmente, a partir do sector primário não acompanharam este ritmo de crescimento (Fortuna & Vieira, 2003).

Stynes, referido por Barbosa (2002), afirma que a forma mais utilizada para avaliar a contribuição da actividade turística para a economia de uma região é o estudo de impacto económico do turismo.

De acordo com Barbosa (2002), as implicações mais comuns de uma análise do impacto económico do turismo são:

- Mudanças na oferta do sector – podem envolver mudanças quantitativas (abertura ou encerramento de hotéis e atractivos), originando uma expansão ou contracção da capacidade, ou mudanças qualitativas (melhorar a infra-estrutura local, natureza dos produtos e serviços disponíveis na região);

- Mudança na procura turística, na população e na posição competitiva da região que resultará, provavelmente, em alterações no número de turistas para a região e na despesa turística;
- Entender a estrutura económica e as interdependências entre os diferentes sectores na economia local. Os estudos económicos ajudam a mensurar o tamanho e a estrutura do sector de turismo em determinada região, e sua ligação com os demais sectores económicos; e
- Comparar os impactos económicos em diferentes alternativas de imputação de recursos para o desenvolvimento local. Este estudo poderá servir para incentivar os gastos públicos no sector de turismo ou mesmo a obtenção de tratamento diferenciado relativo a outros sectores da economia.

A entrada de dinheiro na economia nas suas diversas formas – investimento, gastos dos turistas, gastos do Estado – estimula a economia e este é o denominado “efeito multiplicador” (Lundberg, 1995).

Barbosa (2002) refere que o “efeito multiplicador” é citado frequentemente como forma de aferir os efeitos secundários do gasto turístico e prova do grande alcance dos seus benefícios em diferentes sectores da economia. Refere que Os gastos turísticos têm um efeito cascata sobre a economia; começam com os turistas gastando nos serviços chamados “front line”, como transporte, hotéis e restaurantes, que são drenados para o resto da economia.

O estudo dos multiplicadores é frequentemente utilizado em estudos de impacto do turismo. Quando o turismo traz retorno sobre alterações na economia local é necessário uma medida para estimar os impactos na indústria e na economia. Cada economia tem as suas próprias características no sentido de que uma economia pode estar muito dependente das importações e outras podem depender mais da sua própria oferta (produção).

Lundberg (1995) agrega os multiplicadores do turismo em dois tipos:

Tipo I – inclui os efeitos directos e indirectos;

Tipo II – inclui os efeitos directos, indirectos e induzidos.

Os efeitos directos traduzem-se em variações nas vendas, emprego e rendimento como resultado dos impactos associados, directamente, com os gastos dos turistas em bens e serviços (Fletcher & Snee, referidos por Filho, 2002 e Lundberg, 1995).

De acordo com Lundberg (1995), os efeitos indirectos medem as variações nas vendas, emprego e rendimento como resultado dos impactos associados, indirectamente, com os gastos dos turistas em outros serviços.

Em Filho (2002), a receita gerada pelos gastos dos turistas circula dentro da economia o que gera efeitos directos e indirectos no nível de rendimento da economia por meio do pagamento recebido pelo uso dos factores de produção.

Ainda de acordo com aquele autor, parte deste rendimento será poupado e outra parte para pagar as despesas das famílias com bens e serviços produzidos por todos os sectores, causando receita gerada pela actividade turística.

Já para Barbosa (2002), o efeito induzido é aquele que é gerado através dos salários, alugueres e juros recebidos da actividade turística e que resultam de outras actividades económicas.

A análise desenvolvida nesta perspectiva permite concluir qual o efeito directo no turismo resultante da criação de mais postos de trabalho. Este efeito directo traduzir-se-á no número de camas necessárias para absorver o excedente de mão-de-obra.

As acções decorrentes das actividades turísticas num determinado país ou região criam, geralmente, maior oportunidade de emprego do que as realizadas em qualquer outro sector do sistema económico nacional, por se tratar de prestação de serviços e, como tal, dependerem de muita de mão-de-obra.

Lage e Milone (1991) fazem considerações específicas sobre o efeito multiplicador do emprego. Argumentam que este efeito simboliza as alterações da oferta de emprego causadas pela variação inicial no nível de gastos turísticos.

Como os diversos sectores de actividade são interdependentes, uma variação do produto ocasionado por uma procura externa para um sector irá trazer variações aos outros sectores económicos.

Por exemplo, se o número de turistas aumentar, os seus gastos, nas mais diversas áreas, também irão aumentar, pelo que o efeito não se restringe aos hotéis.

Para além disso, o rendimento e o emprego também irão aumentar quando os sectores relacionados com o turismo aumentarem a sua produção. Devido ao incremento no rendimento, os empregados em todos estes sectores vão consumir mais que anteriormente e isso trará um efeito induzido na produção em todos os sectores económicos.

Para Miller e Blair, referidos por Filho (2002), as informações de um modelo input-output podem ser usadas para estimar os efeitos sobre uma economia, em resultado de variações ocorridas em elementos que são exógenos ao modelo construído para uma dada economia.

1. O Multiplicador do Turismo na Economia Regional

Silva *et al.* (1999) construíram um modelo para quantificar o impacto do turismo na economia nacional e regional, através da determinação do VAB gerado pelo turismo – *VAB Turístico no sector de Alojamento e Restauração*.

Para tal, desenvolveram um *Quadro de Entradas – Saídas das Actividades Turísticas* (Figura 8), utilizado numa extensão do Quadro de Entradas – Saídas estabelecido pelo Sistema de Contas Nacionais 93 (SNC93).

Figura 8. Representação Esquemática do Quadro de Entradas – Saídas das Actividades Turísticas

| Ramos Não Turísticos | Ramos Turísticos | Procura Final Turística | Procura Final Não Turística |
|---|---|-------------------------|-----------------------------|
| X_{NN} | X_{NT} | Y_{NT} | Y_{NN} |
| X_{TN} | X_{TT} | Y_{TT} | Y_{TN} |
| V_N Valor Acrescentado Não Turístico | V_T Valor Acrescentado Turístico | | |
| P_N Produção Efectiva Não Turística | P_T Produção Efectiva Turística | | |
| M_N Importações de Ramos Não Turísticos | M_T Importações de Ramos Turísticos | | |
| R_N Recursos Totais Ramos Não Turísticos | R_T Recursos Totais Ramos Turísticos | | |

Fonte: Silva et al. (1999), *O Impacte do Turismo na Economia Portuguesa*

Para quantificar os efeitos produzidos pelo turismo sobre o sistema económico foram aplicados multiplicadores de produção sobre os vectores registados no Quadro de Entradas – Saídas das Actividades Turísticas.

O processo de cálculo dos multiplicadores de produção baseou-se numa metodologia assente nos coeficientes da procura turística interna e na matriz inversa de Leontief.

Os coeficientes da procura turística interna são calculados através da divisão do consumo turístico interno pelo consumo turístico total. Para cada ramo de actividade calcularam os seguintes coeficientes:

$$T_i^* = \frac{CPT_i - CPTM_i}{\sum_i CPT_i}$$

Onde:

T_i - Coeficiente da procura turística interna satisfeita pelo ramo i ;

CPT_i - Consumo Privado Turístico satisfeito pelo ramo i ;

$CPTM_i$ - Consumo Privado Turístico de produtos do ramo i satisfeito por importações;

$\sum CPT_i$ - Consumo Privado Turístico total.

Procedendo de igual forma para cada um dos ramos de actividade, obtém-se o vector:

$$T^* = \begin{bmatrix} T_1^* \\ T_i^* \\ T_n^* \end{bmatrix},$$

de "coeficientes internos" da procura turística total, que permite delimitar, a partir de uma dada procura turística global, o valor que vai incidir directamente na produção interna de cada ramo de actividade, ou seja, quantifica, em forma de coeficientes, os efeitos directos da procura turística total sobre a produção.

A matriz coluna resultante do produto $(I - A)^{-1}T^*$ proporciona os multiplicadores sectoriais totais de produção derivados da procura turística. Estes medem o incremento da produção que se deve afectar ao ramo i por cada unidade monetária adicional de procura turística global. O somatório de todos eles resulta no multiplicador total da produção que se gera no conjunto do sistema económico a partir da procura turística.

De forma análoga, foram calculados os multiplicadores, ou coeficientes da procura turística, sobre os restantes indicadores macroeconómicos: valor acrescentado bruto, excedente bruto de exploração, remunerações e importações.

Considerando apenas o caso do VAB, foi calculado o respectivo coeficiente da seguinte forma:

$$[VAB^*] = \begin{bmatrix} VAB_1^* \\ VAB_i^* \\ VAB_n^* \end{bmatrix}, \text{ onde } VAB_i^* = \frac{VAB_i}{Produção_i}$$

O produto de cada elemento do vector T^* pelo correspondente coeficiente de VAB mostra os efeitos directos da procura turística sobre o VAB do ramo de actividade correspondente, e portanto, a soma dos diferentes coeficientes sectoriais representa o impacto directo gerado sobre o conjunto do sistema económico.

O produto $(I - A)^{-1}T^*$ mede os efeitos directos e indirectos da procura turística sobre a produção. Ao efectuar o produto de cada um dos multiplicadores pelo correspondente coeficiente de VAB para obter os multiplicadores totais da procura turística sobre o VAB. Para calcular os efeitos indirectos da procura turística sobre o VAB, é subtraído o coeficiente correspondente aos efeitos directos do multiplicador de efeitos totais.

A metodologia utilizada para a determinação da regionalização do VAB gerado pelos diferentes ramos turísticos baseou-se nas Contas no Quadro de Entradas e Saídas das Actividades Turísticas.

Para os diferentes ramos turísticos, os critérios e as fontes de informação utilizadas na repartição regional do VAB foram as constantes da Tabela 7.

Tabela 7. Critérios de Regionalização do VAB Turístico

| Ramo Turístico | Critério | Fonte de Informação |
|--|--|---|
| 50 Hotéis e Estab. Similares 51 Outro Alojamento Colectivo 52 Alojamento Privado Alugado | VAB regional da Nomenclatura de Contas Regionais 3402 | Contas Económicas Regionais – INE |
| 53 Residências Secundárias | Região de Destino, para férias, segundo o meio de alojamento | Inquérito às Férias dos Portugueses – INE |
| 54 Restaurantes Tur. e Similares | Número total de dormidas por NUT's II | Inquérito às Férias dos Portugueses e Estatísticas do Turismo – INE |
| 55 Transporte Tur. Cam. Ferro 56 Transporte Tur. Rodoviário | VAB regional da Nomenclatura de Contas Regionais 35 | Contas Económicas Regionais – INE |
| 57 Transporte Aéreo | VAB regional da Nomenclatura de Contas Regionais 36 | Contas Económicas Regionais – INE |
| 58 Aluguer de Automóveis | VAB regional das empresas de aluguer de veículos automóveis | Estatísticas das Empresas – INE |
| 59 Serviços de Apoio ao Turismo | VAB regional das Nomenclaturas de Contas Regionais 3703 e 3704 | Contas Económicas Regionais – INE |
| 60 Serviços Recreativos, Culturais e Desportivos | VAB regional do Alojamento | Contas Económicas Regionais – INE |

Fonte: Silva et al. (1999), *O Impacte do Turismo na Economia Portuguesa*

A distribuição espacial do VAB gerado pela Indústria Turística (Tabela 8) permite medir a contribuição de cada uma das Regiões (a nível NUT's II) e de cada ramo turístico, para a formação do VAB nacional.

Tabela 8. Composição do VAB Turístico, por Regiões, 1995

Unid.: 10⁶ escudos

| | Alojamento | Residências Secundárias | Restaurantes Turísticos e Similares | Transportes | Aluguer de Automóveis | Serviços de Apoio ao Turismo | Serviços Rec., Cult., e Desportivos | Total |
|--------------|----------------|-------------------------|-------------------------------------|---------------|-----------------------|------------------------------|-------------------------------------|----------------|
| Norte | 19 035 | 12 147 | 6 843 | 19 273 | 6 875 | 11 638 | 2 829 | 7 861 |
| Centro | 13 516 | 15 222 | 6 227 | 9 482 | 2 691 | 1 976 | 2 009 | 51 123 |
| Lisboa | 62 507 | 22 150 | 21 003 | 40 385 | 42 075 | 32 731 | 9 289 | 230 140 |
| Alentejo | 4 305 | 4 087 | 2 105 | 2 400 | 6 | 228 | 640 | 13 771 |
| Algarve | 61 829 | 7 566 | 35 749 | 3 799 | 4 082 | 12 525 | 9 188 | 134 737 |
| Açores | 2 312 | 1 266 | 793 | 4 188 | 546 | 2 729 | 344 | 12 176 |
| Madeira | 23 820 | 605 | 13 235 | 5 377 | 716 | 7 442 | 3 540 | 54 734 |
| Total | 187 324 | 63 045 | 85 954 | 84 904 | 56 991 | 69 268 | 27 838 | 575 323 |

Fonte: Silva et al. (1999), *O Impacte do Turismo na Economia Portuguesa*

Os resultados alcançados (Tabela 9) indicam que, nos Açores, o sector de alojamento tem uma expressão de cerca de 29% na formação do VAB turístico. Por

outro lado, destacam-se pelo elevado peso relativo sobre aquele indicador o sector dos transportes (34% do VAB turístico), pela natureza insular do território, e consequente dependência do transporte aéreo internacional e inter-ilhas, e os serviços de apoio ao turismo, onde se incluem, sobretudo, os serviços de agências de viagens (22% do VAB turístico).

Tabela 9. Distribuição Proporcional do VAB Turístico, por Actividade, e por Regiões

| | Alojamento | Residências Secundárias | Restaurantes Turísticos e Similares | Transportes | Aluguer de Automóveis | Serviços de Apoio ao Turismo | Serviços Rec., Cult., e Desportivos | Total |
|----------|------------|-------------------------|-------------------------------------|-------------|-----------------------|------------------------------|-------------------------------------|-------|
| Norte | 24% | 15% | 9% | 25% | 9% | 15% | 4% | 100% |
| Centro | 26% | 30% | 12% | 19% | 5% | 4% | 4% | 100% |
| Lisboa | 27% | 10% | 9% | 18% | 18% | 14% | 4% | 100% |
| Alentejo | 31% | 30% | 15% | 17% | 0% | 2% | 5% | 100% |
| Algarve | 46% | 6% | 27% | 3% | 3% | 9% | 7% | 100% |
| Açores | 19% | 10% | 7% | 34% | 4% | 22% | 3% | 100% |
| Madeira | 44% | 1% | 24% | 10% | 1% | 14% | 6% | 100% |

Fonte: Silva et al. (1999), *O Impacte do Turismo na Economia Portuguesa*

Ainda que se admita alguma insuficiência na informação estatística de base, parece que se está perante uma estrutura de valor acrescentado consideravelmente distorcida e claramente enviesada em benefício dos segmentos de transporte e de organização das viagens. Em compensação, os segmentos de alojamento e restaurantes, que habitualmente são dominantes nas Regiões turísticas, como é o caso do Algarve e Madeira (Tabela 9), nos Açores têm uma expressão relativamente reduzida.

PARTE III

SÍNTESE DO SECTOR TURÍSTICO NA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

1. Oportunidades e Ameaças para o Desenvolvimento do Turismo

O desenvolvimento do sector do turismo, na Região, apresenta um conjunto de oportunidades e ameaças.

| | |
|---------------|--|
| Oportunidades | <ul style="list-style-type: none">• Posição geográfica estratégica e confere um estatuto privilegiado para as relações e os intercâmbios comerciais entre a Europa e os continentes americano e africano. Neste sentido, a política de investimento na modernização das infra-estruturas portuárias e aeroportuárias constitui um elemento essencial para o desenvolvimento das relações económicas (com o exterior e o interior), e assim, do funcionamento global da economia regional, visando uma maior eficiência e especialização do processo de mobilidade de pessoas e bens;• O arquipélago dispõe de um património natural excepcional; o clima favorável e a qualidade e riqueza ambiental natural, caracterizada pela diversidade e elevada proporção de espécies endémicas. |
| Ameaças | <ul style="list-style-type: none">• A pressão urbanística junto às costas, o depósito de resíduos sólidos, muitas vezes utilizando a orla marítima e os cursos de água como receptores mais comuns, a existência de numerosas infra-estruturas marítimas e o tráfego de embarcações;• O processo de erosão, o uso incontrolado dos pesticidas e a introdução de espécies animais ou vegetais diferentes das insulares são outros elementos que constituem um sério perigo para a protecção dos espaços naturais e são questões relevantes e preocupantes na medida em que o seu impacto é muito maior por se tratar de um território de tamanho reduzido e fragmentado. |

A implementação de um turismo de qualidade deve implicar a utilização de critérios de rentabilidade a longo prazo, sem prejudicar os recursos naturais, culturais e ecológicos das ilhas. Contudo, muitas vezes a pressão exercida pela necessidade de alojamentos para o turismo é responsável pela perda de potenciais produtivos (redução da superfície agrícola) e de paisagens de grande valor ambiental, situação que, de acordo com a Resolução do Parlamento Europeu, de 13 de Julho de 1990 (Doc. A5-120/90), merece especial atenção quando a qualidade do meio ambiente constitui o capital de base de uma economia do turismo.

Aquele diploma alerta, ainda, para a necessidade de se elaborar planos de ordenamento territorial que delimitem a capacidade de acolhimento de turistas nos principais pólos de atracção turística pois, em numerosos casos, o desenvolvimento do turismo se processou a expensas do ambiente circundante, sem a existência de qualquer espécie de planeamento, como se tratasse de um bem de consumo renovável. Insta, em consequência, que o desenvolvimento das regiões turísticas seja resultante de um equilíbrio harmonioso no que respeita a aspectos de natureza ecológica e económica.

No caso particular dos Açores, o desenvolvimento actual do turismo traduz-se no aumento quantitativo e qualitativo da oferta de alojamento existente (Plano Regional de Médio Prazo, 2001-2004). Apesar disso, observam-se processos de recuperação e reabilitação de espaços rurais com vista a fomentar a oferta de turismo rural, mantendo o seu valor ecológico e aproveitando o potencial destas zonas, ao mesmo tempo que se encontra em fase de elaboração o Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores (POTRAA), com implementação prevista para 2004 (Plano Regional de Médio Prazo, 2001-2004).

O desenvolvimento do POTRAA visa o reconhecimento de opções estratégicas, na medida em que define o que se quer para os Açores em matéria de turismo, e de ordenamento, porque deverá expressar, em termos territoriais, a componente estratégica. Salientam-se como principais objectivos, os seguintes:

- a) redefinir o posicionamento do destino turístico Açores, em conformidade com um desenvolvimento sustentável e integrado da actividade turística;
- b) melhorar a qualidade do produto turístico regional;
- c) preservar os patrimónios naturais e culturais;

- d) identificar, em cada ilha, as zonas adstritas às diferentes actividades e à localização de novos empreendimentos turísticos, com indicação da respectiva tipologia e da capacidade de carga de cada zona; e
- e) prevenir a degradação do destino, através duma política de turismo sustentável.

A valorização da actividade turística da Região, aliada ao progressivo alargamento da época turística na Região, e consequente intensificação da procura, que se situava em níveis superiores à capacidade hoteleira existente, obrigou à necessidade de estimular o investimento de forma a aumentar significativamente o número de camas, e assim permitir o desenvolvimento, a dinamização e a competitividade do sector.

Alguns dos sistemas de incentivos implementados para o apoio ao investimento foram de âmbito nacional e outros foram especificamente orientados para a estrutura económica regional.

No período posterior ao 25 de Abril de 1974, os incentivos ao investimento privado, de âmbito regional, tiveram tratamento legislativo complexo. Posteriormente, e a par da implementação, e necessidade de continuidade, dos programas sectoriais dos Quadros Comunitários de Apoio (1989-2006) houve que, por um lado, adaptar à realidade económica os diplomas regionais ainda em execução e, por outro lado, instituir um sistema de incentivos específico para a Região Autónoma dos Açores.

A par destas actualizações, o Plano de Consolidação do Turismo desenvolve-se a nível nacional e encontra-se em vigor na RAA. Integra três instrumentos de apoio:

1. dois para vigorar no horizonte temporal 2000-2006; um é o Programa Operacional de Economia (POE), actualmente denominado Programa de Incentivos à Modernização da Economia (PRIME), e o outro, o Programa Nacional de Formação Melhor Turismo, inserido no Programa Operacional de Emprego, Formação e Desenvolvimento Social; e
2. outro para vigorar no período de 2002 a 2004, inclusive — Programa de Intervenções para a Qualificação do Turismo (PIQTUR).

O objectivo fundamental é apoiar, de forma selectiva, a estratégia própria das empresas, visando alcançar maiores níveis de produtividade garantindo, ao mesmo tempo, um desenvolvimento sustentável com vista ao reforço da competitividade.

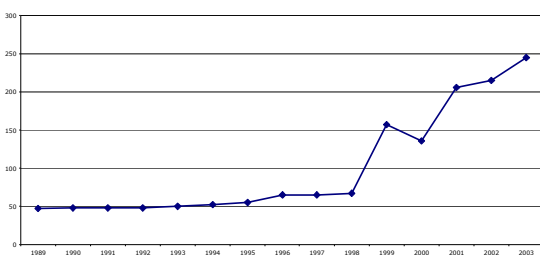
Por último, refere-se os incentivos inseridos no Plano de Investimentos da Região Autónoma dos Açores, que enformam o Programa 7 – Desenvolvimento do Turismo e Programa 10⁵ – Apoio ao Investimento Privado.

2. Actividade Turística

Não obstante os incentivos ao investimento privado terem surgido ainda na década de 70, apenas a partir do ano 2000 o turismo começa a assumir um maior desenvolvimento.

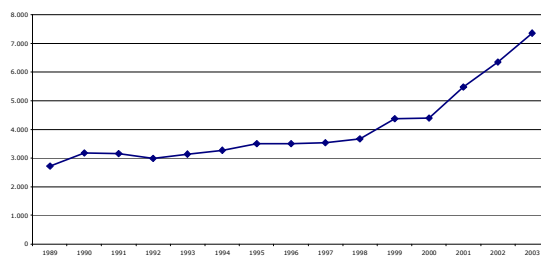
A Figura 9 apresenta a evolução do número de estabelecimentos hoteleiros activos, de 1989 até 2003, e a Figura 10 faz a mesma leitura para a capacidade.

Figura 9. Evolução do Número de Estabelecimentos Hoteleiros (RAA, 1989-2003)



Fonte: SREA

Figura 10. Evolução da Capacidade de Alojamento (RAA, 1989-2003)



Fonte: SREA

Da sua análise, ressalta a tendência de aumento acentuado a partir de 1998.

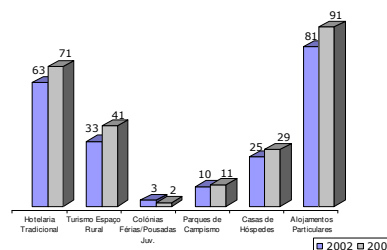
Em 2003, estavam activos 245 estabelecimentos hoteleiros, correspondendo a um crescimento de cerca de 421,27%, relativamente a 1989, ano em que só se registavam estabelecimentos de *hotelaria tradicional*.

Relativamente a 2002, o aumento verificado foi de cerca de 13,95% impulsionado, essencialmente, pelo incremento ao nível da tipologia *hotelaria tradicional*⁶ e *turismo em espaço rural*⁷, que contribuíram, cada qual, com mais 8 unidades (Figura 11).

A ilha que concentra maior número de estabelecimentos hoteleiros é S. Miguel, com 86 unidades, seguindo-se as ilhas Faial, Terceira e Pico, com 48, 42 e 28 unidades, respectivamente. As restantes 41 unidades estão distribuídas pelas outras ilhas (Figura 12).

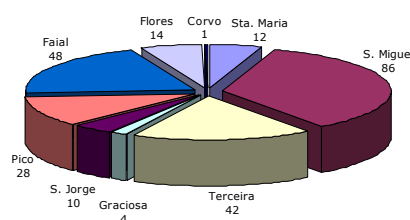
No que respeita à capacidade de alojamento (Figura 13), em Dezembro de 2003, existiam de 7 357 camas, das quais, cerca de 86,9%, concentravam-se em *hotelaria tradicional*. Relativamente ao ano anterior, o aumento verificado foi de cerca de 16,84%, acompanhando, assim, a tendência verificada ao nível do número de estabelecimentos. Para este acréscimo contribuiu o aumento registado em todas as tipologias.

Figura 11. Estabelecimentos, por Tipologia (RAA, 2002-2003)



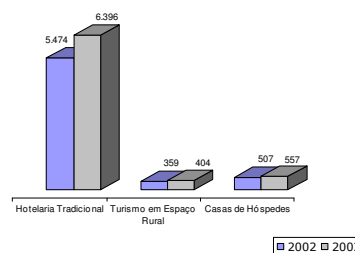
Fonte: SREA

Figura 12. Estabelecimentos Hoteleiros, por Ilha, 2003



Fonte: SREA

Figura 13. Capacidade de Alojamento, por Tipologia (RAA, 2002-2003)



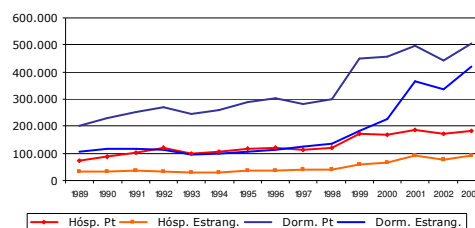
Fonte: SREA

⁵ O Programa 8 – Sistemas de Incentivos ao Turismo integrava um único projecto – Sistemas de Apoio ao Investimento Privado – e vigorou até 2001, tendo sido substituído, no ano seguinte, pelo Programa 10 – Apoio ao Investimento Privado.

⁶ Inclui os hotéis, pensões, hotéis-apartamentos, apartamentos turísticos, aldeamentos turísticos, motéis pousadas e estalagens.

⁷ Abrange o turismo rural, turismo de habitação, agroturismo e casas de campo.

Figura 14. Evolução do Movimento dos Turistas (RAA, 1989-2003)



Fonte: SREA

Como se observa a partir da Figura 14, a evolução do número de hóspedes e dormidas demonstra um movimento irregular mas com tendência crescente. A partir de 1998, ambos os indicadores apresentaram um crescimento bastante acentuado.

A procura tem uma composição baseada no mercado de hóspedes residentes em Portugal, representando cerca de 86% do total.

Apesar do número de hóspedes residentes em Portugal ter registado um aumento de, apenas, 6%, relativamente ao ano transacto, em 2003, o movimento de turistas ascendeu a 273 930 hóspedes.

As dormidas assinalaram um acréscimo de 19%, atingindo 926 022 dormidas, incremento induzido, principalmente, pelos turistas vindos do estrangeiro que tiveram um crescimento de 20% em relação a 2002.

Os principais visitantes, por país de origem, sofreram alterações relativamente aos anos anteriores, em que a supremacia do mercado americano e alemão foi transferida para o nórdico e francês. Os turistas dos Países Nórdicos, que em 1990 representavam apenas 4,9% das dormidas, em 2003 lideraram a participação no conjunto das chegadas de estrangeiros, representando cerca de 37,7%, do total registado, destacando-se, assim, como o principal mercado turístico da Região. A seguir a estes, assumem-se como mercados mais importantes o alemão (14,3%) e o francês (10,2%).

Na última década, o crescimento verificado ao nível de visitas de turistas residentes no estrangeiro cifrou-se em 202,4%.

A análise das Tabelas 10 e 11 permite verificar a perda de representatividade do número de hóspedes e dormidas em *hotelaria tradicional* em detrimento das outras alternativas de alojamento.

Tabela 10. Evolução de Número de Hóspedes, por Tipo de Alojamento e Residência (RAA, 2000-2003)

Unid.: Pessoas

| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|-------------------------------------|---------|---------|---------|---------|
| Portugal | 168.352 | 185.438 | 198.420 | 181.305 |
| Hotelaria Tradicional | 144.781 | 155.755 | 171.481 | 156.450 |
| Turismo em Espaço Rural | 2.690 | 3062 | 3.268 | 2.686 |
| Colónias de Férias/Pousadas de Juv. | 6.745 | 9.045 | 6.764 | 5.774 |
| Parques de Campismo | 5.659 | 7.363 | 7.210 | 6.909 |
| Casas de Hóspedes | 4.577 | 6042 | 5.824 | 5.488 |
| Alojamentos Particulares | 3.900 | 4.171 | 3.873 | 3.998 |
| Estrangeiro | 64.466 | 90.740 | 86.448 | 92.625 |
| Hotelaria Tradicional | 56.753 | 80.237 | 77.244 | 83.346 |
| Turismo em Espaço Rural | 1.472 | 2.660 | 2.303 | 2.350 |
| Colónias de Férias/Pousadas de Juv. | 1.171 | 1.131 | 1.002 | 1.343 |
| Parques de Campismo | 2.285 | 2.787 | 2.384 | 2.206 |
| Casas de Hóspedes | 520 | 1.020 | 1.149 | 1.112 |
| Alojamentos Particulares | 2.265 | 2.905 | 2.366 | 2.268 |

Fonte: SREA

Tabela 11. Evolução de Número de Dormidas, por Tipo de Alojamento e Residência (RAA, 2000-2003)

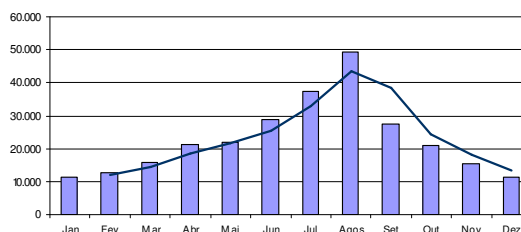
Unid.: Pessoas

| | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|-------------------------------------|---------|---------|---------|---------|
| Portugal | 458.135 | 499.319 | 543.705 | 505.285 |
| Hotelaria Tradicional | 377.480 | 394.045 | 441.392 | 415.320 |
| Turismo em Espaço Rural | 5.608 | 9.162 | 10.632 | 9.980 |
| Colónias de Férias/Pousadas de Juv. | 17.323 | 21.233 | 19.491 | 15.915 |
| Parques de Campismo | 20.952 | 31.934 | 25.618 | 23.300 |
| Casas de Hóspedes | 17.409 | 22.121 | 21.324 | 20.564 |
| Alojamentos Particulares | 19.363 | 20.824 | 25.248 | 20.206 |
| Estrangeiro | 225.350 | 365.447 | 368.573 | 420.737 |
| Hotelaria Tradicional | 201.581 | 324.050 | 335.221 | 388.708 |
| Turismo em Espaço Rural | 3.965 | 8.409 | 7.805 | 6.730 |
| Colónias de Férias/Pousadas de Juv. | 3.517 | 3.683 | 2.879 | 4.128 |
| Parques de Campismo | 6.500 | 13.665 | 8.812 | 8.154 |
| Casas de Hóspedes | 1.476 | 2.967 | 3.866 | 3.106 |
| Alojamentos Particulares | 8.311 | 12.673 | 9.990 | 9.911 |

Fonte: SREA

Ao longo de 2003, a sazonalidade turística, avaliada pela análise aos meses com maior fluxo mensal de visitantes, concentrou-se em Junho, Julho e Agosto, com taxas de visitantes de, respectivamente, 10,5%, 13,7% e 18,02%, do total registado no ano (Figura 15).

Figura 15. Taxa de Ocupação (RAA, 2003)

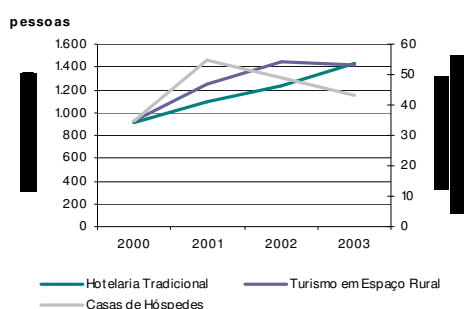


Fonte: SREA

O pessoal ao serviço na *Hotelaria Tradicional* tem vindo a aumentar, verificando-se uma variação positiva, entre 2000 e 2003, de 527 trabalhadores, o que, em termos relativos, corresponde a um incremento de 56,43% (Figura 16).

O número de camas por empregado tem vindo a aumentar. Em 2003 o *ratio* Número Empregados/Capacidade de Alojamento situou-se em 4,79 (Figura 17).

Figura 16. Pessoal ao Serviço, por Tipologia (RAA, 2000-2003)

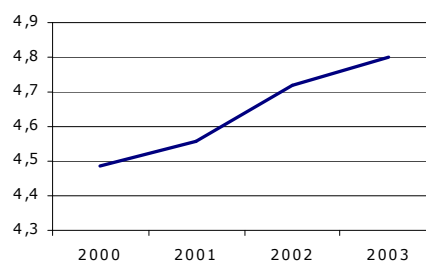


Fonte: SREA

No período de 2000 a 2003, as despesas com pessoal registaram um aumento de cerca de 106,7% (Figura 18).

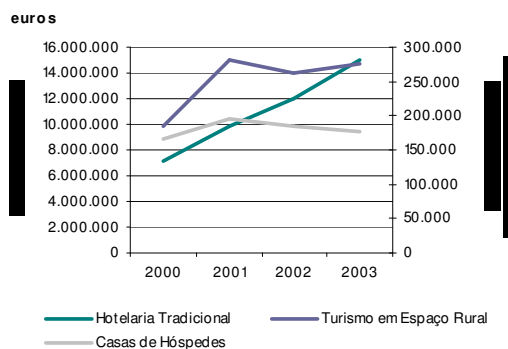
Em 2003, o valor total de despesas com pessoal era de 15,4 milhões de euros.

Figura 17. Camas por Empregado (RAA, 2000-2003)



Fonte: SREA

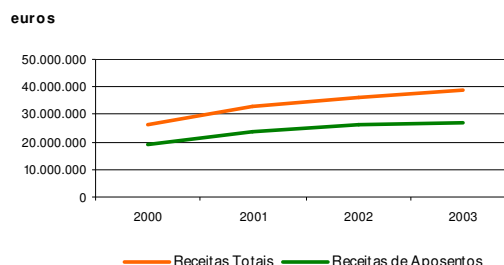
Figura 18. Despesas com Pessoal, por Tipologia (RAA, 2000-2003)



Fonte: SREA

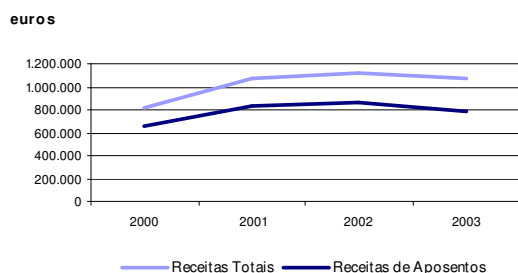
Em 2003, as receitas totais das três tipologias de estabelecimentos apresentadas, avaliadas a preços correntes, totalizaram 40,3 milhões de euros, e as receitas de aposentos, 28,1 milhões de euros (Figuras 19, 20 e 21).

Figura 19. Receitas Totais e de Aposentos em Hotelaria Tradicional (RAA, 2000-2003)



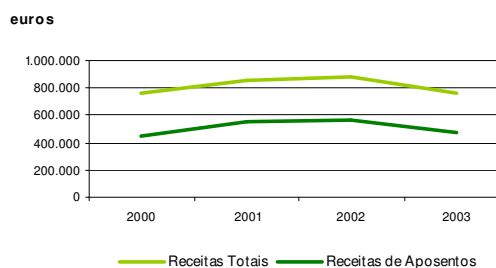
Fonte: SREA

Figura 20. Receitas Totais e de Aposentos em Turismo em Espaço Rural (RAA, 2000-2003)



Fonte: SREA

Figura 21. Receitas Totais e de Aposentos em Casas de Hóspedes (RAA, 2000-2003)



Fonte: SREA

No que respeita às receitas de aposentos, atingiram cerca de 26,9 milhões de euros em *hotelaria tradicional* (+1,9% que em 2002) em cerca de 784 mil euros em *turismo em espaço rural* (-8,7%, que em 2002), e em cerca de 476 mil euros em *casas de hóspedes* (-14,9%, que em 2002).

PARTE IV

CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA A ANALISAR

O objectivo do presente trabalho consiste em aferir o contributo do turismo para garantir o nível de convergência da Região com o País.

Como é comum em qualquer exercício que se baseia na criação de cenários de médio prazo, os mesmos não constituem previsões, mas sim uma, de entre muitas, trajectórias possíveis para a evolução da economia.

Partindo da situação actual de alterações da base económica regional (terciarização da economia) e da pressão do mercado de trabalho (maior participação da força de trabalho feminina), a presente investigação quantifica diferentes cenários de evolução da taxa de actividade feminina, até 2015.

Serão assumidos determinados pressupostos de evolução da oferta e procura de trabalho: no primeiro caso são assumidos padrões de evolução da população activa, e no segundo caso, diferentes respostas de absorção de cada sector de actividade, onde se assume, sempre, que o sector do turismo é o principal empregador. O impacto directo deste argumento será medido em termos de número de camas a criar, utilizando para tal o indicador VAB Turístico.

Foram construídos cenários alternativos de evolução da taxa de actividade regional, cujos pressupostos e resultados são apresentados na *Parte VI*, e seguintes.

O instrumento de análise proposto consiste na decomposição do PIB *per capita* e na quantificação de cenários de evolução da oferta de trabalho com vista a medir o impacto no PIB *per capita* e assim, no nível de convergência com o País.

A análise de sensibilidade aos pressupostos e resultados é feita com recurso ao *Crystal Ball*. Trata-se de uma aplicação que funciona como uma acréscimo ao *Excel* e que fornece, com determinado grau de probabilidade, um conjunto de ferramentas gráficas, orientadas para a realização de análise de risco e de previsões.

PARTE V

DESCRIÇÃO DO MÉTODO DE ANÁLISE: DECOMPOSIÇÃO DO PIB *PER CAPITA*

Para atingir o objectivo principal que se definiu – identificar a relevância do sector do turismo como peça basilar para o desenvolvimento económico e para a convergência – utilizou-se uma metodologia numa base adaptada dos modelos desenvolvidos por Pigeon *et al.* (1999) e De La Fuente (2001) e que consistiu em desenvolver a equação fundamental da decomposição do PIB *per capita* de forma a aferir o impacto resultante da consideração de determinada evolução da taxa de actividade.

Godinho e Mamede (2004) concordam que, nos processos de convergência económica estão associadas, entre outros aspectos, as dinâmicas demográficas mais gerais, caracterizadas por alterações na estrutura etária da população e na composição da população activa. Já Jones *et al.* (2004) consideram que o capital humano constitui um importante papel na teoria do crescimento económico, apesar de ser um conceito abstracto e de difícil mensuração.

Godinho e Mamede (2004) atribuem a trajectória de convergência de economias menos desenvolvidas com as regiões mais avançadas a diversos factores. A influência desses factores sobre o desempenho das economias menos desenvolvidas, em termos de rendimentos médios, faz-se sentir através de um ou vários dos seguintes processos:

- o aumento da produtividade do trabalho nos sectores produtivos existentes (associado ao aumento da intensidade capitalista e à melhoria da eficiência técnica, organizativa e comercial);
- o aumento do peso no emprego total de sectores mais produtivos, em detrimento de sectores que geram menor valor acrescentado por trabalhador; e
- a redução do desemprego e do sub-emprego.

Em termos práticos, o PIB *per capita* pode ser dividido em três componentes principais: produtividade, ou PIB por pessoa empregada, a taxa de emprego, ou proporção da população potencialmente activa na população empregada e taxa de actividade, ou proporção da população potencialmente activa na população total.

A evolução de cada componente do rendimento *per capita* mede o contributo para a convergência.

• **Decomposição do PIB per capita**

$$\frac{Y}{Pop} = \left(\frac{Y}{PE}\right) \times \left(\frac{PE}{PA}\right) \times \left(\frac{PA}{Pop}\right) \quad (1)$$

em que:

Y : Produto Interno Bruto

Pop : população total

PE : população empregada

PA : população potencialmente activa (população da faixa etária 15-64 anos)

A decomposição (1) significa que o rendimento *per capita* é igual ao produto da produtividade pelas taxas de emprego e de actividade. O *ratio* Y/PE é o indicador de produtividade do trabalho, e os *ratios* PE/PA (taxa de emprego) e PA/Pop (taxa de actividade), medem o grau de utilização da força de trabalho potencialmente disponível (população em idade activa).

Reescrevendo:

$$\frac{\frac{Y}{Pop}}{\frac{Y'}{Pop'}} = \left(\frac{\frac{Y}{PE}}{\frac{Y'}{PE'}}\right) \times \left(\frac{\frac{PE}{PA}}{\frac{PE'}{PA'}}\right) \times \left(\frac{\frac{PA}{Pop}}{\frac{PA'}{Pop'}}\right) \quad (2)$$

A identidade (2) descrita permite medir o grau de convergência relativamente ao resto do País. As variáveis denotadas com (') referem-se ao País.

De acordo com Marques (2002), todas estas variáveis têm influência na evolução do rendimento *per capita* e sobre todas elas é possível actuar por intermédio das políticas públicas. De um lado, encontra-se um factor de carácter qualitativo (produtividade), do outro, um conjunto de factores de natureza quantitativa,

traduzindo o grau de utilização da força de trabalho que é possível incorporar no processo produtivo.

Ainda segundo aquele autor, em teoria do crescimento económico, designa-se por *crescimento extensivo* o que assenta no primeiro conjunto de factores e por *crescimento intensivo* o que se baseia no segundo. O potencial de crescimento económico pela via intensiva é muito superior ao da via extensiva, pois esta última confronta-se com a rigidez da evolução demográfica depois de atingido o grau máximo de utilização da força de trabalho potencialmente disponível.

A Tabela 12 mostra a evolução ocorrida no período de 1992 a 2003 de cada um destes três conjuntos de factores, na Região e no País, onde se pode identificar o potencial de cada qual para o crescimento do PIB *per capita*.

Tabela 12. Componentes do PIB per capita e Nível de Convergência
(Açores e País, 1995-2003)

| | 1995 | 1998 | 2001 | 2002 | 2003 |
|--------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Açores | | | | | |
| Taxa Emprego (PE/PA) | 92,1% | 95,6% | 97,7% | 97,5% | 97,2% |
| Taxa Actividade (PA/Pop) | 39,9% | 41,6% | 41,4% | 42,5% | 42,4% |
| Produtividade | 16,6 | 18,4 | 22,8 | a) | a) |
| País | | | | | |
| Taxa Emprego (PE'/PA') | 92,8% | 95,0% | 95,9% | 94,9% | 93,6% |
| Taxa Actividade (PA'/Pop') | 48,6% | 50,5% | 51,6% | 51,8% | 51,8% |
| Produtividade | 18,3 | 19,8 | 23,6 | a) | a) |
| Nível de Convergência | 73,7% | 76,8% | 79,0% | 81,7% | 82,4% |

Fonte: Construído a partir dos dados do INE e do SREA.

a) A partir de 2001, os valores do PIB regional não são conhecidos, pelo que o nível de convergência da componente *produtividade* se assume constante a partir daquele ano.

O nível de convergência da produtividade da Região relativamente ao País tem evoluído paulatinamente: em 1995, era de 90,7%, passando, em 2001 (últimos dados conhecidos), para 96,6%.

Pelos valores observados ressalta que parte da divergência actualmente existente (17,6%) é explicada por esta componente. Apesar disso, e também porque a determinação do nível de produtividade de uma economia e o estudo do seu contributo para o crescimento do PIB *per capita* revela-se de difícil mensuração⁸, não se afigura de interesse esta perspectiva de análise na presente investigação.

Relativamente à taxa de emprego, a partir de 1995 a da Região regista sempre valor superior à do País, donde resulta que esta componente não serve para explicar o actual diferencial que existe no nível do PIB *per capita*.

No que se refere à taxa de actividade, a mesma Tabela 12, mostra que o valor registado nos Açores continua a ser muito baixo quando comparado com o do País, o que mostra que esta componente apresenta um potencial de crescimento a explorar. Nestes termos, considerou-se, na presente investigação, que a componente explicativa do diferencial actualmente existente no nível de convergência entre os Açores e o País seria a taxa de actividade.

Ora, se se assume que as diferentes taxas de actividade do Açores e do País explicam o *gap* no nível de convergência, e se, ao mesmo tempo, se assiste à pressão no mercado de trabalho regional exercida pela maior participação da população feminina e pela estrutura etária de base jovem, afigura-se coerente desenvolver uma análise que tenha como pressupostos o incremento da população activa com absorção pelo sector que se assume como grande impulsionador, directa e indirectamente, do emprego e que se encontra em fase de crescimento, dadas as transformações económicas no sentido da terciarização da economia: o sector do turismo. Desenvolve-se, então, uma investigação que permita revelar a importância do sector do turismo para a convergência.

⁸ Porque exige que se utilize um período de evolução longo e implica o conhecimento dos pontos fracos da economia, bem como a identificação de um conjunto de factores que, de acordo com Marques (2002), são agrupados em cinco categorias: investimento em capital físico; qualificação dos recursos humanos; tecnologia; organização; e processo de destruição criadora.

Recorde-se, nesse sentido, que do ponto de vista macroeconómico, autores como Martin *et al.* (2004) e Nowak *et al.* (2004) defendem que o turismo induz o crescimento da economia e do emprego, pois caracteriza-se por ser um sector de trabalho intensivo, donde um aumento na sua produção é normalmente acompanhado por um incremento no emprego.

No que se segue, são definidos os pressupostos definidos que servem de base às projecções efectuadas.

PARTE VI

CENÁRIOS CRIADOS: ENQUADRAMENTO E CONTEXTO

Atenta a decomposição do PIB *per capita* nas suas três componentes, em que se assumiu como objecto de estudo a taxa de actividade, os cenários construídos visam a pré-definição de evolução, até 2015, da taxa de actividade, por sexos.

Os cenários foram elaborados no pressuposto de ausência de alteração de políticas e de um enquadramento externo neutro, sendo que, por definição, não antecipam flutuações cíclicas.

A necessidade de se avaliar os ganhos obtidos pela evolução da taxa de actividade regional no nível de convergência com o resto do País implicou a manutenção dos valores de referência nacionais, ou seja, a taxa de emprego e a taxa de actividade, as quais manter-se-ão estáveis, ao nível dos valores registados em 2003, durante o período das projecções.

No que respeita à produtividade, conforme resulta do ponto anterior, assumiu-se como pressuposto a estagnação do nível de convergência durante todo o período das projecções, ao nível do valor registado em 2001 (96,8%) uma vez que o seu estudo não se afigura de interesse para a presente investigação.

Para cada cenário é possível analisar as seguintes variáveis:

- A oferta de trabalho resultante da observação de uma taxa de actividade previamente definida;
- A procura de trabalho no turismo, considerando a estagnação ou evolução histórica dos sectores de actividade; e
- O número de camas a criar, através da aplicação do VAB turístico.

1. Oferta de Trabalho: Cenários Propostos

De acordo com Fortuna (1988; 1984), uma análise da evolução da população potencialmente activa (pessoas entre os 15 e os 64 anos de idade) constitui um

exercício fundamental para que se possa planear adequadamente as políticas a seguir a médio e longo prazo.

Na oferta de trabalho foram analisados cenários que incorporam vários padrões de participação da população activa.

A validade dos cenários de evolução da população que activa, até 2015, fez-se com recurso à estrutura da população activa em 1997⁹, e da população inactiva em 2000. No primeiro caso, considerou-se o grupo etário da população com 50 e mais anos, pois serão estes os reformados no horizonte definido, e no segundo caso, considerou-se o grupo etário da população com menos de 15 anos, pois em 2015 já fazem parte da força de trabalho. Assim, concluiu-se que:

- Em 2000, a população classificada como inactiva tinha a seguinte estrutura:
 - 51 351 Indivíduos tinham menos de 15 anos;
 - 45 353 eram estudantes - o Plano Regional de Emprego (2003) prevê que, até 2015, 50 000 irão integrar o mercado de trabalho; e
 - 39 396 eram domésticas.
- Em 1997, do total de população activa, 4 896 tinham 50 anos ou mais.

Verifica-se, assim, existir um potencial muito forte de incremento da força de trabalho em 2015.

1.1. Determinação da Oferta de Trabalho

A oferta de trabalho é decomposta do seguinte modo:

$$E_t = (1 - u_{H,t}) \times PA_{H,t} + (1 - u_{M,t}) \times PA_{M,t} \quad (3)$$

$$E_t = (1 - u_{H,t}) \times \frac{PA_{H,t}}{Pop_{H,t}} \times Pop_{H,t} + (1 - u_{M,t}) \times \frac{PA_{M,t}}{Pop_{M,t}} \times Pop_{M,t} \quad (4)$$

$$E_t = (1 - u_{H,t}) \times ta_{H,t} \times Pop_{H,t} + (1 - u_{M,t}) \times ta_{M,t} \times Pop_{M,t} \quad (5)$$

Em que:

E_t : Oferta de emprego no momento t

$u_{H/M,t}$: Taxa de desemprego de homens (H) / mulheres (M) no momento t.

$PA_{H/M,t}$: População activa de homens (H) / mulheres (M) no momento t

$Pop_{H/M,t}$: População total de homens (H) / mulheres (M) no momento t

$ta_{H/M,t}$: Taxa de actividade de homens (H) / mulheres (M) no momento t

Para quantificar a oferta de trabalho total, em 2015, temos que, a partir da equação (5):

$$E_{15} = (1 - u_{H,15}) \times ta_{H,15} \times Pop_{H,15} + (1 - u_{M,15}) \times ta_{M,15} \times Pop_{M,15} \quad (6)$$

2. Procura de Trabalho

A procura de trabalho, durante o período de projecção, delinea a manutenção, em valor absoluto, do número de pessoas empregadas em todos os sectores de actividade, o que implica a perda de importância relativa da distribuição sectorial do emprego. Exceptua-se o turismo, que terá um efeito directo sobre o emprego e irá absorver o aumento do emprego total.

A expressão quantitativa que se definiu resulta da dinâmica e emergência do sector do turismo, como principal impulsionador da estrutura produtiva, e assim, do seu efeito multiplicador sobre o emprego, bem como das alterações estruturais do VAB e consequente transformação da distribuição sectorial da população potencialmente activa. O sector primário está em transformação – regista um declínio contínuo desde 1992 – e não se antevê comportamento diferente nos anos que se seguem, pelo que se assume que continuará a libertar mais mão-de-obra.

Esta tendência surge, aliás, em consonância com a situação verificada na UE: declínio do emprego na agricultura e na indústria e aumento nos serviços, muito

⁹ Recorreu-se ao ano de 1997 porque a partir de 1998 houve alteração dos agrupamentos etários, que passaram dos "50 e mais" para os "45 e mais".

embora, no caso da indústria, se tenha verificado, em anos recentes, uma estabilização no número de empregos, ainda que o peso relativo continue a diminuir (Segundo Relatório sobre a Coesão Económica e Social).

2.2. Determinação da Procura de Trabalho

Em cada ano da projecção, e até 2015, o emprego por sectores de actividade é dado por:

$$E_{i,03} = E_{i,15} \quad (7)$$

em que o excedente resultante do aumento da oferta de trabalho:

$$\Delta E = E_{15} - E_{03} \quad (8)$$

é absorvido, directamente, pelo sector do turismo (sector F):

$$E_{F,15} = E_{i,15} - \sum_{\substack{i=A \\ i \neq F}}^K E_{i,15} \quad (9)$$

O peso relativo de cada sector é calculado em todos os anos de projecção, a partir do *ratio*:

$$X_{i,t} = \frac{E_{i,t}}{\sum_{i=A}^K E_{i,03}} \quad (10)$$

Em que:

i : Sectores de actividade

Em 2003, a procura de trabalho total é dada por:

$$E_{03} = \sum_{i=1}^{11} E_{i,03} \quad (11)$$

Em que:

E_i : Procura de Emprego por sector de actividade

i : representa cada um dos 11 sectores de actividade, nomeadamente:

A – Agricultura e Pescas

B – Indústrias Transformadoras

C – Construção

D – Indústrias extractivas e produção e distribuição de electricidade

E – Comércio por Grosso

F – Alojamento e restauração

G – Transporte, armazenagem e comunicações

H – Administração Pública

I – Educação

J – Saúde e Acção Social

K – Actividades financeiras, imobiliárias e outras

Em 2015, assume-se que a procura de trabalho, dada pela equação (11) iguala a oferta, dada pela equação (6).

3. Efeito Multiplicador: Impacto do Emprego no Turismo para o Número de Camas a Criar

O efeito directo do turismo sobre o emprego será medido em termos de número de camas a criar.

A análise sob a métrica do número de camas a criar resulta do produto do VAB turístico no ramo de alojamento (29%, como apresentado na *Parte II*) pelo número de empregos directamente afectos ao sector do turismo e pelo número de camas por empregado (4,79, conforme referido na *Parte III*):

$$Camas = VAB \times CEmp \times E_{F,15} \quad (12)$$

Em que:

VAB – VAB turístico no ramo de alojamento, na RAA

$CEmp$ – Número de camas por empregado, dado pelo *ratio* $\frac{Camas_{03}}{N.^{\circ} Empregados_{03}}$

$E_{F,15}$ - Número de empregados no sector do turismo em 2015.

4. Outros Pressupostos Considerados: Evolução das Variáveis Comuns aos Cenários

4.3. População Total

As tendências demográficas são comuns aos três cenários e são as resultantes do cenário base calculado nas *Projecções de População Residente, Portugal e NUTS II*, INE, 2004.

As projecções consideraram três componentes demográficas:

- Índice Sintético de Fecundidade – representa o número médio de crianças por mulher em idade fecunda. Para calcular o total de nascimentos ocorridos em cada ano, aplicaram-se as taxas de fecundidade específicas por grupos etários, projectadas anualmente até 2050, às correspondentes populações médias femininas em idade fecunda (dos 15 aos 49 anos de idade). As hipóteses de evolução da fecundidade, para os próximos anos, foram fixadas com base nas tendências observadas no passado recente, onde a Região Autónoma dos Açores permanece com os valores mais elevados;
- Mortalidade – afecta a evolução dos efectivos populacionais, pela sua implicação na composição e estrutura das populações futuras. Em termos de cálculo, os efectivos populacionais, repartidos por sexo e idade, foram sucessivamente submetidos às respectivas probabilidades de sobrevivência, projectadas com base na evolução prevista da *esperança de vida à nascença* ($e0$), por NUTS II, sexo e idades. Relativamente aos valores a adoptar para as projecções de população residente desagregadas ao nível de NUTS II, foi analisada a tendência observada na evolução da esperança de vida à

nascença de cada sexo e para cada região, no período de 1982 a 2000, mantendo-se como pressuposto o aumento da esperança de vida à nascença, alcançando no horizonte 2050, em Portugal, os 79,0 anos para os homens, e 84,7 anos para as mulheres. Os valores reflectem, por um lado, a relação observada, e, por outro lado, a tendência de proximidade face à esperança de vida à nascença adoptada para Portugal.

- Migrações Internacionais – no cálculo dos efectivos populacionais projectados foi adicionado, para cada sexo e idade, o valor da migração líquida correspondente, sujeita ao esquema de fecundidade e de mortalidade seleccionado na evolução natural da população. Este saldo migratório corresponde à soma algébrica das componentes *imigração* e *emigração*, diferenciando-se, ainda, na imigração, as entradas referentes a indivíduos de nacionalidade estrangeira e de nacionalidade portuguesa (relacionada com o regresso de emigrantes).

Definidas as componentes, o cenário base, na Região, apresenta os seguintes resultados totais, em 2015:

- Índice sintético de fecundidade de 1,57 crianças por mulher;
- Esperança de vida à nascença para homens e mulheres, de 74,47 e 80,56 anos, respectivamente; e
- Saldo migratório positivo de 99 pessoas.

O cenário base, na País, apresenta os seguintes resultados totais, em 2015:

- Índice sintético de fecundidade de 1,4 crianças por mulher;
- Esperança de vida à nascença para homens e mulheres, de 75,7 e 82 anos, respectivamente; e
- Saldo migratório positivo de 10 000 pessoas.

4.4. Taxa de Desemprego

Atendendo às características desta variável, assume-se que a mesma não deverá sofrer grandes oscilações relativamente aos dados históricos conhecidos, pelo que a projecção delineada presume a estagnação da variável ao nível da média simples dos últimos 11 anos, obtida pela fórmula:

$$u_{15} = \frac{\sum_{i=1}^{11} u_i}{n} \quad (13)$$

Em que:

n : número de anos

u_i : taxa de desemprego observada em cada ano

- País

u : 5,5%

- Açores

u : 4,6%

4.5. Taxa de Emprego

Conhecida a taxa de actividade em 2015, a taxa de emprego para os Açores e País é determinada pelo *ratio*:

$$te = \frac{E_{15}}{PA_{15}} \quad (14)$$

Em que:

te : taxa de emprego

E_{15} : emprego em 2015, obtido pela equação (6)

PA_{15} : População activa em 2015

4.6. Taxa de Actividade do País

A taxa de actividade, por sexos, mantém-se inalterada durante todo o período da projecção, pelo que, em 2015:

$$ta_H : 57,7\%$$

$$ta_M : 46,2\%$$

4.7. Nível de Produtividade

Pelos aspectos oportunamente referidos (*Ponto V*), a produtividade assume carácter residual, pelo que o nível de convergência denotado nesta variável, ao longo do período em estudo, é o registado em 2001.

PARTE VII

CENÁRIO 1: CONVERGÊNCIA DA TAXA DE ACTIVIDADE REGIONAL COM A DO PAÍS

1. Descrição Geral do Cenário

Apontadas as tendências e modificações a que se assiste ao nível do mercado de trabalho, este cenário pressupõe a convergência, em 2015, das taxas de actividade masculina e feminina com as actualmente (2003) registadas no País. A verificação desta tendência implica uma maior intervenção da população feminina.

2. Taxa de Actividade Simulada

- Homens

Para que a taxa de actividade, em 2015, seja 57,7% (taxa de actividade masculina do País, em 2003) é necessário um crescimento anual de cerca de 0,66%, a partir de 2003.

Este pressuposto implica um incremento da taxa de participação dos homens de 2,2% (57,7%-55,5%) relativamente ao máximo histórico registado.

- Mulheres

Para que a taxa de actividade, em 2015, seja 46,2% (taxa de actividade feminina do País, em 2003) é necessário um crescimento anual de cerca de 3,87%, a partir de 2003.

Este pressuposto implica um incremento da taxa de actividade das mulheres de 15,6% (46,2%-30,6%) relativamente ao máximo histórico registado.

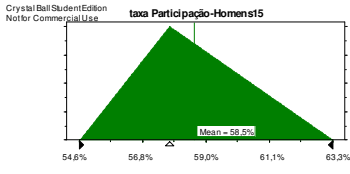
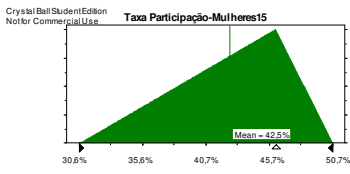
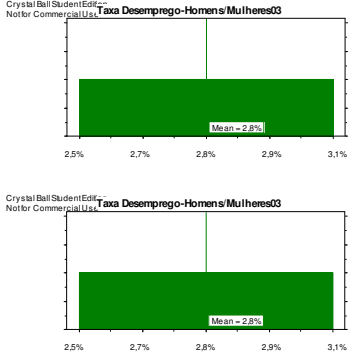
Na análise de sensibilidade do *Crystal Ball*, e na taxa de actividade feminina e masculina, foi utilizada a distribuição triangular, com o valor máximo, mínimo e mais provável, em 2015, como a seguir se define:

- valor mínimo: taxa de actividade feminina e masculina registada na Região, em 2003;

- valor máximo: calculado com base nas previsões da Comissão Europeia, elaboradas na Primavera de 2004, traduzido num crescimento de 0,5%, em 2004 e 0,8%, nos anos posteriores, até 2015; e
- valor mais provável: taxa de actividade feminina e masculina registada no País, em 2003.

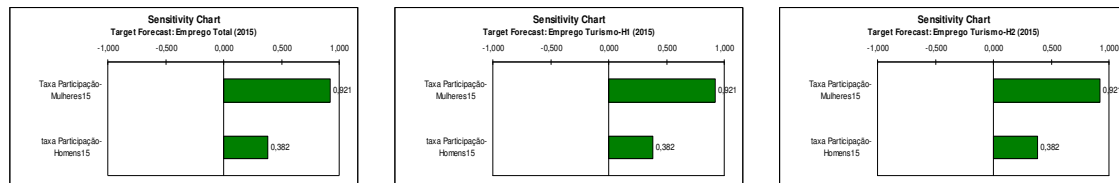
A distribuição utilizada na taxa de desemprego foi a uniforme, uma vez que se assumiu que esta variável, cujo valor resulta da taxa de crescimento média simples do período de 1992 a 2003, seria constante ao longo do período de cenarização. As distribuições definidas constam da Tabela 13.

Tabela 13. Descrição e distribuição das Variáveis do Crystal Ball – Cenário 1

| Variáveis | Descrição | Distribuição |
|-----------|---|--|
| ta_H | Pelos pressupostos definidos, a taxa de actividade, em 2015, é 57,7%. | Distribuição triangular, em que: - valor mínimo: 54,6%; - valor máximo: 63,3%; - valor mais provável: 57,7%.  |
| ta_M | Pelos pressupostos definidos, a taxa de actividade, em 2015, é 46,2%. | Distribuição triangular, em que: - valor mínimo: 30,6%; - valor máximo: 50,7%; - valor mais provável: 46,2%.  |
| $u_{H,M}$ | A taxa de desemprego, feminina e masculina, em 2003, é 3,1%, e em 2015, 4,2%. | Os valores mínimos e máximos são assumidos, por defeito, pelo próprio programa, donde, em 2003, o mínimo é 2,5% e o máximo 3,1% e em 2015, o mínimo é 4,2% e máximo 5,1%.  |

A análise de sensibilidade dos resultados alcançados para as variáveis consideradas: *Emprego Total* e *Emprego no Turismo*, após 1 000 simulações/iterações, são apresentadas no ponto seguinte (*Ponto 3.*).

Figura 22. Análise de Sensibilidade das variáveis Emprego Total e Emprego no Turismo – Cenário 1



A análise de sensibilidade, retirada da Figura 22, permite concluir que a sensibilidade das variáveis definidas às taxas de actividade masculina e feminina apresentam correlações positivas de 38% e 92%, respectivamente.

3. Resultados Obtidos

O incremento da procura de trabalho resultante do Cenário 1, dado por $\Delta E = E_{15} - E_{03}$, resulta num aumento de 23 920 pessoas (vide Apêndice A), cujo efeito nas variáveis macroeconómicas definidas são os apresentados na Tabela 14.

Tabela 14. Quadro Macroeconómico (principais agregados) – Cenário 1

| | 2003 | 2015 | g(x) |
|---|--------------|--------------|--------|
| OFERTA DE TRABALHO | | | |
| $u_{H,t}$ | 2,8% | 4,6% | 1,9% |
| $ta_{H,t}$ | 54,6% | 57,7% | 3,1% |
| $Pop_{H,t}$ | 120 585 | 123 415 | 2 830 |
| $u_{M,t}$ | 2,8% | 4,6% | 1,9% |
| $ta_{M,t}$ | 30,6% | 46,2% | 15,6% |
| $Pop_{M,t}$ | 123 224 | 128 453 | 5 229 |
| PROCURA DE TRABALHO | | | |
| E_t | 100 615 | 124 535 | 23 920 |
| E_F | 4 948 | 23 919 | 18 971 |
| N.º Camas a Criar | 7 357 | 33 246 | 25 889 |
| Taxa de Convergência do PIB per capita | | | |
| Induzido por: | | | |
| 1. Taxa de Actividade | 82,0% | 100% | |
| 2. Taxa de Emprego | 103,8% | 100,9% | |
| 3. Produtividade | 96,8% | 96,8% | |
| Y/Y' | 82,4% | 97,8% | |
| Gap | 17,6% | 2,2% | |

A Tabela mostra a evolução das componentes do PIB *per capita* que aferem o nível de convergência.

O aumento da taxa de actividade, induzido pelo aumento da força de trabalho feminina, no período de 2004 a 2015, permite óptimos resultados em ambas as taxas de actividade e emprego, o que contribui significativamente para a convergência.

Caso o mercado de trabalho dos Açores conseguisse garantir uma taxa de actividade masculina de 57,7% e uma taxa de actividade feminina de 46,2%, a Região reduziria, em 15,4 pontos percentuais, o diferencial que a separa, actualmente, do País, atingindo um nível de convergência de 97,8%.

Perante tais resultados, a questão que se coloca é qual a capacidade do turismo para empregar o incremento de oferta de trabalho registado. Os resultados mostram que seriam empregues 23 919 pessoas no sector do turismo, mais 18 971 que as actualmente (2003) registadas, o que, em termos de impacto directo exigiria a criação de 33 246 camas, mais 25 889 que as actualmente existentes.

O resultado da análise de frequência do Crystal Ball das variáveis de emprego: total e emprego no turismo permite concluir que:

Figura 23. Distribuição de Frequência da variável Emprego Total – Cenário 1

1. O conjunto de possíveis valores para a variável *emprego total*, em 2015, situa-se entre os 124 000 e os 133 000. Existe 89,05% de probabilidade do emprego total ser 124 535, valor resultante do cenário criado (Figura 23);

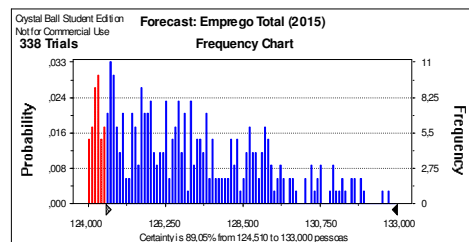
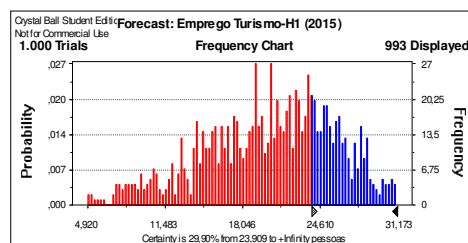


Figura 24. Distribuição de Frequência da variável Emprego no Turismo – Cenário 1

2. o conjunto de possíveis valores para o *emprego no turismo*, em 2015, situa-se entre 4 920 e 31 173. Existe 29,90% de probabilidade do emprego no turismo ser 23 919 (Figura 24).



PARTE VIII

CENÁRIO 2: EXTRAPOLAÇÃO DA TAXA DE ACTIVIDADE REGIONAL HISTÓRICA

1. Descrição Geral do Cenário

Este cenário pressupõe a evolução das taxas de actividade masculina e feminina, de acordo com os valores registados nos últimos 11 anos.

2. Taxa de Actividade Simulada

Para calcular a taxa de actividade, para cada um dos sexos, em 2015, recorreu-se à taxa de crescimento média anual, obtida pela fórmula:

$$i = \sqrt[n]{\frac{ta_{03}}{ta_{92}}} - 1 \quad (16)$$

Em que:

ta_{92} : taxa de actividade, por sexos, em 1992

ta_{03} : taxa de actividade, por sexos, em 2003

n : número de observações

Nestes termos, vem que:

- Taxa de Actividade dos Homens

Registando um crescimento anual de 0,402%, de 2004 a 2015, a taxa de actividade neste último ano é de 56%.

Este pressuposto implica um incremento da taxa de actividade dos homens de meio ponto percentual relativamente ao máximo histórico registado no período definido (55,5%).

- Taxa de Actividade das Mulheres

Registando um crescimento anual de 1,69%, de 2004 a 2015, a taxa de actividade neste último ano é de 35,8%.

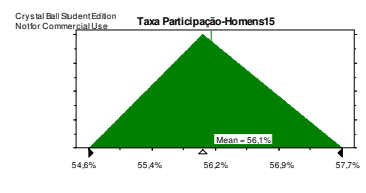
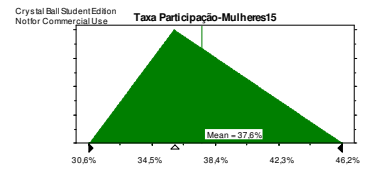
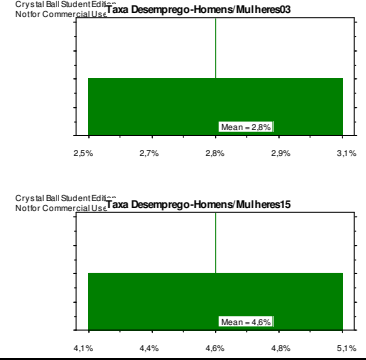
Este pressuposto implica um incremento da taxa de actividade das mulheres de 5,2% relativamente ao máximo histórico registado no período definido (30,6%).

Na análise de sensibilidade do *Crystal Ball*, e na taxa de actividade feminina e masculina, foi utilizada a distribuição triangular, com o valor máximo, mínimo e mais provável, em 2015, como a seguir se define:

- valor mínimo: taxa de actividade feminina e masculina registada na Região, em 2003;
- valor máximo: taxa de actividade feminina e masculina registada no País, em 2003 e;
- valor mais provável: calculado com base na taxa de crescimento média anual da taxa de actividade feminina e masculina, no período de 1992 a 2003 (dada pela equação (8)).

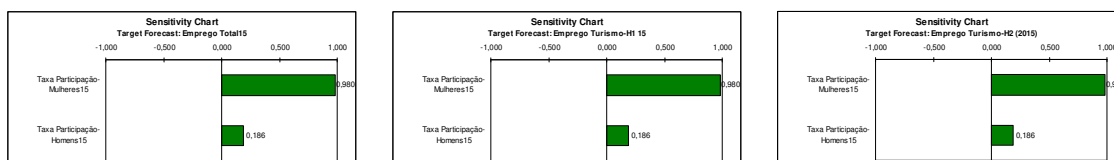
A distribuição utilizada na taxa de desemprego foi a uniforme, uma vez que se assumiu que esta variável, cujo valor resulta da taxa de crescimento média simples dos últimos 11 anos, seria constante ao longo do período do cenário. As distribuições definidas constam da Tabela 15.

Tabela 15. Descrição e distribuição das Variáveis do Crystal Ball – Cenário 2

| Variáveis | Descrição | Distribuição |
|-----------|--|--|
| ta_H | Pelos pressupostos definidos, a taxa de actividade, em 2015, é 56%. | <p>Distribuição triangular, em que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - valor mínimo: 54,6%; - valor máximo: 57,7%; - valor mais provável: 56%.  |
| ta_M | Pelos pressupostos definidos, a taxa de actividade, em 2015, é 35,9%. | <p>Distribuição triangular, em que:</p> <ul style="list-style-type: none"> - valor mínimo: 30,6%; - valor máximo: 46,2%; - valor mais provável: 35,9%.  |
| $u_{H,M}$ | A taxa de desemprego, feminina e masculina, em 2003 é 3,1%, e em 2015, 4,2%. | <p>Distribuição uniforme, com mínimo de 2,5% e máximo de 3,1%, em 2003 e mínimo de 4,2% e máximo de 5,1%, em 2015.</p>  |

A análise de sensibilidade dos resultados alcançados para as variáveis independentes consideradas: *Emprego Total* e *Emprego no Turismo*, após 1 000 simulações/iterações são apresentadas no ponto seguinte (Ponto 3).

Figura 25. Análise de Sensibilidade das variáveis Emprego Total e Emprego no Turismo – Cenário 2



A análise da sensibilidade, retirada da Figura 25, permite concluir que a sensibilidade das variáveis definidas às taxas de actividade masculina e feminina apresentam correlações positivas de 18% e 98%, respectivamente.

3. Resultados Obtidos

O incremento da procura de trabalho resultante do Cenário 2, dado por $\Delta E = E_{15} - E_{03}$, resulta em mais 9 255 pessoas (vide Apêndice B), cujos resultados nas variáveis macroeconómicas definidas são os apresentados na Tabela 16.

Tabela 16. Quadro Macroeconómico (principais agregados) – Cenário 2

| | 2003 | 2015 | g(x) |
|---|--------------|--------------|-------|
| OFERTA DE TRABALHO | | | |
| $u_{H,t}$ | 2,8% | 4,6% | 1,9% |
| $ta_{H,t}$ | 54,6% | 56% | 1,4% |
| $Pop_{H,t}$ | 120 585 | 123 415 | 2 830 |
| $u_{M,t}$ | 2,8% | 4,6% | 1,9% |
| $ta_{M,t}$ | 30,6% | 35,9% | 5,3% |
| $Pop_{M,t}$ | 123 224 | 128 453 | 5 229 |
| PROCURA DE TRABALHO | | | |
| E_t | 100 615 | 109 870 | 9 255 |
| E_F | 4 948 | 9 254 | 4 306 |
| N.º Camas a Criar | 7 357 | 12 862 | 5 505 |
| Taxa de Convergência do PIB per capita H 1 | | | |
| Induzido por: | | | |
| 1. Taxa de Actividade | 82,0% | 81,9% | |
| 2. Taxa de Emprego | 103,8% | 100,9% | |
| 3. Produtividade | 96,8% | 96,8% | |
| Y/Y' | 82,4% | 80,1% | |
| Gap | 17,6% | 19,9% | |

A Tabela mostra a evolução das componentes do PIB *per capita* que aferem o nível de convergência.

Definidos os pressupostos e as variáveis deste cenário, o aumento da taxa de actividade dos homens e das mulheres para 56% e 35,9%, respectivamente, induzido pelo aumento da força de trabalho, no período de 2004 a 2015, aumentaria o *gap* actualmente existente com o País em 2,3 pontos percentuais, situando-se o nível de convergência em 80,1%. Nestes termos, a Região estaria a caminhar no sentido da divergência e não da convergência, conforme resulta das orientações europeias.

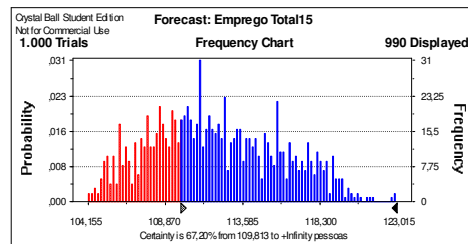
No que se refere à capacidade do turismo para empregar o incremento de oferta de trabalho registado, os resultados da análise de simulação revelam que seriam empregues 9 254 pessoas no sector do turismo, mais 4 206 que as actualmente

(2003) registadas, o que, em termos de impacto directo resultaria na criação de 12 862 camas, mais 5 505 que as actualmente existentes.

O resultado da análise de frequência do Crystal Ball das variáveis de emprego: total e emprego no turismo permite concluir que:

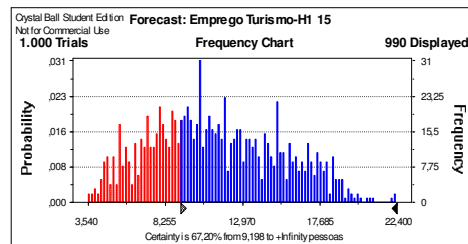
1. O conjunto de possíveis valores para a variável *emprego total*, em 2015, situa-se entre os 104 155 e os 123 015. Existe 67,20% de probabilidade do emprego total ser 109 870, valor resultante do cenário criado (Figura 26);

Figura 26. Distribuição de Frequência da variável Emprego Total – Cenário 2



2. O conjunto de possíveis valores para o *emprego no turismo*, em 2015, situa-se entre 3 540 e 22 400. Existe 67,20% de probabilidade do emprego no turismo ser 9 254 (Figura 27).

Figura 27. Distribuição de Frequência da variável Emprego no Turismo – Cenário 2



PARTE IX

CENÁRIO 3: CONVERGÊNCIA DA TAXA DE ACTIVIDADE REGIONAL COM A DA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

1. Descrição Geral do Cenário

Conhecida a propensão da Região Autónoma da Madeira (RAM) para o turismo, e atendendo a que este sector, como já foi referido, é um motor gerador de emprego, neste cenário considera-se a convergência da taxa de actividade masculina e feminina com as registadas na RAM, em 2001.

2. Taxa de Actividade Simulada

Nos termos definidos, em 2015, os Açores teriam uma taxa de actividade masculina de 53,7% e uma taxa de actividade feminina de 37,6%. Curiosamente, este pressuposto implica uma diminuição da força de trabalho masculina em prol de um incremento na feminina.

Assim, a taxa de actividade masculina apresentaria uma diminuição de 1,8%, e a taxa de actividade feminina, um aumento de 7%, relativamente ao máximo histórico no período considerado.

Na análise de sensibilidade do *Crystal Ball*, e na taxa de actividade feminina e masculina, foi utilizada a distribuição triangular, com o valor máximo, mínimo e mais provável, em 2015, como a seguir se define:

- valor mínimo: taxa de actividade feminina e masculina registada na Região, em 2003;
- valor máximo: taxa de actividade feminina e masculina registada no País, em 2003; e
- valor mais provável: taxa de actividade feminina e masculina registada na Região Autónoma da Madeira, em 2001.

A distribuição utilizada na taxa de desemprego foi a uniforme, uma vez que se assumiu que esta variável, cujo valor resulta da taxa de crescimento média simples

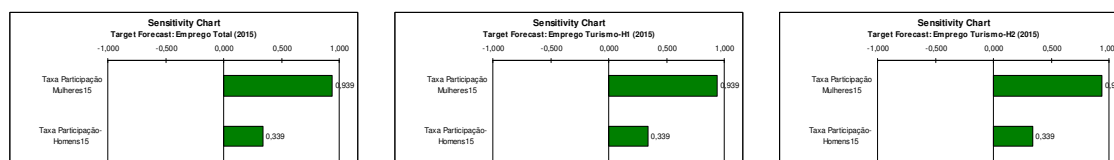
dos últimos 11 anos, seria constante ao longo do período do cenário. As distribuições definidas constam da Tabela 17.

Tabela 17. Descrição e distribuição das Variáveis do Crystal Ball – Cenário 3

| Variáveis | Descrição | Distribuição |
|-----------|--|---|
| ta_H | Pelos pressupostos definidos, a taxa de actividade, em 2015, é 53,7%. | Distribuição triangular, em que: - valor mínimo: 51,9%; - valor máximo: 57,7%; - valor mais provável: 53,7%. |
| ta_M | Pelos pressupostos definidos, a taxa de actividade, em 2015, é 37,6%. | Distribuição triangular, em que: - valor mínimo: 30,6%; - valor máximo: 46,2%; - valor mais provável: 37,6%. |
| $u_{H,M}$ | A taxa de desemprego, feminina e masculina, em 2003 é 3,1%, e em 2015, 4,2%. | Uniforme, com mínimo de 2,5% e máximo de 3,1%, em 2003 e mínimo de 4,2% e máximo de 5,1%, em 2015. |

A análise de sensibilidade dos resultados alcançados para as variáveis independentes consideradas: *Emprego Total* e *Emprego no Turismo*, após as 1 000 simulações/iterações são apresentadas no ponto seguinte (*Ponto 3*).

Figura 28. Análise de Sensibilidade das variáveis Emprego Total e Emprego no Turismo – Cenário 3



A análise da sensibilidade, retirada da Figura 28, permite concluir que a sensibilidade das variáveis definidas às taxas de actividade masculina e feminina apresentam correlações positivas de 33% e 93%, respectivamente.

3. Resultados Obtidos

O incremento da procura de trabalho resultante do Cenário 3, dado por $\Delta E = E_{15} - E_{03}$, resulta em mais 8 671 pessoas (vide Apêndice C), cujos resultados nas variáveis macroeconómicas definidas são os apresentados na Tabela 18.

Tabela 18. Quadro Macroeconómico (principais agregados) – Cenário 3

| | 2003 | 2015 | g(x) |
|--|--------------|--------------|-------|
| OFERTA DE TRABALHO | | | |
| $u_{H,t}$ | 2,8% | 4,6% | 1,9% |
| $ta_{H,t}$ | 54,6% | 53,7% | 3,1% |
| $Pop_{H,t}$ | 120 585 | 123 415 | 2 830 |
| $u_{M,t}$ | 2,8% | 4,6% | 1,9% |
| $ta_{M,t}$ | 30,6% | 37,6% | 15,6% |
| $Pop_{M,t}$ | 123 224 | 128 453 | 5 229 |
| PROCURA DE TRABALHO | | | |
| E_t | 100 615 | 109 286 | 8 671 |
| E_F | 4 948 | 8 670 | 3 722 |
| N.º Camas a Criar | 7 357 | 12 050 | 4 693 |
| Taxa de Convergência do PIB <i>per capita</i> H 1 | | | |
| Induzido por: | | | |
| 1. Taxa de Actividade | 82,0% | 87,9% | |
| 2. Taxa de Emprego | 103,8% | 100,9% | |
| 3. Produtividade | 96,8% | 96,8% | |
| Y/Y' | 82,4% | 85,8% | |
| Gap | 17,6% | 14,2% | |

A Tabela mostra a evolução das componentes do PIB *per capita* que aferem o nível de convergência.

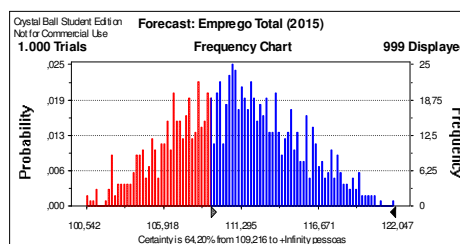
O aumento da taxa de actividade masculina e feminina para 53,7% e 37,6%, respectivamente, induzido pelo aumento da força de trabalho, no período de 2004 a 2015, permite, à RAA, obter um ganho de 3,4 pontos percentuais no sentido da convergência reduzindo, assim, para 14,2% o *gap* que nos separa actualmente (2003) do País.

No que se refere à capacidade do turismo para empregar o incremento de oferta de trabalho registado, a análise permite concluir que seriam empregues 8 670 pessoas no sector do turismo, mais 3 722 que as actualmente (2003) registadas, o que, em termos de impacto directo resultaria na criação de 12 050 camas, mais 4 693 que as actualmente existentes.

O resultado da análise de frequência do Crystal Ball das variáveis de emprego: total e emprego no turismo permite concluir que:

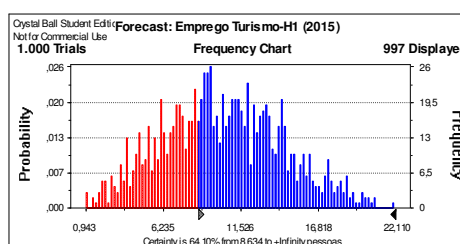
1. O conjunto de possíveis valores para a variável *emprego total*, em 2015, situa-se entre os 100 542 e os 122 047. Existe 64,20% de probabilidade do emprego total atingir os 109 286 indivíduos, valor resultante do cenário criado (Figura 29);

Figura 29. Distribuição de Frequência da variável Emprego Total – Cenário 3



2. O conjunto de possíveis valores para o *emprego no turismo*, em 2015, situa-se entre 943 e 22 110. Existe 64,10% de probabilidade do emprego no turismo ser 8 670 (Figura 30).

Figura 30. Distribuição de Frequência da variável Emprego no Turismo – Cenário 3



CONCLUSÃO

O principal objectivo deste trabalho de investigação foi concluir sobre a importância do turismo como sector impulsionador do crescimento económico da Região com vista a contribuir para a convergência com o resto do País.

Na aplicação e desenvolvimento da análise salientam-se algumas limitações impostas pelo fraco rigor dos dados estatísticos constantes das publicações periódicas da SREA, bem como pela discrepância daqueles com os dados publicados pelo INE.

A metodologia baseou-se na decomposição do PIB *per capita* em três componentes, onde se definiram três cenários de evolução da taxa de actividade, nomeadamente: convergência da taxa regional com a registada no País, em 2003, convergência da taxa regional com a taxa registada na Madeira, em 2001; e extrapolação da taxa de actividade regional histórica (no período de 1992 a 2003). As projecções foram construídas para o horizonte temporal 2004-2015.

De forma a dar maior fiabilidade ao trabalho empírico, a análise foi complementada com o *Crystal Ball*.

Em termos de oferta de trabalho, a situação que se delimitou, e o que a análise pretendeu demonstrar, principalmente no cenário 1, reflecte as expectativas para os próximos anos, ou seja, o reforço da tendência de crescimento acentuado da taxa de actividade da população feminina e o crescimento, embora moderado, da taxa de actividade da população masculina.

Tal pressuposto encontra fundamento no facto de, no período de 1992 a 2003, a população activa ter registado um aumento de 9 203 pessoas, 69% das quais foram mulheres. Por outro lado, a estrutura piramidal da população revela a potencialidade de crescimento desta variável: no ano 2000, do total de população potencialmente activa, 51 351 tinham menos que 15 anos e 45 353 eram estudantes. A crescer, o Plano Regional de Emprego prevê que, até 2015, 50 000 jovens integrem o mercado de trabalho.

Paralelamente, e em termos de procura de trabalho, ao mesmo tempo que o turismo é considerado um dos segmentos económicos que mais tem crescido no mundo, constituindo uma actividade propulsora de desenvolvimento, gerando rendimento e emprego, o sector primário, na RAA, está em transformação; não só não cria emprego, como ainda apresenta tendência no sentido de perda de mão-de-obra. Entre 1992 e 2003 o sector perdeu 4 201 activos, pelo que, a longo prazo, não será de admitir diferente comportamento.

Neste sentido, considerou-se que a evolução do emprego, por sectores de actividade, reflectir-se-ia na estagnação do número de efectivos em todos os sectores, com excepção do turismo que, pelo seu efeito multiplicador sobre o emprego, absorve, directa e indirectamente, o aumento de activos no mercado de trabalho.

Os resultados alcançados indicam que a fraca taxa de actividade registada em 2003, essencialmente a das mulheres, constitui um obstáculo à convergência; caso a taxa de actividade feminina nos Açores, em 2015, fosse a que actualmente (2003) se observa no País, o nível de convergência situar-se-ia em 97,8%.

Assumindo este cenário, e recorrendo ao valor do VAB no ramo de alojamento, para a RAA, o efeito directo do turismo no mercado de emprego, considerando uma taxa de desemprego de 4,6%, exigiria que fossem criadas 33 246 camas, mais 25 889 que as actualmente existentes.

Os resultados obtidos nos cenários traduzem, naturalmente, a especificação da abordagem adoptada, não deixando de traduzir as limitações da mesma. Estas limitações, porém, não invalidam o estudo; ao contrário, cria-se um conjunto de informações importantes que servem para orientar o poder público na definição e adopção de políticas específicas para uma estratégia sectorial.

A longo prazo, o crescimento económico no sentido da convergência implica, necessariamente, o planeamento da afectação dos recursos humanos nos diferentes sectores de actividade, sendo certo que a tónica deverá ser a reorientação da economia.

Por outro lado, a análise do VAB do ramo de alojamento, na RAA, alerta para o facto de o desenvolvimento do turismo poder implicar elevados impactes negativos e positivos.

Perante a crescente importância e predominância que se pretende, e que o turismo tem vindo a assumir, a existência de um plano de ordenamento turístico que dinamize, planeie e oriente o desenvolvimento do sector é particularmente importante e pertinente.

APÊNDICE

Apêndice A

Cenário 1: Convergência da Taxa de Actividade Regional com a do País

| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|--|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| ACORES | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1) (unid.: Milhares de pessoas) | 235,475 | 236,225 | 236,275 | 236,750 | 238,624 | 239,675 | 237,952 | 237,888 | 237,770 | 241,763 | 241,649 | 243,809 |
| Homens (1.1) | 113,450 | 117,950 | 116,270 | 117,089 | 116,963 | 116,769 | 117,451 | 117,470 | 117,431 | 118,46 | 119,437 | 120,585 |
| Mulheres (1.2) | 122,025 | 118,275 | 120,005 | 119,661 | 121,662 | 122,907 | 120,501 | 120,418 | 120,339 | 123,30 | 122,212 | 123,224 |
| PopEmpreg/Sector Activ | | | | | | | | | | | | |
| A (agricultura) | 16,231 | 15,719 | 17,212 | 15,708 | 13,513 | 13,369 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| B (pesca) | 1,444 | 1,600 | 0,966 | 1,134 | 1,019 | 1,139 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| Total SI | 17,375 | 16,979 | 18,178 | 16,842 | 14,532 | 14,508 | 16,556 | 17,481 | 15,525 | 13,869 | 13,737 | 13,174 |
| C (indústrias extractivas) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| D (indústrias transformadoras) | 10,765 | 9,649 | 8,639 | 7,466 | 8,428 | 8,104 | 9,604 | 9,234 | 9,635 | 9,903 | 9,753 | 8,709 |
| E (produção/distribuição electric) | 1,648 | 1,511 | 1,470 | 1,959 | 1,430 | 1,508 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| F (construção) | 9,830 | 11,410 | 9,837 | 10,288 | 10,944 | 10,212 | 11,331 | 13,736 | 14,051 | 16,481 | 18,139 | 18,161 |
| Total SII | 22,243 | 22,570 | 19,946 | 19,713 | 20,802 | 19,824 | 22,121 | 24,504 | 25,022 | 27,564 | 29,140 | 28,454 |
| G (comércio p/ grosso e retalho) | 11,662 | 12,497 | 12,688 | 12,157 | 12,979 | 11,514 | 13,369 | 11,871 | 12,807 | 12,505 | 11,272 | 12,598 |
| H (alojamento e restauração) | 2,427 | 2,641 | 2,601 | 3,592 | 2,995 | 3,496 | 3,467 | 3,551 | 5,782 | 4,580 | 5,017 | 4,948 |
| I (transp., amaz. e comunicações) | 4,636 | 4,148 | 3,347 | 3,869 | 4,794 | 4,369 | 3,245 | 3,903 | 4,000 | 3,927 | 4,154 | 4,142 |
| J (actividades financeiras) | 3,370 | 3,401 | 3,410 | 3,088 | 4,522 | 3,917 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| K (actividades imobiliárias) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| L (administração pública) | 10,429 | 10,479 | 10,303 | 10,933 | 10,704 | 14,029 | 11,128 | 10,965 | 12,117 | 11,828 | 12,066 | 11,813 |
| M (educação) | 8,384 | 7,976 | 6,767 | 5,614 | 6,732 | 7,329 | 8,439 | 6,978 | 6,040 | 6,693 | 6,461 | 6,538 |
| N (saúde e acção social) | 3,888 | 4,134 | 3,704 | 5,393 | 5,875 | 6,818 | 4,643 | 6,054 | 6,280 | 5,566 | 5,538 | 6,550 |
| O (outras actividades) | 5,794 | 6,164 | 6,366 | 6,686 | 6,073 | 6,583 | a) | a) | a) | a) | 1,840 | 2,033 |
| P (famílias c/ empreg. domésticos) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| Total SIII | 50,590 | 51,440 | 49,186 | 51,332 | 54,674 | 58,055 | 55,888 | 54,400 | 55,786 | 56,245 | 57,413 | 58,988 |
| População Empregada (2) | 89,425 | 89,650 | 88,178 | 86,930 | 89,017 | 91,163 | 94,597 | 96,385 | 96,334 | 97,678 | 100,290 | 100,615 |
| Homens (2.1) | 60,425 | 60,450 | 59,467 | 59,256 | 59,314 | 58,804 | 62,338 | 63,608 | 63,694 | 63,302 | 64,718 | 64,833 |
| Mulheres (2.2) | 29,000 | 29,200 | 28,711 | 27,675 | 29,702 | 32,359 | 32,259 | 32,777 | 32,640 | 34,376 | 35,572 | 35,782 |
| População Activa (3) | 94,275 | 95,775 | 94,348 | 94,372 | 95,019 | 96,264 | 98,931 | 99,568 | 98,990 | 99,973 | 102,813 | 103,488 |
| PA homens (3.1) | 63,025 | 63,600 | 62,097 | 62,431 | 61,532 | 60,584 | 63,711 | 64,962 | 64,659 | 64,155 | 65,641 | 65,842 |
| PA mulheres (3.2) | 31,250 | 32,175 | 32,251 | 31,941 | 33,487 | 35,680 | 35,220 | 34,606 | 34,331 | 35,818 | 37,172 | 37,646 |
| PIB pm (4) (unid.: Milhões euro) | 707 | 761 | 803 | 1,442 | 1,541 | 1,609 | 1,741 | 1,917 | 2,091 | 2,230 | a) | a) |
| Taxa Actividade Total (3)/(1) | 40,0% | 40,5% | 39,9% | 39,9% | 39,8% | 40,2% | 41,6% | 41,9% | 41,6% | 41,4% | 42,5% | 42,4% |
| TA Homens (3.1)/(1.1) | 55,6% | 53,9% | 53,4% | 53,3% | 52,6% | 51,9% | 54,2% | 55,3% | 55,1% | 54,2% | 55,0% | 54,6% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2) | 25,6% | 27,2% | 26,9% | 26,7% | 27,5% | 29,0% | 29,2% | 28,7% | 28,5% | 29,0% | 30,4% | 30,6% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3) | 94,9% | 93,6% | 93,5% | 92,1% | 93,7% | 94,7% | 95,6% | 96,8% | 97,3% | 97,7% | 97,5% | 97,2% |
| TE Homens (2.1)/(3.1) | 95,9% | 95,0% | 95,8% | 94,9% | 96,4% | 97,1% | 97,8% | 97,9% | 98,5% | 98,7% | 98,6% | 98,5% |
| TE Mulheres (2.2)/(3.2) | 92,8% | 90,8% | 89,0% | 86,6% | 88,7% | 90,7% | 91,6% | 94,7% | 95,1% | 96,0% | 95,7% | 95,0% |
| Taxa Desemprego | 5,1% | 6,4% | 6,5% | 7,9% | 6,3% | 5,3% | 4,4% | 3,2% | 2,7% | 2,3% | 2,5% | 2,8% |
| Produtividade (6)≡(4)/(2) | 7,91 | 8,49 | 9,11 | 16,59 | 17,31 | 17,65 | 18,40 | 19,89 | 21,71 | 22,83 | | |

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|--|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| AÇORES | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1) (unid.: Milhares de pessoas) | 244,581 | 242,941 | 244,044 | 245,063 | 246,008 | 246,940 | 247,860 | 248,745 | 249,591 | 250,403 | 251,156 | 251,868 |
| Homens (1.1) | 119,845 | 120,627 | 119,582 | 120,081 | 120,544 | 121,001 | 121,451 | 121,885 | 122,300 | 122,697 | 123,066 | 123,415 |
| Mulheres (1.2) | 124,736 | 122,314 | 124,462 | 124,982 | 125,464 | 125,939 | 126,409 | 126,860 | 127,291 | 127,706 | 128,090 | 128,453 |
| PopEmpreg/Sector Activ | | | | | | | | | | | | |
| A (agricultura) | | | | | | | | | | | | |
| B (pesca) | | | | | | | | | | | | |
| Total SI | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 |
| C (indústrias extractivas) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| D (indústrias transformadoras) | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 |
| E (produção/distribuição electric) | | | | | | | | | | | | |
| F (construção) | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 |
| Total SII | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 |
| G (comércio p/ grosso e retalho) | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 |
| H (alojamento e restauração) | 12,256 | 14,112 | 16,027 | 18,002 | 20,041 | 22,144 | 24,315 | 26,557 | 28,871 | 31,261 | 33,729 | 33,919 |
| I (transp., armaz. e comunicações) | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 |
| J (actividades financeiras) | | | | | | | | | | | | |
| K (actividades imobiliárias) | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 |
| L (administração pública) | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 |
| M (educação) | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 |
| N (saúde e acção social) | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 |
| O (outras actividades) | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 |
| P (famílias c/ empreg. domésticos) | | | | | | | | | | | | |
| Total SIII | 58,885 | 60,741 | 62,656 | 64,631 | 66,670 | 68,773 | 70,944 | 73,186 | 75,500 | 77,890 | 80,358 | 82,907 |
| População Empregada (2) | 100,513 | 102,369 | 104,284 | 106,259 | 108,298 | 110,401 | 112,572 | 114,814 | 117,128 | 119,518 | 121,986 | 124,535 |
| Homens (2.1) | 63,216 | 63,630 | 64,048 | 64,468 | 64,890 | 65,316 | 65,744 | 66,175 | 66,609 | 67,046 | 67,486 | 67,928 |
| Mulheres (2.2) | 37,297 | 38,739 | 40,236 | 41,792 | 43,407 | 45,085 | 46,828 | 48,639 | 50,519 | 52,472 | 54,500 | 56,607 |
| População Activa (3) | 105,375 | 107,321 | 109,329 | 111,400 | 113,536 | 115,742 | 118,018 | 120,368 | 122,794 | 125,299 | 127,886 | 130,559 |
| PA homens (3.1) | 66,274 | 66,708 | 67,146 | 67,586 | 68,029 | 68,475 | 68,924 | 69,376 | 69,831 | 70,289 | 70,750 | 71,214 |
| PA mulheres (3.2) | 39,101 | 40,613 | 42,183 | 43,813 | 45,507 | 47,266 | 49,094 | 50,991 | 52,963 | 55,010 | 57,136 | 59,345 |
| PTB pm (4) (unid.: Milhões euro) | | | | | | | | | | | | |
| Taxa Actividade Total (3)/(1) | 43,1% | 44,2% | 44,8% | 45,5% | 46,2% | 46,9% | 47,6% | 48,4% | 49,2% | 50,0% | 50,9% | 51,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1) | 55,3% | 55,3% | 56,2% | 56,3% | 56,4% | 56,6% | 56,8% | 56,9% | 57,1% | 57,3% | 57,5% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2) | 31,3% | 33,2% | 33,9% | 35,1% | 36,3% | 37,5% | 38,8% | 40,2% | 41,6% | 43,1% | 44,6% | 46,2% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| TE Homens (2.1)/(3.1) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| TE Mulheres (2.2)/(3.2) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| Taxa Desemprego | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% |
| Produtividade (6)=(4)/(2) | | | | | | | | | | | | |

| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| CONTINENTE | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1)' (unid.: Milhares de pessoas) | 9.345,100 | 9.350,300 | 9.350,400 | 9.356,500 | 9.372,100 | 9.382,200 | 10.129,100 | 10.170,500 | 10.229,100 | 10.304,900 | 10.379,700 | 10.449,300 |
| PT homens (1.1)' | 4.466,800 | 4.479,000 | 4.484,600 | 4.494,300 | 4.506,200 | 4.474,800 | 4.883,900 | 4.905,400 | 4.935,900 | 4.976,100 | 5.015,100 | 5.052,800 |
| PT mulheres (1.2)' | 4.878,300 | 4.871,300 | 4.865,800 | 4.862,200 | 4.865,900 | 4.907,400 | 5.245,200 | 5.265,100 | 5.293,200 | 5.328,800 | 5.364,600 | 5.396,500 |
| População Empregada (2)' | 4.340,700 | 4.255,200 | 4.251,500 | 4.225,200 | 4.250,500 | 4.331,800 | 4.863,300 | 4.928,700 | 5.028,900 | 5.098,400 | 5.106,500 | 5.064,200 |
| PE homens (2.1)' | 2.427,200 | 2.363,500 | 2.352,200 | 2.331,100 | 2.342,400 | 2.379,800 | 2.703,700 | 2.716,900 | 2.767,700 | 2.799,700 | 2.796,200 | 2.753,800 |
| PE mulheres (2.2)' | 1.913,500 | 1.891,700 | 1.899,300 | 1.894,100 | 1.908,100 | 1.952,000 | 2.159,600 | 2.211,800 | 2.261,200 | 2.298,700 | 2.310,300 | 2.310,400 |
| População Activa (3)' | 4.527,600 | 4.503,500 | 4.563,700 | 4.550,600 | 4.582,800 | 4.644,900 | 5.117,000 | 5.155,400 | 5.234,500 | 5.314,000 | 5.378,800 | 5.408,700 |
| PA homens (3.1)' | 2.515,000 | 2.479,600 | 2.503,100 | 2.491,400 | 2.504,500 | 2.533,500 | 2.815,300 | 2.825,800 | 2.857,100 | 2.892,800 | 2.918,200 | 2.915,600 |
| PA mulheres (3.2)' | 2.012,600 | 2.023,900 | 2.060,600 | 2.059,200 | 2.078,300 | 2.111,400 | 2.301,700 | 2.329,600 | 2.377,400 | 2.421,200 | 2.460,600 | 2.493,100 |
| PIB pm (4)' (unid.: Milhões euro) | 63.563 | 67.066 | 72.908 | 77.327 | 82.484 | 88.934 | 96.492 | 103.186 | 113.175 | 120.243 | a) | a) |
| Taxa Actividade Total (3)/(1)' | 48,4% | 48,2% | 48,8% | 48,6% | 48,9% | 49,5% | 50,5% | 50,7% | 51,2% | 51,6% | 51,8% | 51,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1)' | 56,3% | 55,4% | 55,8% | 55,4% | 55,6% | 56,6% | 57,6% | 57,6% | 57,9% | 58,1% | 58,2% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2)' | 41,3% | 41,5% | 42,3% | 42,4% | 42,7% | 43,0% | 43,9% | 44,2% | 44,9% | 45,4% | 45,9% | 46,2% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3)' | 95,9% | 94,5% | 93,2% | 92,8% | 92,7% | 93,3% | 95,0% | 95,6% | 96,1% | 95,9% | 94,9% | 93,6% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(3.1)' | 96,5% | 95,3% | 94,0% | 93,6% | 93,5% | 93,9% | 96,0% | 96,1% | 96,9% | 96,8% | 95,8% | 94,5% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(3.2)' | 95,1% | 93,5% | 92,2% | 92,0% | 91,8% | 92,5% | 93,8% | 94,9% | 95,1% | 94,9% | 93,9% | 92,7% |
| Taxa Desemprego | 4,1% | 5,5% | 6,8% | 7,2% | 7,3% | 6,7% | 5,0% | 4,4% | 3,9% | 4,1% | 5,1% | 6,4% |
| Produtividade (4)/(1) | 14,64 | 15,76 | 17,15 | 18,30 | 19,41 | 20,53 | 19,84 | 20,94 | 22,50 | 23,58 | -- | -- |
| ANÁLISE CONVERGÊNCIA | | | | | | | | | | | | |
| Taxa Actividade Total (1)/(1)' | 82,6% | 84,2% | 81,8% | 82,0% | 81,4% | 81,1% | 82,3% | 82,6% | 81,4% | 80,2% | 82,1% | 82,0% |
| Taxa Actividade Homens (1.1)/(1.1)' | 98,7% | 97,4% | 95,7% | 96,2% | 94,7% | 91,6% | 94,1% | 96,0% | 95,1% | 93,2% | 94,4% | 94,6% |
| Taxa Actividade Mulheres (1.2)/(1.2)' | 62,1% | 65,5% | 63,5% | 63,0% | 64,4% | 67,5% | 66,6% | 65,0% | 63,5% | 63,9% | 66,3% | 66,1% |
| Taxa Emprego Total (2)/(2)' | 98,9% | 99,1% | 100,3% | 99,2% | 101,0% | 101,5% | 100,6% | 101,3% | 101,3% | 101,8% | 102,7% | 103,8% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(2.1)' | 99,3% | 99,7% | 101,9% | 101,4% | 103,1% | 103,3% | 101,9% | 101,8% | 101,7% | 102,0% | 102,9% | 104,3% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(2.2)' | 97,6% | 97,1% | 96,6% | 94,2% | 96,6% | 98,1% | 97,6% | 99,8% | 100,0% | 101,1% | 101,9% | 102,6% |
| Produtividade (3)/(3)' | 54,0% | 53,9% | 53,1% | 50,6% | 49,2% | 48,0% | 49,8% | 49,0% | 46,4% | 46,8% | 46,8% | 46,8% |
| Y/Y' | 44,1% | 44,9% | 43,6% | 43,7% | 43,4% | 40,8% | 40,8% | 39,4% | 39,5% | 39,0% | 38,7% | 38,4% |
| 1-(Y/Y') | 55,9% | 55,1% | 56,4% | 56,3% | 56,6% | 59,2% | 59,2% | 60,6% | 60,5% | 61,0% | 61,3% | 61,6% |

Fonte: SREA
 a) Dados estatísticos inexistentes

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|---|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| CONTINENTE | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1)' (unid.: Milhares de pessoas) | 10.555,932 | 10.071,640 | 10.102,930 | 10.121,924 | 10.128,118 | 10.129,304 | 10.131,120 | 10.124,334 | 10.117,935 | 10.109,045 | 10.097,069 | 10.083,304 |
| PT homens (1.1)' | 5.172,407 | 4.878,208 | 4.849,406 | 4.858,524 | 4.861,497 | 4.862,066 | 4.908,242 | 4.859,680 | 4.856,609 | 4.852,342 | 4.846,593 | 4.887,585 |
| PT mulheres (1.2)' | 5.383,525 | 5.193,432 | 5.253,524 | 5.263,400 | 5.266,621 | 5.267,238 | 5.222,878 | 5.264,654 | 5.261,326 | 5.256,703 | 5.250,476 | 5.195,719 |
| População Empregada (2)' | 5.096,173 | 5.081,170 | 5.066,210 | 5.051,295 | 5.036,424 | 5.021,597 | 5.006,814 | 4.992,074 | 4.977,378 | 4.962,726 | 4.948,117 | 4.933,551 |
| PE homens (2.1)' | 2.747,620 | 2.740,018 | 2.732,438 | 2.724,879 | 2.717,340 | 2.709,823 | 2.702,326 | 2.694,850 | 2.687,394 | 2.679,960 | 2.672,546 | 2.665,152 |
| PE mulheres (2.2)' | 2.348,554 | 2.341,151 | 2.333,772 | 2.326,417 | 2.319,084 | 2.311,775 | 2.304,488 | 2.297,225 | 2.289,984 | 2.282,766 | 2.275,571 | 2.268,399 |
| População Activa (3)' | 5.392,776 | 5.376,899 | 5.361,069 | 5.345,286 | 5.329,549 | 5.313,859 | 5.298,216 | 5.282,618 | 5.267,067 | 5.251,562 | 5.236,102 | 5.220,689 |
| PA homens (3.1)' | 2.907,534 | 2.899,490 | 2.891,469 | 2.883,469 | 2.875,492 | 2.867,537 | 2.859,604 | 2.851,693 | 2.843,804 | 2.835,936 | 2.828,091 | 2.820,267 |
| PA mulheres (3.2)' | 2.485,242 | 2.477,409 | 2.469,600 | 2.461,816 | 2.454,057 | 2.446,322 | 2.438,612 | 2.430,926 | 2.423,264 | 2.415,626 | 2.408,012 | 2.400,422 |
| PIB pm (4)' (unid.: Milhões euro) | | | | | | | | | | | | |
| Taxa Actividade Total (3)/(1)' | 51,1% | 53,4% | 53,1% | 52,8% | 52,6% | 52,5% | 52,3% | 52,2% | 52,1% | 51,9% | 51,9% | 51,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1)' | 56,2% | 59,4% | 59,6% | 59,3% | 59,1% | 59,0% | 58,3% | 58,7% | 58,6% | 58,4% | 58,4% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2)' | 46,2% | 47,7% | 47,0% | 46,8% | 46,6% | 46,4% | 46,7% | 46,2% | 46,1% | 46,0% | 45,9% | 46,2% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(3.1)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(3.2)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Desemprego | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% |
| Produtividade (4)/(1) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |

ANÁLISE CONVERGÊNCIA

| | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Taxa Actividade Total (1)/(1)' | 84,3% | 82,7% | 84,4% | 86,1% | 87,7% | 89,3% | 91,0% | 92,7% | 94,5% | 96,3% | 98,2% | 100,1% |
| Taxa Actividade Homens (1.1)/(1.1)' | 98,4% | 93,0% | 94,2% | 94,8% | 95,4% | 96,0% | 97,4% | 97,0% | 97,5% | 98,0% | 98,5% | 100,0% |
| Taxa Actividade Mulheres (1.2)/(1.2)' | 67,9% | 69,6% | 72,1% | 74,9% | 77,8% | 80,8% | 83,2% | 87,1% | 90,3% | 93,7% | 97,3% | 100,0% |
| Taxa Emprego Total (2)/(2)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(2.1)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(2.2)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Produtividade (3)/(3)' | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% |
| Y/Y' | 82,4% | 80,9% | 82,5% | 84,1% | 85,7% | 87,3% | 89,0% | 90,6% | 92,3% | 94,1% | 95,9% | 97,8% |
| 1-(Y/Y') | 17,6% | 19,1% | 17,5% | 15,9% | 14,3% | 12,7% | 11,0% | 9,4% | 7,7% | 5,9% | 4,1% | 2,2% |

Fonte: SREA

a) Dados estatísticos inexistentes

Apêndice B

Cenário 2: Extrapolação da Taxa de Actividade Regional Histórica

| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|---|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| AÇORES | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1) (unid.: Milhares de pessoa) | 235,475 | 236,225 | 236,275 | 236,750 | 238,624 | 239,675 | 237,952 | 237,888 | 237,770 | 241,763 | 241,649 | 243,809 |
| Homens (1.1) | 113,450 | 117,950 | 116,270 | 117,089 | 116,963 | 116,769 | 117,451 | 117,470 | 117,431 | 118,46 | 119,437 | 120,585 |
| Mulheres (1.2) | 122,025 | 118,275 | 120,005 | 119,661 | 121,662 | 122,907 | 120,501 | 120,418 | 120,339 | 123,30 | 122,212 | 123,224 |
| PopEmpreg/Sector Activ | | | | | | | | | | | | |
| A (agricultura) | 16,231 | 15,719 | 17,212 | 15,708 | 13,513 | 13,369 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| B (pesca) | 1,144 | 1,260 | 0,966 | 1,134 | 1,019 | 1,139 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| Total SI | 17,375 | 16,979 | 18,178 | 16,842 | 14,532 | 14,508 | 16,556 | 17,481 | 15,525 | 13,869 | 13,737 | 13,174 |
| C (indústrias extractivas) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| D (indústrias transformadoras) | 10,765 | 9,649 | 8,639 | 7,466 | 8,428 | 8,104 | 9,604 | 9,234 | 9,635 | 9,903 | 9,753 | 8,709 |
| E (produção/distribuição electric) | 1,648 | 1,511 | 1,470 | 1,959 | 1,430 | 1,508 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| F (construção) | 9,830 | 11,410 | 9,837 | 10,288 | 10,944 | 10,212 | 11,331 | 13,736 | 14,051 | 16,481 | 18,139 | 18,161 |
| Total SII | 22,243 | 22,570 | 19,946 | 19,713 | 20,802 | 19,824 | 22,121 | 24,504 | 25,022 | 27,564 | 29,140 | 28,454 |
| G (comércio p/ grosso e retalho) | 11,662 | 12,497 | 12,688 | 12,157 | 12,979 | 11,514 | 13,369 | 11,871 | 12,807 | 12,505 | 11,272 | 12,598 |
| H (alojamento e restauração) | 2,427 | 2,641 | 2,601 | 3,592 | 2,995 | 3,496 | 3,467 | 3,551 | 5,782 | 4,580 | 5,017 | 4,948 |
| I (transp., armaz. e comunicações) | 4,636 | 4,148 | 3,347 | 3,869 | 4,794 | 4,369 | 3,245 | 3,903 | 4,000 | 3,927 | 4,154 | 4,142 |
| J (actividades financeiras) | 3,370 | 3,401 | 3,410 | 3,088 | 4,522 | 3,917 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| K (actividades imobiliárias) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| L (administração pública) | 10,429 | 10,479 | 10,303 | 10,933 | 10,704 | 14,029 | 11,128 | 10,965 | 12,117 | 11,828 | 12,066 | 11,813 |
| M (educação) | 8,384 | 7,976 | 6,767 | 5,614 | 6,732 | 7,329 | 8,439 | 6,978 | 6,040 | 6,693 | 6,461 | 6,538 |
| N (saúde e acção social) | 3,888 | 4,134 | 3,704 | 5,393 | 5,875 | 6,818 | 4,643 | 6,054 | 6,280 | 5,566 | 5,538 | 6,550 |
| O (outras actividades) | 5,794 | 6,164 | 6,366 | 6,686 | 6,073 | 6,583 | a) | a) | a) | a) | 1,840 | 2,033 |
| P (famílias c/ empreg. domésticos) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| Total SIII | 50,590 | 51,440 | 49,186 | 51,332 | 54,674 | 58,055 | 55,888 | 54,400 | 55,786 | 56,245 | 57,413 | 58,988 |
| População Empregada (2) | 89,425 | 89,650 | 88,178 | 86,930 | 89,017 | 91,163 | 94,597 | 96,385 | 96,334 | 97,678 | 100,290 | 100,615 |
| Homens (2.1) | 60,425 | 60,450 | 59,467 | 59,256 | 59,314 | 58,804 | 62,338 | 63,608 | 63,694 | 63,302 | 64,718 | 64,833 |
| Mulheres (2.2) | 29,000 | 29,200 | 28,711 | 27,675 | 29,702 | 32,359 | 32,259 | 32,777 | 32,640 | 34,376 | 35,572 | 35,782 |
| População Activa (3) | 94,275 | 95,775 | 94,348 | 94,372 | 95,019 | 96,264 | 98,931 | 99,568 | 98,990 | 99,973 | 102,813 | 103,488 |
| PA homens (3.1) | 63,025 | 63,600 | 62,097 | 62,431 | 61,532 | 60,584 | 63,711 | 64,962 | 64,659 | 64,155 | 65,641 | 65,842 |
| PA mulheres (3.2) | 31,250 | 32,175 | 32,251 | 31,941 | 33,487 | 35,680 | 35,220 | 34,606 | 34,331 | 35,818 | 37,172 | 37,646 |
| PIB pm (4) (unid.: Milhões euro) | 707 | 761 | 803 | 1,442 | 1,541 | 1,609 | 1,741 | 1,917 | 2,091 | 2,230 | a) | a) |
| Taxa Actividade Total (3)/(1) | 40,0% | 40,5% | 39,9% | 39,9% | 39,8% | 40,2% | 41,6% | 41,9% | 41,6% | 41,4% | 42,5% | 42,4% |
| TA Homens (E)/(A) | 55,6% | 53,9% | 53,4% | 53,3% | 52,6% | 51,9% | 54,2% | 55,3% | 55,1% | 54,2% | 55,0% | 54,6% |
| TA Mulheres (F)/(B) | 25,6% | 27,2% | 26,9% | 26,7% | 27,5% | 29,0% | 29,2% | 28,7% | 28,5% | 29,0% | 30,4% | 30,6% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3) | 94,9% | 93,6% | 93,5% | 92,1% | 93,7% | 94,7% | 95,6% | 96,8% | 97,3% | 97,7% | 97,5% | 97,2% |
| TE Homens (C)/(E) | 95,9% | 95,0% | 95,8% | 94,9% | 96,4% | 97,1% | 97,8% | 97,9% | 98,5% | 98,7% | 98,6% | 98,5% |
| TE Mulheres (D)/(F) | 92,8% | 90,8% | 89,0% | 86,6% | 88,7% | 90,7% | 91,6% | 94,7% | 95,1% | 96,0% | 95,7% | 95,0% |
| Taxa Desemprego | 5,1% | 6,4% | 6,5% | 7,9% | 6,3% | 5,3% | 4,4% | 3,2% | 2,7% | 2,3% | 2,5% | 2,8% |
| Produtividade (6)=(4)/(2) | 7,91 | 8,49 | 9,11 | 16,59 | 17,31 | 17,65 | 18,40 | 19,89 | 21,71 | 22,83 | | |

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|---|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| ACORES | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1) (unid.: Milhares de pessoa) | 244,581 | 242,941 | 244,044 | 245,063 | 246,008 | 246,940 | 247,860 | 248,745 | 249,591 | 250,403 | 251,156 | 251,868 |
| Homens (1.1) | 119,845 | 120,627 | 119,582 | 120,081 | 120,544 | 121,001 | 121,451 | 121,885 | 122,300 | 122,697 | 123,066 | 123,415 |
| Mulheres (1.2) | 124,736 | 122,314 | 124,462 | 124,982 | 125,464 | 125,939 | 126,409 | 126,860 | 127,291 | 127,706 | 128,090 | 128,453 |
| PopEmpreg/Sector Activ | | | | | | | | | | | | |
| A (agricultura) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| B (pesca) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| Total SI | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 |
| C (indústrias extractivas) | | | | | | | | | | | | |
| D (indústrias transformadoras) | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 |
| E (produção/distribuição electric) | | | | | | | | | | | | |
| F (construção) | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 |
| Total SII | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 |
| G (comércio p/ grosso e retalho) | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 |
| H (alojamento e restauração) | 11,319 | 12,194 | 13,080 | 13,978 | 14,888 | 15,811 | 16,746 | 17,693 | 18,653 | 19,626 | 20,613 | 21,613 |
| I (transp., armaz. e comunicações) | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 |
| J (actividades financeiras) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| K (actividades imobiliárias) | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 |
| L (administração pública) | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 |
| M (educação) | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 |
| N (saúde e acção social) | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 |
| O (outras actividades) | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 |
| P (famílias c/ empreg. domésticos) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| Total SIII | 57,948 | 58,823 | 59,709 | 60,607 | 61,517 | 62,440 | 63,375 | 64,322 | 65,282 | 66,255 | 67,242 | 68,242 |
| População Empregada (2) | 99,576 | 100,451 | 101,337 | 102,235 | 103,145 | 104,068 | 105,003 | 105,950 | 106,910 | 107,883 | 108,870 | 109,870 |
| Homens (2.1) | 63,054 | 63,305 | 63,557 | 63,811 | 64,065 | 64,320 | 64,576 | 64,833 | 65,092 | 65,351 | 65,611 | 65,872 |
| Mulheres (2.2) | 36,522 | 37,146 | 37,780 | 38,425 | 39,081 | 39,748 | 40,426 | 41,117 | 41,819 | 42,532 | 43,259 | 43,997 |
| População Activa (3) | 104,393 | 105,310 | 106,239 | 107,181 | 108,135 | 109,102 | 110,082 | 111,075 | 112,082 | 113,102 | 114,136 | 115,184 |
| PA homens (3.1) | 66,104 | 66,368 | 66,632 | 66,897 | 67,164 | 67,431 | 67,700 | 67,969 | 68,240 | 68,512 | 68,785 | 69,059 |
| PA mulheres (3.2) | 38,289 | 38,942 | 39,607 | 40,283 | 40,971 | 41,671 | 42,382 | 43,105 | 43,841 | 44,590 | 45,351 | 46,125 |
| PTB pm (4) (unid.: Milhões euro) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| Taxa Actividade Total (3)/(1) | 42,7% | 43,3% | 43,5% | 43,7% | 44,0% | 44,2% | 44,4% | 44,7% | 44,9% | 45,2% | 45,4% | 45,7% |
| TA Homens (E)/(A) | 55,2% | 55,0% | 55,7% | 55,7% | 55,7% | 55,7% | 55,7% | 55,8% | 55,8% | 55,8% | 55,9% | 56,0% |
| TA Mulheres (F)/(B) | 30,7% | 31,8% | 31,8% | 32,2% | 32,7% | 33,1% | 33,5% | 34,0% | 34,4% | 34,9% | 35,4% | 35,9% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| TE Homens (C)/(E) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| TE Mulheres (D)/(F) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| Taxa Desemprego | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% |
| Produtividade (6)=(4)/(2) | | | | | | | | | | | | |

| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| CONTINENTE | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1)* (unid.: Milhares de pessoas) | 9.345,10 | 9.350,30 | 9.350,40 | 9.356,50 | 9.372,10 | 9.382,20 | 10.129,10 | 10.170,50 | 10.229,10 | 10.304,90 | 10.379,70 | 10.449,30 |
| PT homens (1.1) | 4.466,80 | 4.479,00 | 4.484,60 | 4.494,30 | 4.506,20 | 4.474,80 | 4.883,90 | 4.905,40 | 4.976,10 | 4.976,10 | 5.015,10 | 5.052,80 |
| PT mulheres (1.2) | 4.878,30 | 4.871,30 | 4.865,80 | 4.862,20 | 4.865,90 | 4.907,40 | 5.245,20 | 5.265,10 | 5.293,20 | 5.328,80 | 5.364,60 | 5.396,50 |
| População Empregada (2)* | 4.340,70 | 4.255,20 | 4.251,50 | 4.225,20 | 4.250,50 | 4.331,80 | 4.863,30 | 4.928,70 | 5.028,90 | 5.098,40 | 5.106,50 | 5.064,20 |
| PE homens (2.1) | 2.427,20 | 2.363,50 | 2.352,20 | 2.331,10 | 2.342,40 | 2.379,80 | 2.703,70 | 2.716,90 | 2.767,70 | 2.799,70 | 2.796,20 | 2.753,80 |
| PE mulheres (2.2) | 1.913,50 | 1.891,70 | 1.899,30 | 1.894,10 | 1.908,10 | 1.952,00 | 2.159,60 | 2.211,80 | 2.261,20 | 2.298,70 | 2.310,30 | 2.310,40 |
| População Activa (3)* | 4.527,60 | 4.503,50 | 4.563,70 | 4.550,60 | 4.582,80 | 4.644,90 | 5.117,00 | 5.155,40 | 5.234,50 | 5.314,00 | 5.378,80 | 5.408,70 |
| PA homens (3.1) | 2.515,00 | 2.479,60 | 2.503,10 | 2.491,40 | 2.504,50 | 2.533,50 | 2.815,30 | 2.825,80 | 2.857,10 | 2.892,80 | 2.918,20 | 2.915,60 |
| PA mulheres (3.2) | 2.012,60 | 2.023,90 | 2.060,60 | 2.059,20 | 2.078,30 | 2.111,40 | 2.301,70 | 2.329,60 | 2.377,40 | 2.421,20 | 2.460,60 | 2.493,10 |
| PIB pm (4)* (unid.: Milhões euro) | 63.563 | 67.066 | 72.908 | 77.327 | 82.484 | 88.934 | 96.492 | 103.186 | 113.175 | 120.243 | a) | a) |
| Taxa Actividade Total (3)/(1)* | 48,4% | 48,2% | 48,8% | 48,6% | 48,9% | 49,5% | 50,5% | 50,7% | 51,2% | 51,6% | 51,8% | 51,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1)* | 56,3% | 55,4% | 55,8% | 55,4% | 55,6% | 56,6% | 57,6% | 57,6% | 57,9% | 58,1% | 58,2% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2)* | 41,3% | 41,5% | 42,3% | 42,4% | 42,7% | 43,0% | 43,9% | 44,2% | 44,9% | 45,4% | 45,9% | 46,2% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3)* | 95,9% | 94,5% | 93,2% | 92,8% | 92,7% | 93,3% | 95,0% | 95,6% | 96,1% | 95,9% | 94,9% | 93,6% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(3.1)* | 96,5% | 95,3% | 94,0% | 93,6% | 93,5% | 93,9% | 96,0% | 96,1% | 96,9% | 96,8% | 95,8% | 94,5% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(3.2)* | 95,1% | 93,5% | 92,2% | 92,0% | 91,8% | 92,5% | 93,8% | 94,9% | 95,1% | 94,9% | 93,9% | 92,7% |
| | 4,1% | 5,5% | 6,8% | 7,2% | 7,3% | 6,7% | 5,0% | 4,4% | 3,9% | 4,1% | 5,1% | 6,4% |
| Produtividade (4)/(1) | 14,64 | 15,76 | 17,15 | 18,30 | 19,41 | 20,53 | 19,84 | 20,94 | 22,50 | 23,58 | | |

ANÁLISE CONVERGÊNCIA

| | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Taxa Actividade Total (1)/(1)* | 82,6% | 84,2% | 81,8% | 82,0% | 81,4% | 81,1% | 82,3% | 82,6% | 81,4% | 80,2% | 82,1% | 82,0% |
| Taxa Actividade Homens (1.1)/(1.1)* | 98,7% | 97,4% | 95,7% | 96,2% | 94,7% | 91,6% | 94,1% | 96,0% | 95,1% | 93,2% | 94,4% | 94,6% |
| Taxa Actividade Mulheres (1.2)/(1.2)* | 62,1% | 65,5% | 63,5% | 63,0% | 64,4% | 67,5% | 66,6% | 65,0% | 63,5% | 63,9% | 66,3% | 66,1% |
| Taxa Emprego Total (2)/(2)* | 98,9% | 99,1% | 100,3% | 99,2% | 101,0% | 101,5% | 100,6% | 101,3% | 101,3% | 101,8% | 102,7% | 103,8% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(2.1)* | 99,3% | 99,7% | 101,9% | 101,4% | 103,1% | 103,3% | 101,9% | 101,8% | 101,7% | 102,0% | 102,9% | 104,3% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(2.2)* | 97,6% | 97,1% | 96,6% | 94,2% | 96,6% | 98,1% | 97,6% | 99,8% | 100,0% | 101,1% | 101,9% | 102,6% |
| Produtividade (3)/(3)* | 54,0% | 53,9% | 53,1% | 90,6% | 89,2% | 86,0% | 92,8% | 95,0% | 96,4% | 96,8% | 96,8% | 96,8% |
| Y/Y' | 44,1% | 44,9% | 43,6% | 73,7% | 73,4% | 70,8% | 76,8% | 79,4% | 79,5% | 79,0% | 81,7% | 82,4% |
| 1-(Y/Y') | 55,9% | 55,1% | 56,4% | 26,3% | 26,6% | 29,2% | 23,2% | 20,6% | 20,5% | 21,0% | 18,3% | 17,6% |

Fonte: SREA

a) Dados estatísticos inexistentes

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| CONTINENTE | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1)' (unid.: Milhares de pessoas) | 10.555,93 | 10.071,64 | 10.102,93 | 10.121,92 | 10.128,12 | 10.129,30 | 10.131,12 | 10.124,33 | 10.117,94 | 10.109,05 | 10.097,07 | 10.083,30 |
| PT homens (1.1)' | 5.172,41 | 4.878,21 | 4.849,41 | 4.858,52 | 4.861,50 | 4.862,07 | 4.908,24 | 4.859,68 | 4.856,61 | 4.852,34 | 4.846,59 | 4.887,59 |
| PT mulheres (1.2)' | 5.383,53 | 5.193,43 | 5.253,52 | 5.263,40 | 5.266,62 | 5.267,24 | 5.222,88 | 5.264,65 | 5.261,33 | 5.256,70 | 5.250,48 | 5.195,72 |
| População Empregada (2)' | 5.127,01 | 5.143,04 | 5.159,34 | 5.175,89 | 5.192,70 | 5.209,78 | 5.227,12 | 5.244,73 | 5.262,61 | 5.280,76 | 5.299,18 | 5.317,88 |
| PE homens (2.1)' | 2.747,62 | 2.740,02 | 2.732,44 | 2.724,88 | 2.717,34 | 2.709,82 | 2.702,33 | 2.694,85 | 2.687,39 | 2.679,96 | 2.672,55 | 2.665,15 |
| PE mulheres (2.2)' | 2.379,39 | 2.403,03 | 2.426,90 | 2.451,01 | 2.475,36 | 2.499,96 | 2.524,79 | 2.549,88 | 2.575,21 | 2.600,80 | 2.626,64 | 2.652,73 |
| População Activa (3)' | 5.425,40 | 5.442,37 | 5.459,62 | 5.477,13 | 5.494,92 | 5.512,99 | 5.531,34 | 5.549,98 | 5.568,89 | 5.588,10 | 5.607,60 | 5.627,39 |
| PA homens (3.1)' | 2.907,53 | 2.899,49 | 2.891,47 | 2.883,47 | 2.875,49 | 2.867,54 | 2.859,60 | 2.851,69 | 2.843,80 | 2.835,94 | 2.828,09 | 2.820,27 |
| PA mulheres (3.2)' | 2.517,87 | 2.542,88 | 2.568,15 | 2.593,66 | 2.619,43 | 2.645,46 | 2.671,74 | 2.698,28 | 2.725,09 | 2.752,16 | 2.779,51 | 2.807,12 |
| PIB pm (4)' (unid.: Milhões euro) | | | | | | | | | | | | |
| Taxa Actividade Total (3)/(1)' | 51,4% | 54,0% | 54,0% | 54,1% | 54,3% | 54,4% | 54,6% | 54,8% | 55,0% | 55,3% | 55,5% | 55,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1)' | 56,2% | 59,4% | 59,6% | 59,3% | 59,1% | 59,0% | 58,3% | 58,7% | 58,6% | 58,4% | 58,4% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2)' | 46,8% | 49,0% | 48,9% | 49,3% | 49,7% | 50,2% | 51,2% | 51,3% | 51,8% | 52,4% | 52,9% | 54,0% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(3.1)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(3.2)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Produtividade (4)/(1)' | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% |

ANÁLISE CONVERGÊNCIA

| | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Taxa Actividade Total (1)/(1)' | 83,0% | 80,2% | 80,6% | 80,8% | 81,0% | 81,2% | 81,3% | 81,5% | 81,6% | 81,7% | 81,8% | 81,9% |
| Taxa Actividade Homens (1.1)/(1.1)' | 98,1% | 92,6% | 93,5% | 93,9% | 94,2% | 94,5% | 95,7% | 95,0% | 95,3% | 95,5% | 95,8% | 97,0% |
| Taxa Actividade Mulheres (1.2)/(1.2)' | 65,6% | 65,0% | 65,1% | 65,4% | 65,7% | 65,9% | 65,5% | 66,3% | 66,5% | 66,7% | 66,9% | 66,5% |
| Taxa Emprego Total (2)/(2)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(2.1)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(2.2)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Produtividade (3)/(3)' | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% |
| Y/Y' | 81,1% | 78,4% | 78,7% | 79,0% | 79,2% | 79,3% | 79,5% | 79,6% | 79,7% | 79,8% | 80,0% | 80,1% |
| 1-(Y/Y)' | 18,9% | 21,6% | 21,3% | 21,0% | 20,8% | 20,7% | 20,5% | 20,4% | 20,3% | 20,2% | 20,0% | 19,9% |

Fonte: SREA

a) Dados estatísticos inexistentes

Apêndice C

Cenário 3: Convergência da Taxa de Actividade com a Região Autónoma da Madeira

| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|--|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| AÇORES | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1) (unid.: Milhares de pessoas) | 235,475 | 236,225 | 236,275 | 236,750 | 238,624 | 239,675 | 237,952 | 237,888 | 237,770 | 241,763 | 241,649 | 243,809 |
| Homens (1.1) | 113,450 | 117,950 | 116,270 | 117,089 | 116,963 | 116,769 | 117,451 | 117,470 | 117,431 | 118,46 | 119,437 | 120,585 |
| Mulheres (1.2) | 122,025 | 118,275 | 120,005 | 119,661 | 121,662 | 122,907 | 120,501 | 120,418 | 120,339 | 123,30 | 122,212 | 123,224 |
| PopEmpreg/Sector Activ | | | | | | | | | | | | |
| A (agricultura) | 16,231 | 15,719 | 17,212 | 15,708 | 13,513 | 13,369 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| B (pesca) | 1,144 | 1,260 | 0,966 | 1,134 | 1,019 | 1,139 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| Total SI | 17,375 | 16,979 | 18,178 | 16,842 | 14,532 | 14,508 | 16,556 | 17,481 | 15,525 | 13,869 | 13,737 | 13,174 |
| C (indústrias extractivas) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| D (indústrias transformadoras) | 10,765 | 9,649 | 8,639 | 7,466 | 8,428 | 8,104 | 9,604 | 9,234 | 9,635 | 9,903 | 9,753 | 8,709 |
| E (produção/distribuição electric) | 1,648 | 1,511 | 1,470 | 1,959 | 1,430 | 1,508 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| F (construção) | 9,830 | 11,410 | 9,837 | 10,288 | 10,944 | 10,212 | 11,331 | 13,736 | 14,051 | 16,481 | 18,139 | 18,161 |
| Total SII | 22,243 | 22,570 | 19,946 | 19,713 | 20,802 | 19,824 | 22,121 | 24,504 | 25,022 | 27,564 | 29,14 | 28,454 |
| G (comércio p/ grosso e retalho) | 11,662 | 12,497 | 12,688 | 12,157 | 12,979 | 11,514 | 13,369 | 11,871 | 12,807 | 12,505 | 11,272 | 12,60 |
| H (alojamento e restauração) | 2,427 | 2,641 | 2,601 | 3,592 | 2,995 | 3,496 | 3,467 | 3,551 | 5,782 | 4,580 | 5,017 | 4,948 |
| I (transp., armaz. e comunicações) | 4,636 | 4,148 | 3,347 | 3,869 | 4,794 | 4,369 | 3,245 | 3,903 | 4,000 | 3,927 | 4,154 | 4,14 |
| J (actividades financeiras) | 3,370 | 3,401 | 3,410 | 3,088 | 4,522 | 3,917 | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| K (actividades imobiliárias) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| L (administração pública) | 10,429 | 10,479 | 10,303 | 10,933 | 10,704 | 14,029 | 11,128 | 10,965 | 12,117 | 11,828 | 12,066 | 11,81 |
| M (educação) | 8,384 | 7,976 | 6,767 | 5,614 | 6,732 | 7,329 | 8,439 | 6,978 | 6,040 | 6,693 | 6,461 | 6,54 |
| N (saúde e acção social) | 3,888 | 4,134 | 3,704 | 5,393 | 5,875 | 6,818 | 4,643 | 6,054 | 6,280 | 5,566 | 5,538 | 6,55 |
| O (outras actividades) | 5,794 | 6,164 | 6,366 | 6,686 | 6,073 | 6,583 | a) | a) | a) | a) | 1,840 | 2,03 |
| P (famílias c/ empreg. domésticos) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) | a) |
| Total SIII | 50,59 | 51,44 | 49,186 | 51,332 | 54,674 | 58,055 | 55,888 | 54,400 | 55,786 | 56,245 | 57,413 | 58,988 |
| População Empregada (2) | 89,425 | 89,650 | 88,178 | 86,930 | 89,017 | 91,163 | 94,597 | 96,385 | 96,334 | 97,678 | 100,290 | 100,615 |
| Homens (2.1) | 60,425 | 60,450 | 59,467 | 59,256 | 59,314 | 58,804 | 62,338 | 63,608 | 63,694 | 63,302 | 64,718 | 64,833 |
| Mulheres (2.2) | 29,000 | 29,200 | 28,711 | 27,675 | 29,702 | 32,359 | 32,259 | 32,777 | 32,640 | 34,376 | 35,572 | 35,782 |
| População Activa (3) | 94,275 | 95,775 | 94,348 | 94,372 | 95,019 | 96,264 | 98,931 | 99,568 | 98,990 | 99,973 | 102,813 | 103,488 |
| PA homens (3.1) | 63,025 | 63,600 | 62,097 | 62,431 | 61,532 | 60,584 | 63,711 | 64,962 | 64,659 | 64,155 | 65,641 | 65,842 |
| PA mulheres (3.2) | 31,250 | 32,175 | 32,251 | 31,941 | 33,487 | 35,680 | 35,220 | 34,606 | 34,331 | 35,818 | 37,172 | 37,646 |
| PIB pm. (4) (unid.: Milhões euro) | 707 | 761 | 803 | 1.442 | 1.541 | 1.609 | 1.741 | 1.917 | 2.091 | 2.230 | a) | a) |
| Taxa Actividade Total (3)/(1) | 40,0% | 40,5% | 39,9% | 39,9% | 39,8% | 40,2% | 41,6% | 41,9% | 41,6% | 41,4% | 42,5% | 42,4% |
| TA Homens (E)/(A) | 55,6% | 53,9% | 53,4% | 53,3% | 52,6% | 51,9% | 54,2% | 55,3% | 55,1% | 54,2% | 55,0% | 54,6% |
| TA Mulheres (F)/(B) | 25,6% | 27,2% | 26,9% | 26,7% | 27,5% | 29,0% | 29,2% | 28,7% | 28,5% | 29,0% | 30,4% | 30,6% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3) | 94,9% | 93,6% | 93,5% | 92,1% | 93,7% | 94,7% | 95,6% | 96,8% | 97,3% | 97,7% | 97,5% | 97,2% |
| TE Homens (C)/(E) | 95,9% | 95,0% | 95,8% | 94,9% | 96,4% | 97,1% | 97,8% | 97,9% | 98,5% | 98,7% | 98,6% | 98,5% |
| TE Mulheres (D)/(F) | 92,8% | 90,8% | 89,0% | 86,6% | 88,7% | 90,7% | 91,6% | 94,7% | 95,1% | 96,0% | 95,7% | 95,0% |
| Taxa Desemprego | 5,1% | 6,4% | 6,5% | 7,9% | 6,3% | 5,3% | 4,4% | 3,2% | 2,7% | 2,3% | 2,5% | 2,8% |
| Produtividade (6)=(4)/(2) | 7,91 | 8,49 | 9,11 | 16,59 | 17,31 | 17,65 | 18,40 | 19,89 | 21,71 | 22,83 | | |

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|--|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| AÇORES | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1) (unid.: Milhares de pessoas) | 244,581 | 242,941 | 244,044 | 245,063 | 246,008 | 246,940 | 247,860 | 248,745 | 249,591 | 250,403 | 251,156 | 251,868 |
| Homens (1.1) | 119,845 | 120,627 | 119,582 | 120,081 | 120,544 | 121,001 | 121,451 | 121,885 | 122,300 | 122,697 | 123,066 | 123,415 |
| Mulheres (1.2) | 124,736 | 122,314 | 124,462 | 124,982 | 125,464 | 125,939 | 126,409 | 126,860 | 127,291 | 127,706 | 128,090 | 128,453 |
| PopEmpreg/Sector Activ | | | | | | | | | | | | |
| A (agricultura) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| B (pesca) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| Total SI | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 | 13,174 |
| C (indústrias extractivas) | | | | | | | | | | | | |
| D (indústrias transformadoras) | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 | 8,709 |
| E (produção/distribuição eléctric) | | | | | | | | | | | | |
| F (construção) | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 | 18,161 |
| Total SII | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 | 28,454 |
| G (comércio p/ grosso e retalho) | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 | 12,598 |
| H (alojamento e restauração) | 11,244 | 12,047 | 12,867 | 13,703 | 14,556 | 15,426 | 16,314 | 17,219 | 18,143 | 19,086 | 20,048 | 20,986 |
| I (transp., armaz. e comunicações) | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 | 4,142 |
| J (actividades financeiras) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| K (actividades imobiliárias) | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 | 2,955 |
| L (administração pública) | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 | 11,813 |
| M (educação) | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 | 6,538 |
| N (saúde e accção social) | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 | 6,550 |
| O (outras actividades) | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 | 2,033 |
| P (famílias c/ empreg. domésticos) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| Total SIII | 57,873 | 58,676 | 59,496 | 60,332 | 61,185 | 62,055 | 62,943 | 63,848 | 64,772 | 65,715 | 66,677 | 67,658 |
| População Empregada (2) | 99,501 | 100,304 | 101,124 | 101,960 | 102,813 | 103,683 | 104,571 | 105,476 | 106,400 | 107,343 | 108,305 | 109,286 |
| Homens (2.1) | 62,838 | 62,873 | 62,907 | 62,941 | 62,975 | 63,010 | 63,044 | 63,078 | 63,113 | 63,147 | 63,182 | 63,216 |
| Mulheres (2.2) | 36,662 | 37,432 | 38,217 | 39,019 | 39,837 | 40,673 | 41,527 | 42,398 | 43,287 | 44,196 | 45,123 | 46,070 |
| População Activa (3) | 104,314 | 105,156 | 106,015 | 106,892 | 107,786 | 108,698 | 109,629 | 110,579 | 111,547 | 112,535 | 113,544 | 114,572 |
| PA homens (3.1) | 65,878 | 65,914 | 65,950 | 65,986 | 66,022 | 66,058 | 66,094 | 66,130 | 66,166 | 66,202 | 66,238 | 66,274 |
| PA mulheres (3.2) | 38,436 | 39,242 | 40,066 | 40,906 | 41,764 | 42,641 | 43,535 | 44,449 | 45,381 | 46,334 | 47,306 | 48,298 |
| PIB pm (4) (unid.: Milhões euro) | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- |
| Taxa Actividade Total (3)/(1) | 42,6% | 43,3% | 43,4% | 43,6% | 43,8% | 44,0% | 44,2% | 44,5% | 44,7% | 44,9% | 45,2% | 45,5% |
| TA Homens (E)/(A) | 55,0% | 54,6% | 55,2% | 55,0% | 54,8% | 54,6% | 54,4% | 54,3% | 54,1% | 54,0% | 53,8% | 53,7% |
| TA Mulheres (F)/(B) | 30,8% | 32,1% | 32,2% | 32,7% | 33,3% | 33,9% | 34,4% | 35,0% | 35,7% | 36,3% | 36,9% | 37,6% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| TE Homens (C)/(E) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| TE Mulheres (D)/(F) | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% | 95,4% |
| Taxa Desemprego | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% | 4,6% |
| Produtividade (6)=(4)/(2) | | | | | | | | | | | | |

| | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| CONTINENTE | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1)' (unid.: Milhares de pessoas) | 9.345,10 | 9.350,30 | 9.350,40 | 9.356,50 | 9.372,10 | 9.382,20 | 10.129,10 | 10.170,50 | 10.229,10 | 10.304,90 | 10.379,70 | 10.449,30 |
| PI homens (1.1) | 4.466,80 | 4.479,00 | 4.484,60 | 4.494,30 | 4.506,20 | 4.474,80 | 4.883,90 | 4.905,40 | 4.935,90 | 4.976,10 | 5.015,10 | 5.052,80 |
| PI mulheres (1.2) | 4.878,30 | 4.871,30 | 4.865,80 | 4.862,20 | 4.865,90 | 4.907,40 | 5.245,20 | 5.265,10 | 5.293,20 | 5.328,80 | 5.364,60 | 5.396,50 |
| População Empregada (2)' | 4.340,70 | 4.255,20 | 4.251,50 | 4.225,20 | 4.250,50 | 4.331,80 | 4.863,30 | 4.928,70 | 5.028,90 | 5.098,40 | 5.106,50 | 5.064,20 |
| PE homens (2.1)' | 2.427,20 | 2.363,50 | 2.352,20 | 2.331,10 | 2.342,40 | 2.379,80 | 2.703,70 | 2.716,90 | 2.767,70 | 2.799,70 | 2.796,20 | 2.753,80 |
| PE mulheres (2.2)' | 1.913,50 | 1.891,70 | 1.899,30 | 1.894,10 | 1.908,10 | 1.952,00 | 2.159,60 | 2.211,80 | 2.261,20 | 2.298,70 | 2.310,30 | 2.310,40 |
| População Activa (3)' | 4.527,60 | 4.503,50 | 4.563,70 | 4.550,60 | 4.582,80 | 4.644,90 | 5.117,00 | 5.155,40 | 5.234,50 | 5.314,00 | 5.378,80 | 5.408,70 |
| PA homens (3.1)' | 2.515,00 | 2.479,60 | 2.503,10 | 2.491,40 | 2.504,50 | 2.533,50 | 2.815,50 | 2.825,80 | 2.857,10 | 2.892,80 | 2.918,20 | 2.915,60 |
| PA mulheres (3.2)' | 2.012,60 | 2.023,90 | 2.060,60 | 2.059,20 | 2.078,30 | 2.111,40 | 2.301,70 | 2.329,60 | 2.377,40 | 2.421,20 | 2.460,60 | 2.493,10 |
| PIB pm (4)' (unid.: Milhões euro) | 63.563 | 67.066 | 72.908 | 77.327 | 82.484 | 88.934 | 96.492 | 103.186 | 113.175 | 120.243 | a) | a) |
| Taxa Actividade Total (3)/(1)' | 48,4% | 48,2% | 48,8% | 48,6% | 48,9% | 49,5% | 50,5% | 50,7% | 51,2% | 51,6% | 51,8% | 51,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1)' | 56,3% | 55,4% | 55,8% | 55,4% | 55,6% | 56,6% | 57,6% | 57,6% | 57,9% | 58,1% | 58,2% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2)' | 41,3% | 41,5% | 42,3% | 42,4% | 42,7% | 43,0% | 43,9% | 44,2% | 44,9% | 45,4% | 45,9% | 46,2% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3)' | 95,9% | 94,5% | 93,2% | 92,8% | 92,7% | 93,3% | 95,0% | 95,6% | 96,1% | 95,9% | 94,9% | 93,6% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(3.1)' | 96,5% | 95,3% | 94,0% | 93,6% | 93,5% | 93,9% | 96,0% | 96,1% | 96,9% | 96,8% | 95,8% | 94,5% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(3.2)' | 95,1% | 93,5% | 92,2% | 92,0% | 91,8% | 92,5% | 93,8% | 94,9% | 95,1% | 94,9% | 93,9% | 92,7% |
| Produtividade (4)/(1) | 4,1% | 5,5% | 6,8% | 7,2% | 7,3% | 6,7% | 5,0% | 4,4% | 3,9% | 4,1% | 5,1% | 6,4% |
| | 14,64 | 15,76 | 17,15 | 18,30 | 19,41 | 20,53 | 19,84 | 20,94 | 22,50 | 23,58 | | |

ANÁLISE CONVERGÊNCIA

| | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|-------|-------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Taxa Actividade Total (1)/(1)' | 82,6% | 84,2% | 81,8% | 82,0% | 81,4% | 81,1% | 83,3% | 82,6% | 81,4% | 80,2% | 82,1% | 82,0% |
| Taxa Actividade Homens (1.1)/(1.1)' | 98,7% | 97,4% | 95,7% | 96,2% | 94,7% | 91,6% | 94,1% | 96,0% | 95,1% | 93,2% | 94,4% | 94,6% |
| Taxa Actividade Mulheres (1.2)/(1.2)' | 62,1% | 65,5% | 63,5% | 63,0% | 64,4% | 67,5% | 66,6% | 65,0% | 63,5% | 63,9% | 66,3% | 66,1% |
| Taxa Emprego Total (2)/(2)' | 98,9% | 99,1% | 100,3% | 99,2% | 101,0% | 101,5% | 100,6% | 101,3% | 101,3% | 101,8% | 102,7% | 103,8% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(2.1)' | 99,3% | 99,7% | 101,9% | 101,4% | 103,1% | 103,3% | 101,9% | 101,8% | 101,7% | 102,0% | 102,9% | 104,3% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(2.2)' | 97,6% | 97,1% | 96,6% | 94,2% | 96,6% | 98,1% | 97,6% | 99,8% | 100,0% | 101,1% | 101,9% | 102,6% |
| Produtividade (3)/(3)' | 54,0% | 53,9% | 53,1% | 50,6% | 49,2% | 46,0% | 47,8% | 45,0% | 46,4% | 46,8% | 46,8% | 46,8% |
| Y/Y' | 44,1% | 44,9% | 43,6% | 43,7% | 43,4% | 40,8% | 40,8% | 39,4% | 39,5% | 39,0% | 38,7% | 38,4% |
| 1-(Y/Y') | 55,9% | 55,1% | 56,4% | 56,3% | 56,6% | 59,2% | 59,2% | 60,6% | 60,5% | 61,0% | 61,3% | 61,6% |

Fonte: SREA

a) Dados estatísticos inexistentes

| | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| CONTINENTE | | | | | | | | | | | | |
| População Total (1)' (unid.: Milhares de pessoas) | 10.555,93 | 10.071,64 | 10.102,93 | 10.121,92 | 10.128,12 | 10.129,30 | 10.131,12 | 10.124,33 | 10.117,94 | 10.109,05 | 10.097,07 | 10.083,30 |
| PT homens (1.1)' | 5.172,41 | 4.878,21 | 4.849,41 | 4.858,52 | 4.861,50 | 4.862,07 | 4.908,24 | 4.859,68 | 4.856,61 | 4.852,34 | 4.846,59 | 4.887,59 |
| PT mulheres (1.2)' | 5.383,53 | 5.193,43 | 5.253,52 | 5.263,40 | 5.266,62 | 5.267,24 | 5.222,88 | 5.264,65 | 5.261,33 | 5.256,70 | 5.250,48 | 5.195,72 |
| População Empregada (2)' | 5.096,17 | 5.081,17 | 5.066,21 | 5.051,30 | 5.036,42 | 5.021,60 | 5.006,81 | 4.992,07 | 4.977,38 | 4.962,73 | 4.948,12 | 4.933,55 |
| PE homens (2.1)' | 2.747,62 | 2.740,02 | 2.732,44 | 2.724,88 | 2.717,34 | 2.709,82 | 2.702,33 | 2.694,85 | 2.687,39 | 2.679,96 | 2.672,55 | 2.665,15 |
| PE mulheres (2.2)' | 2.348,55 | 2.341,15 | 2.333,77 | 2.326,42 | 2.319,08 | 2.311,77 | 2.304,49 | 2.297,22 | 2.289,98 | 2.282,77 | 2.275,57 | 2.268,40 |
| População Activa (3)' | 5.392,78 | 5.376,90 | 5.361,07 | 5.345,29 | 5.329,55 | 5.313,86 | 5.298,22 | 5.282,62 | 5.267,07 | 5.251,56 | 5.236,10 | 5.220,69 |
| PA homens (3.1)' | 2.907,53 | 2.899,49 | 2.891,47 | 2.883,47 | 2.875,49 | 2.867,54 | 2.859,60 | 2.851,69 | 2.843,80 | 2.835,94 | 2.828,09 | 2.820,27 |
| PA mulheres (3.2)' | 2.485,24 | 2.477,41 | 2.469,60 | 2.461,82 | 2.454,06 | 2.446,32 | 2.438,61 | 2.430,93 | 2.423,26 | 2.415,63 | 2.408,01 | 2.400,42 |
| PIB pm (4)' (unid.: Milhões euro) | | | | | | | | | | | | |
| Taxa Actividade Total (3)/(1)' | 51,1% | 53,4% | 53,1% | 52,8% | 52,6% | 52,5% | 52,3% | 52,2% | 52,1% | 51,9% | 51,9% | 51,8% |
| TA Homens (3.1)/(1.1)' | 56,2% | 59,4% | 59,6% | 59,3% | 59,1% | 59,0% | 58,9% | 58,7% | 58,6% | 58,4% | 58,4% | 57,7% |
| TA Mulheres (3.2)/(1.2)' | 46,2% | 47,7% | 47,0% | 46,8% | 46,6% | 46,4% | 46,7% | 46,2% | 46,1% | 46,0% | 45,9% | 46,2% |
| Taxa Emprego Total (2)/(3)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(3.1)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(3.2)' | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% | 94,5% |
| Produtividade (4)/(1) | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% | 5,5% |

ANÁLISE CONVERGÊNCIA

| | | | | | | | | | | | | |
|---------------------------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Taxa Actividade Total (1)/(1)' | 83,5% | 81,1% | 81,9% | 82,6% | 83,3% | 83,9% | 84,6% | 85,2% | 85,9% | 86,5% | 87,2% | 87,9% |
| Taxa Actividade Homens (1.1)/(1.1)' | 97,8% | 91,9% | 92,5% | 92,6% | 92,6% | 92,6% | 93,4% | 92,5% | 92,4% | 92,3% | 92,2% | 93,1% |
| Taxa Actividade Mulheres (1.2)/(1.2)' | 66,7% | 67,3% | 68,5% | 70,0% | 71,4% | 72,9% | 73,8% | 75,9% | 77,4% | 79,0% | 80,5% | 81,4% |
| Taxa Emprego Total (2)/(2)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Taxa Emprego Homens (2.1)/(2.1)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Taxa Emprego Mulheres (2.2)/(2.2)' | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% | 100,9% |
| Produtividade (3)/(3)' | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% | 96,8% |
| Y/Y' | 81,6% | 79,2% | 80,0% | 80,7% | 81,4% | 82,0% | 82,6% | 83,2% | 83,9% | 84,5% | 85,2% | 85,8% |
| 1-(Y/Y') | 18,4% | 20,8% | 20,0% | 19,3% | 18,6% | 18,0% | 17,4% | 16,8% | 16,1% | 15,5% | 14,8% | 14,2% |

Fonte: SREA

a) Dados estatísticos inexistentes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anxo, D. & Fagan, C. (2000). "Service Employment: A gender perspective", *The Job Creation Potencial of the Service Sector in Europe*. Employment Observatory Research Network. European Commission, 89-111.
- Barbosa, L. G. M. (2002). "Os impactos económicos do turismo e sua implicação nas políticas públicas: o caso do município de Macaé-RJ, Brasil". Trabalho apresentado no VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública. Lisboa.
- Brau, R., Lanza, A. e Pigliaru, F. (2003). *How Fast are the Tourism Countries Growing? The cross-country evidence*. Nota di Lavoro 85.2003. Natural Resources Management.
- Comissão Europeia (2001). *Segundo Relatório sobre a Coesão Económica e Social na União Europeia*. Bruxelas.
- Comissão Europeia (2004). *Economic Forecast – Spring 2004*. Bruxelas.
- Comissão Europeia (2004). *Terceiro Relatório sobre a Coesão Económica e Social na União Europeia*. Bruxelas.
- De La Fuente, A. (2000). "Convergence across countries and regions: theory and empirics" in *Regional Convergence in Europe: Theory and empirical evidence*. Cahiers Papers, 2, Volume 5. European Investment Bank, 25-42.
- De La Fuente, A. (2001). *Regional Convergence in Spain: 1965-95*. Instituto de Análisis Económico. Barcelona.
- Deloitte & Touche (2002). *Guias Técnicas de investimento em Turismo, o Plano de Negócios*. Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo. Lisboa.
- Direcção Regional de Estudos e Planeamento (2001). *Plano Regional de Médio Prazo 2001-2004*.
- Filho, F. C. (2002). *Contribuições do Turismo à Economia Brasileira*. Tese de doutoramento inédita. Universidade de S. Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". S. Paulo.
- Fortuna, M. (1988, 1984). *A população activa dos Açores e a sua distribuição sectorial (1970-1996)*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada.
- Fortuna, M. (1993). "Algumas Questões Sobre o Desenvolvimento dos Açores: perspectivas para a viragem do século", *III Semana de Estudos da Cultura Açoriana e Catarinense, 30 Outubro a 4 Novembro 1989*. Universidade dos Açores. Ponta Delgada, 47-59.

- Fortuna, M. (2002). "Traços da economia açoriana no virar do século XX", *Economia Açoriana e História Económica e Empresarial*. Actas de Colóquio de 2002. Banco Espírito Santo dos Açores, 137-152. Ponta Delgada.
- Fortuna, M. e Vieira, J. (2003). *The Contribution of Tourism to Growth: Lessons from the Azores and Madeira*. Colóquio Internacional – Tourisme et Développement Durable. Universidade de Antilhas e Guyana, Departamento de Economia. Martinica.
- Godinho, M. M. e Mamede, R. P. (2004). "Convergência e Mudança Estrutural no Âmbito dos Países da Coesão", *Análise Social, XXXVIII*, (169), 169-190. Lisboa.
- Government of British Columbia (2000). *British Columbia Labour Force Participation Rate Model*. Ministry of Finance and Corporate Relations.
- Governo Regional dos Açores (2000). *Programa Operacional para o Desenvolvimento Económico e Social dos Açores, 2000-2006*.
- Governo Regional dos Açores, Governo Regional da Madeira e Gobierno de Canárias (2001). *INTERREG III-B, Espaço de Cooperação Açores, Madeira e Canárias*.
- Governo Regional dos Açores. *Plano Regional de Emprego, 2003*.
- Instituto Nacional de Estatística (2004). *Contas Regionais 1995-2001*.
- Instituto Nacional de Estatística (2004). *Projeções de População Residente Portugal e NUTS II – 2000-2050*.
- Instituto Nacional de Formação Turística. (1995). *Estudos Turísticos, 0, 1.º Semestre*. Lisboa.
- Jones, G. and Schneider, W. J. (2004). *Intelligence, Human Capital and Economic Growth: An Extreme-Bounds Analysis*. Southern Illinois University, Department of Economics and Finance. Edwardsville.
- Leal, E. (1990). *Turismo e Desenvolvimento Regional*. Eurosigno Publicações, Lda. Ponta Delgada.
- Marques, A. (2002). *Crescimento, Competitividade e Produtividade, Problemas de desempenho da economia Portuguesa*. Documento de Trabalho n.º 11. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos da União Europeia. Coimbra.
- Metten, A. (1992). "Turismo e Fiscalidade, Capítulo V – Aspectos relacionados com o turismo" in *Turismo na Europa*. Parlamento Europeu. Bruxelas, 67-71.
- Nowak, J. J., Sahli, M. & Sgro, P. M. (2004). *Tourism, Trade and Domestic Welfare*. Nota di Lavoro 24. Natural Resources Management.

- Castro, A. (2000). *Mobilidade Sectorial, Profissional e Regional: Tendências Recentes e Perspectivas Futuras*. Observatório do Emprego e Formação Profissional, Estudos e Análises. Lisboa.
- Oliveira, A. C. (1992). "Turismo e Política Regional, Capítulo V – Aspectos Relacionados com o Turismo" in *Turismo na Europa*. Parlamento Europeu, 39-45.
- Pigeon, M. A. and Wray, L. R. (1999). *Demand Constraints and Economic Growth*, Working Paper No. 269. The Jerome Levy Economics Institute. New York.
- Resolução do Parlamento Europeu, de 11 de Junho de 1991 (Doc. A3-0155-91), sobre a política comunitária do turismo.
- Resolução do Parlamento Europeu, de 13 de Julho de 1990 (Doc. A5-120/90), sobre as medidas necessárias para proteger o meio ambiente da deterioração eventualmente causada pelo turismo de massas, no quadro do Ano Europeu do Turismo.
- Rocha, G., Medeiros, O., Tomás, L., Madeira, A., Borralho, A. (1999). *A Situação das Mulheres nos Açores*. Universidade dos Açores, Centro de Estudos Sociais. Ponta Delgada.
- Serviço Regional de Estatística dos Açores (1992-2003). *Estatísticas do Turismo*.
- Serviço Regional de Estatística dos Açores (1992 a 2003). *Inquérito ao Emprego*.
- Serviço Regional de Estatística (2001). *Série Estatística 1989-1999*.
- Silva, J. A., Basílio, P. B., Carrasco, P., Garcês, P., Rebelo, S. (1999). *O Impacte do Turismo na Economia Portuguesa em 1995*. Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo. Algarve.